

MIMO – Museu de Imagem em Movimento:

Impacto no Desenvolvimento Comunitário

Relatório de Mestrado

Sílvia Maria Ferreira Ambrósio Amador

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Maria São Pedro dos Santos Silva Lopes

Leiria, Junho de 2013

Ciências da Educação - Educação e Desenvolvimento Comunitário

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Resumo

Por considerar que os museus são mais do que um espaço agradável onde se pode disfrutar do tempo livre, por olhar para eles como um veículo de educação e por conseguinte impulsionadores do desenvolvimento comunitário, ao surgir a proposta de pensar uma investigação na área de Educação e Desenvolvimento Comunitário logo surgiu o MIMO enquanto instituição cultural.

Percecionando o MIMO como uma janela aberta a toda a comunidade, a pergunta de partida que se colocou foi: “De que modo se enquadra o MIMO – Museu de Imagem em Movimento numa perspetiva de Desenvolvimento Comunitário?”

Perante esta questão desde logo se definiram os objetivos que passaram por, verificar a dinâmica existente entre o Museu e a comunidade e interpretar o impacto pessoal e social sentido pelos visitantes e participantes nas atividades do museu, para compreender de que forma promove o MIMO desenvolvimento comunitário.

Para dar continuidade a esta proposta tomaram-se algumas opções metodológicas, que passaram por focar ambas as abordagens qualitativa e quantitativa, pois sendo intuito estudar a relação entre o museu e a comunidade, mostrou-se pertinente auscultar as opiniões de ambas as partes e de diferentes prismas. Optou-se por fazer uma triangulação de dados, que se mostrou relevante neste estudo de caso, tendo sido utilizados como instrumentos e técnicas de recolha de dados, inicialmente, um inquérito por entrevista à então diretora do museu, tendo também havido uma análise documental, que se cruzou e complementou com os dados obtidos através do inquérito por questionário passado aos visitantes do museu.

Deste modo, após a compreensão do trajeto dos Museus em geral, no enquadramento teórico, onde se debruçou também sobre os conceitos de Educação e de Desenvolvimento Comunitário, cruzando a informação existente com os dados obtidos pela investigação, conseguiu verificar-se efetivamente que o MIMO se enquadra de diversas formas numa perspetiva de desenvolvimento Comunitário.

Verificou-se que as intenções que estão na base da oferta cultural, que compreendem atitudes pedagógicas, são depois efetivamente sentidas e percebidas pela comunidade em geral, tendo-se compreendido que o acesso à cultura bem como o contacto direto com a arte, seja através da criação ou da simples contemplação, contribui para um aumento efetivo na qualidade de vida das pessoas.

Palavras chave

Arte, Desenvolvimento Comunitário, Educação, Museu

Abstract

Believing that museums are more than just a nice place to enjoy free time and looking at them as a vehicle for education and as community development boosters, soon emerged Mimo as the center for research on a cultural institution and its impact in the area of Education and Community Development.

Seeing Mimo as an open window to the whole community, the initial question was: "How do MIMO-Museu de Imagem em Movimento fits in a Community Development perspective?"

Faced with this question the goals were defined: to check the dynamic between the Museum and the community, and to interpret the personal and social impact felt by visitors and participants in the Museum's activities, in order to understand how does Mimo promote community development.

The methodological options focused on both qualitative and quantitative approaches, once the goal was to study the relationship between the Museum and the Community. It seemed relevant to analyze different prisms and different point of view. The data triangulation, proved to be relevant in this case study. As instruments and data collection techniques, initially it was applied an inquiry by interview to the Director of the Museum, that was complemented with the data obtained from past and present survey Museum visitors.

After understanding the history of Museums in general, in the theoretical framework, where Education and Community Development concepts were also approached, and crossing the existing data with the data obtained by the research, it was easy to verify that Mimo fits in many perspectives in the concept of community development.

It was possible to verify that the agenda behind Mimo's cultural offer, that comprehends educational attitudes, are effectively felt by the community in general. It was also understood that the access to culture as well as direct contact with art, either by creating it or by simple

contemplation, does contribute to an effective increase in ones quality of life.

Keywords

Arts, Community Development, Education, Museums

Índice Geral

Resumo	ii
Abstract.....	iv
Índice Geral	vi
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	4
1. Desenvolvimento Comunitário	4
1.1 Desenvolvimento.....	4
1.2 Comunidade	6
1.3 Desenvolvimento Comunitário	7
2. Educação	10
2.1 Educação	10
2.2 Ensino artístico e Educação pela arte	13
3. Museus	18
3.1 Origens	18
3.2 Evolução.....	22
3.3 Património e Identidade	26
3.4 Serviço Educativo	30
Capítulo II – Metodologia	36
1. Contexto do Estudo.....	36
2. Abordagem Metodológica	38
2.1 Metodologia qualitativa e quantitativa.....	39
2.2 Instrumentos e técnicas de recolha de dados.....	40
2.2.1 Inquérito por Entrevistas	41
2.2.2 Análise documental	42
2.2.3 Inquérito por questionário	43
3. Problemática e pergunta de partida.....	44
3.1 Problemática.....	44
3.2 Pergunta de partida e objetivos	45

4. Apresentação e discussão dos resultados	46
4.1 Inquérito por Entrevista.....	46
4.2 Análise Documental	52
4.3 Inquéritos por Questionário.....	56
Conclusões.....	72
Bibliografia.....	77

Índice de Anexos

<i>Anexo I - Acessos</i>	<i>80</i>
<i>Anexo II - Entrevista com a Diretora do MIMO.....</i>	<i>81</i>
<i>Anexo III - Grelha de análise de conteúdo do inquérito por entrevista</i>	<i>90</i>
<i>Anexo IV - Tabela de iniciativas do Serviço Educativo.....</i>	<i>93</i>
<i>Anexo V - Fax de Agradecimento</i>	<i>95</i>
<i>Anexo VI – Livro de Honra.....</i>	<i>96</i>
<i>Anexo VII – Inquérito por Questionário.....</i>	<i>104</i>
<i>Anexo VIII – Gráficos Questionários</i>	<i>107</i>
<i>Anexo IX - Grelha de análise de Conteúdo 1ª Questão Grupo V Questionários</i>	<i>112</i>
<i>Anexo X - Grelha de análise de Conteúdo 2ª Questão Grupo V Questionários.....</i>	<i>113</i>
<i>Anexo XI - Grelha de análise de Conteúdo Grupo VI Questionários.....</i>	<i>115</i>

Introdução

O mundo global em que vivemos está em plena transformação e nós fazemos parte dessa transformação, contudo está nas nossas mãos escolher o lado em que nos posicionamos.

Podemos ser meros espetadores e ter esperança por uma vida melhor, ou podemos ser atores dessa mudança e lutar para que ela vá em direção aos nossos objetivos.

Para resolvermos esta questão precisamos de ter em conta vários fatores. Em primeiro lugar, para sermos atores de mudança temos à partida de ter o conhecimento da situação atual, temos de nos dar ao trabalho de sair da nossa zona de conforto para nos embrenharmos na realidade, não só na nossa realidade mas na realidade efetiva de todas as pessoas que nos rodeiam e habitam este planeta connosco, e ter capacidade de análise para identificar a situação.

Precisamos então de distinguir os problemas sociais que se nos apresentam, pensar o que se pode mudar e como, qual a melhor metodologia tendo em conta tanto os recursos de que dispomos como as consequências das alterações que nos propomos fazer, não só da nossa perspetiva, mas da perspetiva de toda a comunidade. Analisar os recursos de que dispomos, fazer mais com menos. Para isso não basta estar diante dos problemas, há que haver uma consciencialização dos mesmos, há que os estudar das várias perspetivas, há que imbricar as várias disciplinas do saber que já nos foi possível conhecer e pôr esse saber ao serviço da Humanidade.

Para colocar esse saber ao serviço da Humanidade, há que ser crítico, há que ter em conta a diversidade de perspetivas existentes e aprender que se o mundo é um todo e se todos estamos interligados nesta globalização, tem de se dar valor às relações, às parcerias e sinergias, aceitar a inovação e dar valor às soluções criativas. Devemos tirar partido da globalização e beber da sabedoria uns dos outros, seja através das diferentes disciplinas a que cada um se dedica, seja através das diferentes culturas que existem por este mundo fora. Compreender o melhor de cada cultura sem fazer pré-julgamentos, ter sempre em conta que os nossos preconceitos os vamos colhendo na nossa viagem que é a vida, porque se por um acaso cada um tivesse chegado onde chegou por outro caminho e tivesse apreendido conceitos e reportórios diferentes também teria um comportamento ou um modo de pensar diferente, um modo diferente de analisar e

avaliar as situações. É por isso imprescindível uma tomada de consciência. Há que aprender a ver, ouvir, sentir, perceber o mundo e ser crítico acerca do mesmo.

Foi precisamente pela ativação dos sentidos e percepções que o MIMO – Museu de Imagem em Movimento – me seduziu como Instituição. Esta dissertação surgiu no âmbito de um mestrado em Ciências da Educação - especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário.

Perante a proposta de fazer uma investigação nesta área, e por considerar serem os museus um veículo de educação e por conseguinte impulsionadores do desenvolvimento comunitário, desde logo me propus primeiro, e colocando de lado quaisquer ideias que pudesse ter preconcebidas, a tentar fundamentar essa opinião, e depois a tentar compreender precisamente de que forma é que isso poderia acontecer mais concretamente. Sendo de Leiria e sendo o MIMO – Museu de Imagem em Movimento um Museu Municipal, que depende diretamente da divisão da cultura da Câmara Municipal de Leiria, o contexto da investigação pareceu-me claro. A investigação aqui apresentada pretendeu então observar a relação entre o MIMO e a Comunidade e interpretá-la num contexto de Desenvolvimento Comunitário.

No **capítulo I** é apresentado o enquadramento teórico que visa abordar alguns conceitos fulcrais para a análise do tema. Para esta abordagem recorreu-se a uma revisão da bibliografia existente, a fim de compreender o estado da arte em temas como o Desenvolvimento Comunitário, a Educação e os Museus.

Assim, num primeiro ponto aborda-se o conceito de Desenvolvimento e o de Comunidade para se passar à compreensão da abrangência que pode ter o conceito de Desenvolvimento Comunitário propriamente dito. Num segundo ponto procura-se compreender o conceito de Educação e o que esta deve promover, fazendo depois uma breve abordagem mais específica à Educação pela arte e ao Ensino artístico. O terceiro ponto, dedicado aos Museus, subdivide-se em quatro temas. Inicialmente procura abordar-se o que está na Origem dos mesmos, o que levou o homem a construí-los, para depois se compreender como evoluíram e porquê. A explicação dessa Evolução levou ao tema Identidade e Património e ao tema do Serviço Educativo.

No **capítulo II** passa-se à apresentação do Estudo, abordando o contexto de estudo e a metodologia utilizada na investigação, explicando alguns conceitos que permitem

compreender o porquê de determinadas escolhas no que toca aos métodos utilizados, passando de seguida para a apresentação e análise dos dados recolhidos, que por sua vez conduzem às conclusões apresentadas.

Num primeiro ponto desta apresentação faz-se uma incursão pelo museu por forma a contextualizar o local da investigação.

De seguida, ao referir as opções metodológicas, faz-se uma breve incursão pelas abordagens qualitativa e quantitativa. Optou-se por fazer uma triangulação de dados, que se mostrou relevante neste estudo de caso. Passou-se de seguida a explicar os instrumentos e técnicas de recolha de dados utilizados, sendo que se procedeu inicialmente a um inquérito por entrevista à então diretora do museu, tendo de seguida havido uma análise documental, que se cruzou e complementou com os dados obtidos através do inquérito por questionário passado aos visitantes do museu.

Exposto isto, abordou-se a problemática e a pergunta de partida bem como os objetivos por ela delineados. Sendo a pergunta de partida “De que modo se enquadra o MIMO – Museu de Imagem em Movimento numa perspetiva de Desenvolvimento Comunitário?”, os objetivos passaram por verificar a dinâmica existente entre o Museu e a comunidade, para compreender de que forma promove o MIMO desenvolvimento comunitário, ao mesmo tempo que se procura interpretar o impacto pessoal e social sentido pelos visitantes e participantes nas atividades do museu.

Passa-se então à apresentação, análise e discussão dos dados obtidos através dos diferentes métodos e técnicas, que pretendem elucidar a relação entre o Museu e a Comunidade, para dar respostas às questões levantadas anteriormente.

Esta análise conduz a algumas conclusões que se espera contribuam de alguma forma para a compreensão da interação desta instituição com a comunidade, bem como para a compreensão dos benefícios que a comunidade pode obter através de instituições culturais como seja o caso dos museus em geral e deste museu em particular.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1. Desenvolvimento Comunitário

1.1 Desenvolvimento

Começamos por uma breve abordagem ao conceito de desenvolvimento, sendo que perante a existência de uma quantidade tão grande de variantes passíveis de desenvolvimento, existem também conceitos diversos, diferenciados e até por vezes ambíguos em relação ao seu significado.

No Dicionário de Ciências Sociais de Birou (1982), a descrição de Desenvolvimento começa por abordar o seu sentido biológico e moral, no qual o significado de desenvolver é favorecer o crescimento de um ser ou de uma faculdade. Mais adiante, já numa definição ao encontro do sentido económico, o mesmo autor alerta para o facto de o termo ser por vezes utilizado de forma imprecisa para significar um crescimento orgânico e harmonizado, significando um progresso da economia inscrito num progresso geral da comunidade. O autor ressalva contudo, ainda nessa área, que “É indispensável também que o conjunto dessas atividades económicas contribua para melhorar os níveis e as condições de vida na coletividade.” (p.110)

Ou seja, a palavra desenvolvimento leva-nos a uma ação de evolução, de melhoramento de um estado para outro, a um processo em que independentemente do ponto de partida desenvolver implica um aumento, uma melhoria. Como refere Perroux (1981), o desenvolvimento tanto é “ (...) a ação de desenvolver como o que daí resulta” (p.13). O mesmo autor refere ainda que o desenvolvimento “pressupõe a expansão da atividade dos homens em relação aos homens, pela troca de bens ou serviços ou pela troca de informação e de símbolos.” (*Ibidem*, p.13)

O desenvolvimento pode ter lugar nos mais variados âmbitos que possamos imaginar, porém, para o tema que aqui se encontra em análise, interessa-nos analisar o desenvolvimento dos indivíduos, tanto ao nível humano e inter-relacional, de capacitação e *empowerment*, como das infraestruturas e sinergias que o podem proporcionar ou facilitar.

O ponto de partida para esse desenvolvimento também pode ser muito variável, podendo haver um desenvolvimento inicial, num estado de extrema necessidade, como

algo já desenvolvido de determinada perspectiva pode desenvolver ainda mais. Como refere Carmo (2007) numa explicação da perspectiva de Lebret em relação ao conceito de Desenvolvimento, em que salienta tratar-se “ (...) de um processo dinâmico e inacabado, de uma direção que se toma e não um ponto que se alcança. Neste sentido, nenhum país se deve considerar desenvolvido, apenas posicionado num dado ponto de uma escala.” (p.75)

Daí a necessidade de uma análise crítica ao estado da situação, pois antes de se mudar há que ter uma consciência concreta da realidade em que se está inserido que permita a observação dos pontos específicos a desenvolver, bem como da melhor forma de o fazer. Como refere Perroux (1981) “ (...) a problemática do desenvolvimento é, também, a chave da compreensão do presente e do real, e, no seu conteúdo crítico e positivo, a expressão de uma exigência na qual é necessário reconhecer a visão racional do presente (...) ”. (p.11)

Para Piaget (1977) o desenvolvimento - neste caso específico em relação ao pensamento, que nos interessa pela sua intrínseca ligação ao indivíduo - é a procura de equilíbrio - processo de equilibração. Associando o desenvolvimento do conhecimento à aquisição de novas estruturas, este autor refere que o desenvolvimento do pensamento tem de ser visto como uma regulação entre as estruturas existentes e as adquiridas, daí o termo equilíbrio - reequilibrar. Alertando para o facto de nem todos os reequilíbrios se fazerem de forma positiva, sendo que alguns levam ao equilíbrio anterior, destaca que “(...) as reequilibrações mais importantes para o desenvolvimento consistem, pelo contrário, em formações não só de um equilíbrio novo mas também, em geral, de um equilíbrio melhor (...)”. (p.13)

“O desenvolvimento é um processo de construção de futuros sociais que envolve programas (práticas), discursos e imaginários com o objectivo de mudar uma comunidade, um território ou um grupo de pessoas.” (Pérez, 2009, p.159)

Podemos então observar que independentemente da variante à qual esteja a ser considerado o desenvolvimento, a qual poderá atribuir diferentes especificidades ao desenvolvimento em si, este abarca sempre o desejo de uma transição para um estado superior. Um processo de evolução. Seja para mais forte, mais denso, mais coeso, mais

autossuficiente, mais produtivo, mais feliz, mais e melhor implicam crescimento que se alcança através de um desenvolvimento.

1.2 Comunidade

O início das discussões acerca do conceito de comunidade é atribuído, por muitos autores que se dedicam às Ciências Sociais, ao sociólogo Friedrich Tönnies, na sua obra *Gemeinschaft und Gesellschaft* (1887). Nesta obra Tönnies caracteriza comunidade, em oposição a sociedade, como “forma de vida antiga que se desenvolveu a partir da agregação de famílias num mesmo espaço, caracterizando-se por uma coesão social baseada em laços de sangue, de amizade, de costumes e de fé.” (Tönnies como citado em Carmo, 2007, p.79) A sociedade como modelo de organização social, tendo surgido como efeito da industrialização, distingue-se da comunidade por ser mais impessoal, individual.

Campiche, Hippolyte e Hipólito (1992) ressalvam a quantidade de definições existente para este conceito que o acabam por tornar ambíguo, salientando características predominantes da comunidade como “ (...) o aspeto geográfico e as interações sociais no seio duma unidade geográfica (...) ” ou ainda “ (...) um grupo de pessoas partilhando dos mesmos interesses (...) ” que não partilhando o mesmo local “ (...) formam também uma comunidade.” (p.69)

A maior diferença é que enquanto a uma se pode pertencer logo à nascença, incondicionalmente, como se de uma herança se tratasse, a outra já prevê uma racionalidade, uma intencionalidade de se juntar a outros indivíduos que partilham as mesmas ideias.

Cada indivíduo pode até pertencer a diferentes comunidades, ou seja, se pode haver um sentido de pertença a um bairro, ou aldeia, estando aqui o espaço geográfico na base da definição das fronteiras da comunidade, também pode existir esse mesmo sentido de pertença e partilha de valores com uma religião. Aqui, embora no mesmo espaço geográfico se possam encontrar várias religiões, depois haverá ajuntamentos ou reuniões e celebrações de cada uma das comunidades existentes, ou seja, mesmo que se juntem será sempre considerada uma reunião entre as diferentes comunidades.

Na mesma linha, um indivíduo pode-se inserir na comunidade da escola que frequenta, onde existe uma fronteira geográfica em relação ao local frequentado, mas é possível também referirmo-nos à comunidade universitária que já vai abranger todas as universidades, ou a uma comunidade profissional, como seja a comunidade científica ou a comunidade dos médicos, a dos professores, ou a dos polícias, entre outros, que poderão ser dos mais variados locais, mas têm em comum as funções que desempenham.

Uma comunidade pode ainda ter como elo de ligação as mais distintas especificidades desde a alimentação, a um desporto específico ou até uma equipa de desporto em particular, um passatempo, a orientação sexual, um meio de transporte de eleição, em suma um interesse comum. Muitas comunidades existem simplesmente pela partilha de ideologias ou valores, sejam existenciais, ambientais, religiosos ou políticos.

Não podemos deixar de referir as comunidades terapêuticas, seja qual for o problema ou desvio, nas comunidades terapêuticas a função é precisamente fazer sentir aos indivíduos essa tal sensação de pertença que ajudará na integração através da qual o desvio mais facilmente conseguirá ser ultrapassado, seja ele referente a hábitos de consumo, ou problemas de saúde que necessitem de tal forma de tratamento.

Seja qual for o caso, seja por habitarem um mesmo espaço geográfico ou pela partilha de interesses comuns, a comunidade suscita sempre um sentido de partilha que origina solidariedade e sensação de pertença, de aceitação.

Podemos observar ainda que dentro da mesma comunidade podem coexistir inúmeras comunidades.

1.3 Desenvolvimento Comunitário

Se o processo de Desenvolvimento e a Comunidade já são dois conceitos em volta dos quais se encontra uma diversidade tão grande de teorias, em relação ao processo de desenvolvimento comunitário também os vamos encontrar. Ora, aqui vão-se incluir tanto as variantes passíveis de desenvolvimento, como as de comunidades passíveis de existir. Sendo que, cada projeto de Desenvolvimento Comunitário determina logo à partida a Comunidade que pretende ou necessita de desenvolver, pois é a partir daí, com

a análise específica dessa Comunidade alvo, bem como o profundo conhecimento da mesma, que vão sair os eixos de orientação para a obtenção do desenvolvimento, seja pelos intervenientes locais pertencentes à comunidade na ação, seja pelos agentes exteriores ou grupos-satélite que ajudem à implementação de algumas mudanças que propiciem o desenvolvimento autónomo.

O desenvolvimento comunitário é o melhoramento das condições de vida daqueles que se inserem numa determinada comunidade, tendo em conta a especificidade dessa comunidade, bem como o estado de desenvolvimento em que a mesma se encontra.

Este melhoramento é medido pelo aumento do potencial social, económico e ambiental de uma determinada região ou localidade, quando se trata de uma comunidade geográfica, valorizando-se cada vez menos o fator quantitativo e mais o qualitativo como a sustentabilidade dos projetos, o bem-estar e a dignidade das pessoas, a autonomia, o *empowerment*, seja do indivíduo, seja da comunidade.

Acabando sempre por se ligar de uma forma ou de outra ao crescimento económico, tem-se no entanto vindo ao longo dos tempos a tentar criar um certo afastamento, tanto quanto possível, da associação direta do desenvolvimento comunitário ao crescimento económico, por forma a valorizar mais o estado de saúde, quer física quer mental, de higiene, de educação, de condições básicas e de auto sustentabilidade.

Segundo Silva, M. (1964) a definição deste conceito que mereceu uma aceitação quase geral deve-se às Nações Unidas e refere:

O desenvolvimento Comunitário é uma técnica pela qual os habitantes de um país ou região unem os seus esforços ao dos poderes públicos com o fim de melhorarem a situação económica, social e cultural das suas coletividades, de associarem essas coletividades à vida da Nação e de lhes permitir que contribuam sem reserva para os progressos do País. (p.498)

A mesma autora (1964) ressalta ainda que esta técnica surge de uma sinergia entre diferentes disciplinas como a Economia, a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia Cultural direcionada para o progresso humano com o intuito de o suscitar, orientar e controlar.

Ander-Egg (1980) define o conceito caracterizando-o como:

(...) uma técnica social de promoção do homem e de mobilização de recursos humanos e institucionais, mediante a participação ativa e democrática da população, no estudo, planeamento, e execução de programas ao nível de comunidades de base, destinados a melhorar o seu nível de vida. (como citado em Carmo, 2007, p.84)

Logo aqui fica-se com o conceito de desenvolvimento comunitário, ou seja, consoante a situação inicial, compreende-se um progresso.

É suposto ser um processo por meio do qual uma comunidade se torna protagonista do seu próprio desenvolvimento. Nunca numa base de assistencialismo, mas ocorrendo esse processo por meio do desenvolvimento dos capitais humano e social, atendendo a fatores como a mobilização comunitária, construção coletiva do conhecimento, criação e manutenção de espaços de participação, valorização dos talentos e recursos locais, respeito ao tempo e às capacidades da comunidade.

Ora este desenvolvimento tanto pode ser necessário numa comunidade que não tem saneamento básico ou eletricidade, como o pode ser numa comunidade que tenha essas infraestruturas mas não tenha acesso a educação. Numa comunidade com ambas pode fazer falta um desenvolvimento ao nível da organização das pessoas, ou capacitação das mesmas. O desenvolvimento tanto pode ser necessário ao nível de infraestruturas como de pessoal ou capitalização humana. Qualquer comunidade que se denomine desenvolvida, tem e terá sempre algo passível de desenvolver, seja ao nível de infraestruturas, seja ao nível social, ao nível ambiental ou ao nível humano.

Silva, M. (1964) salienta que, salvaguardada a necessidade extrema e portanto prioritária de determinadas comunidades para o desenvolvimento comunitário, não se deve esquecer que também as comunidades ditas desenvolvidas podem e devem beneficiar do mesmo.

Quanto às dimensões do conceito de desenvolvimento comunitário, Carmo (2007, p.84) discerne quatro:

- uma dimensão doutrinária pela implícita filosofia personalista que defende;
- Uma dimensão teórica pelos pré-requisitos de análise sociológica e económica a que se obriga;

- Uma dimensão metodológica pelos propósitos de mudança planeada que defende;
- Finalmente uma dimensão prática pelas consequências que a sua aplicação tem no terreno, tanto pela implicação das comunidades no processo do seu próprio Desenvolvimento como pela alteração das práticas profissionais a que obriga.

Numa época de instabilidade económica e social como a que estamos a passar é pertinente investir nas aprendizagens de modo a fortalecer a comunidade, pois só devidamente estruturada esta pode apresentar potenciais benefícios para o futuro. É trabalhando os indivíduos que se consegue uma melhor sociedade e por conseguinte um desenvolvimento comunitário.

Para que haja desenvolvimento comunitário, é necessário antes de mais que a população assim o deseje, não obstante a mais-valia e impulsão que é oferecida pelas instituições, seja através da capacitação de pessoas, seja através da providência de instalações que proporcionem espaços próprios para tal, se não houver um desejo emergente da comunidade em si, nada se consegue fazer.

O Desenvolvimento Comunitário compreende uma intenção e uma atitude pedagógicas, orientadas para dotar os indivíduos de conhecimentos, saberes, capacidade e experiências que lhes proporcionem autonomia e independência.

É sempre uma técnica ou processo de evolução, não só para, mas acima de tudo com e através da comunidade, seja para ter em conta as necessidades específicas e vontades da mesma, seja para se valorizar a si própria como aos indivíduos, seja para gerar capacidade de continuidade, pois esse é o objetivo, servir de alavanca para poder ser continuado.

2. Educação

2.1 Educação

Não podemos falar em desenvolvimento comunitário sem falar em educação.

Para abordar o tema da educação é aqui transcrito um excerto da carta de Edgar Faure (1972) ao diretor-geral da Unesco, René Maheu, com o intuito de apresentar o relatório

da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação de que era então presidente.

Quatro postulados podem resumir a atitude que assumimos à partida: o primeiro, que constitui a própria justificação da tarefa empreendida, é o da existência de uma comunidade internacional que, sob a diversidade de nações e de culturas, das opções políticas e dos níveis de desenvolvimento, se exprime pela unidade de aspirações, de problemas e de tendências e pela convergência para um mesmo destino. O seu corolário é, para além das divergências e dos conflitos transitórios, a solidariedade fundamental dos governos e dos povos.

O segundo é a crença na democracia concebida como o direito de cada homem se realizar plenamente e de participar na edificação do seu próprio futuro. A chave duma democracia assim concebida é a educação, não só amplamente ministrada mas também repensada tanto nos seus objetivos como nos seus processos.

Constitui o terceiro postulado o desenvolvimento que tem por objetivo a expansão integral do homem em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

O nosso último postulado é o de que a educação para formar este homem completo, cujo advento se torna mais necessário à medida que coações sempre mais duras separam e atomizam cada ser, terá de ser global e permanente. Trata-se de não mais adquirir, de maneira exata, conhecimentos definitivos, mas de se preparar para elaborar, ao longo de toda a vida, um saber em constante evolução e de «aprender a ser». (p.10)

Sendo este um relatório encomendado com o intuito de se fazer uma pesquisa e análise profunda da situação internacional da educação, importa-nos aqui salientar o objetivo específico destacado da Educação, que é precisamente a formação do indivíduo, a capacitação, o *empowerment* do mesmo para que possa decidir qual o melhor rumo a dar à sua vida, bem como contribuir para a sua comunidade, de uma forma ativa e consciente.

Da mesma forma, Grácio (1995) salienta a necessidade de estimular o indivíduo para uma vida ativa quando refere, especificamente no que toca à educação que esta pode ser transmitida através de museus:

O ócio (que pode definir-se por oposição às ocupações profissionais, às exigências e obrigações da vida quotidiana) é o tempo livre que bom fosse libertador: da fadiga, do tédio, dos automatismos que sujeitam os atos e as ideias. Do ponto de vista educativo, cumpre aceitar no ócio o que há de legitimidade nele, de reparação, de recreio; mas cumpre também mobilizar as suas virtudes formativas. Nesta perspetiva, o problema essencial que se põe à pedagogia pertinente é o de utilizar métodos adequados a provocar atitudes de participação *ativa e criadora* nos visitantes, se de museus se trata. (p.192)

É através da educação e com base na aquisição de saberes que os indivíduos se tornam mais capazes. Importa referir que essa educação tanto pode ser transmitida dentro como fora da escola.

O indivíduo é um todo específico e não uniforme, e deve-se ter em conta a diversidade de realidades a que o mesmo está sujeito, as ofertas a que está exposto, quer humanas quer de instituições, dependendo do estado de desenvolvimento da comunidade em que se encontram inseridos. Queremos aqui focar-nos na aquisição de saberes ao longo da vida que pode surgir de diversas formas, aquilo a que alguns autores apelidam de educação não formal ou informal.

Canário (1995) refere mesmo que a reformulação da educação implica dar valor às modalidades educativas não-formais. Na educação não-formal há a preocupação em construir situações educativas à medida de contextos e públicos específicos.

Como já vimos anteriormente o Desenvolvimento pode ser necessário em âmbitos diferentes e pode ser concretizado de diversas formas, a educação, seja ela formal ou não, é sempre um ponto de partida, transmissora de conhecimento que vai proporcionar *empowerment* ao indivíduo, torná-lo mais capaz, mais autónomo para agir e intervir, para lutar pelos seus ideais.

Barbosa e Coutinho (2008) relembram que,

O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates falava da educação como parturição das ideias. (...) Rousseau, John Dewey, Vygostky e muitos outros atribuíam à natureza, ao sujeito ou ao grupo social o encargo da aprendizagem, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador, aglutinador. (...) Paulo Freire consagra na contemporaneidade a ideia de

que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo. (p.13)

Em suma, devemos ter sempre presentes “ (...) os quatro pilares da educação criados e difundidos pela UNESCO no século XX que preconizam para o século XXI O Ser, O Saber, O Saber fazer e o aprender a viver juntos”. (Lopes, Pereira e Vieites, 2007, p.44)

2.2 Ensino artístico e Educação pela arte

Aqui não se tem a audácia de pretender definir arte, mas sim de abordar algumas dimensões do ensino artístico e da educação pela arte, distinguindo-as e estabelecendo a sua relação, primeiro com o indivíduo e com o seu desenvolvimento e depois com a comunidade.

Ora, se por um lado ensino artístico e educação pela arte se distinguem, veremos mais adiante, que qualquer que seja o modo de contacto com a arte, o indivíduo só tem a ganhar. Se o ensino artístico nos leva à educação de uma qualquer arte específica, de uma profissão, com ela vamos estar sempre a trabalhar os sentidos, a concentração, a análise, a crítica, a capacidade de lidar com a frustração inclusive - fator tão importante no desenvolvimento integral do indivíduo, determinante até para uma convivência em sociedade. Já na educação pela arte, vai utilizar-se a arte, não como fim, mas como veículo para a aprendizagem, seja através da captação da atenção para melhor assimilação de conceitos, seja para trabalhar o auto conhecimento através da análise das sensações que esta provoca, seja para o desenvolvimento pessoal obtido através da fruição da mesma, ou até para o conhecimento de novos modos de percepção da realidade e do mundo que nos rodeia - cada vez é mais importante pensar criativamente para mais facilmente chegar a diferentes e melhores soluções, ou seja, alternativas. Seja como for, como refere André (1999),

(...) o fundamental é perceber que, quer praticando quer assistindo à prática de qualquer destas artes, é possível, através da conjugação entre os sentidos, a percepção e a imaginação, afetar e deixar-se afetar em múltiplos sentidos, ou seja, gerar e viver afetos de cargas diferentes, de variadas durações e de múltiplas intensidades. (p.33)

Sendo o homem tão multifacetado e vivendo num mundo cada vez mais plural e polivalente, não se pretende aqui enaltecer umas vias de educação em detrimento de outras mas sim salientar o que a Arte tem de melhor. Veículo de comunicação por excelência, uma ferramenta para a transmissão de valores individuais e sociais, para a construção do ser individual e relacional.

Para melhor fundamentar estas afirmações atentemos a Read (1958) que começa por dizer que a arte devia ser a base da educação, para logo depois se questionar acerca do objetivo da educação, ao que responde que “ (...) está implícita uma conceção libertária da democracia. O objetivo da educação pode ser apenas o de desenvolver, ao mesmo tempo que a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo.” (p.18)

Constata-se que André (1999) pega precisamente nestas referências quando conclui que,

Se a finalidade da educação é desenvolver, ao mesmo tempo, a singularidade do indivíduo e a sua consciência social e reciprocidade para com os outros, então a educação pela arte, que é uma educação através dos sentidos, nomeadamente da visão, do ouvido e do tato, visa necessariamente uma relação harmoniosa e habitual com o mundo exterior, pois é através desses sentidos que a consciência social e a ligação ao meio se geram, se desenvolvem e se estruturam. (p.26)

Ora, logo a partir da leitura destas abordagens se pode verificar a importância atribuída à arte na educação dos sentidos e sua consequente repercussão na educação integral. Mais adiante, o mesmo autor fundamenta a sua teoria dizendo que, “ (...) a melhor forma de intervenção na prática educativa em correspondência com o modelo ecológico do campo afetivo que até agora procurámos explorar é a da educação pela arte, ou se quisermos, a da educação estética (...). ” (*Ibidem*, p.22) Expressão esta, também já utilizada por Read (1958) quando este fundamenta a importância da construção do eu e do seu relacionamento com o mundo, definindo-a do seguinte modo:

(...) educação estética – a educação daqueles sentidos em que se baseiam a consciência e, finalmente, a inteligência e o raciocínio do indivíduo humano. É apenas na medida em que estes sentidos se relacionam harmoniosa e habitualmente com o mundo exterior que se constrói uma personalidade integrada. (p.20)

Ou seja, se à partida se trabalham os sentidos, logo, vamos estar a trabalhar as sensações bem como os sentimentos - base de construção tanto do indivíduo integral como do

filtro com que este absorverá as realidades com que se depara diariamente. É através dos sentidos que nós percecionamos o mundo que nos rodeia e tomamos consciência do mesmo, o que quer dizer que o nosso modo de agir vai depender diretamente de como o absorvemos através dessa mesma percepção.

A este propósito, Robinson (2010) refere que “Não nos limitamos a ver o mundo como ele é; interpretamo-lo através de ideias e crenças particulares que moldam as nossas culturas e pontos de vista.” (p.85) Na mesma linha de raciocínio de Fróis e Castel-Branco (2000) quando salienta que, “Dmitry Leontiev aprofunda os contributos de Mihail Baktin e Lev Vygotsky, sublinhando que o contacto com a Arte está relacionado com o desenvolvimento pessoal num modelo dialógico entre dois mundos: o cognitivo e o afetivo.” (p.9) Querendo com isto dizer que há uma ponte entre o que aprendemos e como o apreendemos, e essa ponte é o significado que vamos dar a essa informação - o modo como a percecionamos e imaginamos. Duas pessoas distintas podem traduzir uma mesma realidade de formas diferentes devido a uma perspetiva influenciada pelo modo como percecionam essa mesma realidade.

Para explicar a importância da percepção na tradução da informação ou das sensações André (1999) cita Espinosa quando este refere que “ (...) a mente não se conhece a si mesma senão na medida em que percebe as ideias das afeções do corpo (...) ” (como citado em André, 1999, p.12), pois o corpo serve de veículo condutor da mensagem que vem do exterior até ao interior. Ribeiro, A. (2009) confirma esta teoria concluindo que “(...) o significado que transforma *dados* em *informação* é construído pelo próprio sujeito (...) ” (p.17) e que “ (...) a significação depende globalmente da cultura e que a atribuição de um valor supõe um *quadro de referência*.” (*Ibidem*)

Todos estes autores concordam que a arte, seja qual for o tipo de contacto com a mesma, desperta sempre a consciência do indivíduo e é nessa perspetiva que o vai tornar num homem melhor, mais desenvolvido, mais crítico e mais atento; mais consciente. Read (1958) diz mesmo que “O objetivo de uma reforma do sistema educacional não é o de produzir mais obras de arte, mas pessoas e sociedades melhores” (p.79). É então crença comum que o contacto com a arte, seja simplesmente pela fruição, seja pela criação, ajuda a formar todos estes sentidos, apurando a capacidade analítica bem como crítica do indivíduo e ainda que essa formação provoca uma certa atitude mais consciente e proactiva no mesmo.

Robinson (2010) alerta ainda para a importância quer do pensamento criativo quer do pensamento linear:

Nos dias de hoje, é largamente aceite que as duas metades do cérebro têm funções distintas. O hemisfério esquerdo está ligado ao raciocínio lógico e sequencial: linguagem verbal, pensamento matemático, etc. O hemisfério direito está ligado ao reconhecimento de padrões, de rostos: percepção visual, orientação no espaço e movimento. No entanto, estes compartimentos do cérebro raramente funcionam de maneira isolada. Se olharmos para as imagens do cérebro em funcionamento, veremos que é altamente interativo. À semelhança do resto do nosso corpo, estas funções estão todas interligadas. (p.82)

Robinson (2010) destaca que a criatividade se assemelha à literacia, dizendo mesmo que a “ (...) imaginação está na base de todas as proezas humanas. A imaginação levou-nos das cavernas às cidades.” (p.65) Mais adiante ressalva que “o pensamento crítico depende, em grande parte, daquilo a que por vezes chamamos pensamento divergente ou lateral e, sobretudo, das metáforas ou analogias.” (*Ibidem*, p.81) Numa conferência referiu mesmo que “se não estivermos preparados para errar, nunca faremos nada de original.” (*Ibidem*, p.79) Ora, esta predisposição para tentar o nunca tentado, para imaginar o inimaginável, para fazer de forma diferente o que sempre tinha sido feito da mesma maneira, pode ser estimulado através da arte.

A este propósito, André (1999) procura demonstrar “ (...) que só uma prática educativa configurada por um paradigma estético que conceda à arte um lugar preponderante pode corresponder ao objetivo fundamental da ação educativa que visa o desenvolvimento equilibrado e harmónico do ser humano (...) ” (p.22), ao passo que Fróis e Castel-Branco (2000) salientam que,

A arte é um importante contributo para a nossa própria identidade e para o nível de consciência na sociedade em que vivemos. A apreciação artística na forma de uma experiência estética está intimamente relacionada com a situação existencial do indivíduo e da sociedade. Educação é vida e vida é educação. (p.124)

Ainda nesta linha de raciocínio, Ferreira (2010) frisa que “ (...) a arte capacita o homem para compreender a realidade (...) ” e que é “ (...) necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e tentar mudar o mundo (...) ” (p.14) e ainda fundamenta citando Andrade (2000):

(...) a arte tem uma função extremamente importante e essencial para o desenvolvimento humano, podendo fazer a integração de elementos conflitantes: impulso-controle, amor-acolhimento, *versus* ódio-agressividade, sentimento-pensamento, fantasia-realidade, consciente-inconsciente, verbal, pré-verbal e não verbal. (como citado em Ferreira, 2010, p.34)

No estudo desta temática, Ferreira (2010) relembra que provavelmente foi Platão o primeiro filósofo a antever uma educação baseada na arte, referindo contudo que terá sido Pestalozzi a tentar inseri-la na educação, seguido de outros como Herbert Read de quem destaca uma definição:

(...) quando falo em arte, quero dizer um processo educacional, um processo de crescimento; e, quando falo em educação, quero designar um processo artístico, um processo de autocriação. Como educadores, olhamos o processo do lado de fora; como artistas, o vemos por dentro; e ambos os processos integrados constituem o ser humano completo. (p.22)

Também Ribeiro, A. (2009) confirma a importância de “(...) assumir o desenvolvimento da criatividade como um objetivo da educação (...), pelo que daí resultará da realização pessoal e de progresso social.” (p.21) Já Lopes, Pereira e Vieites (2007) vão mais longe, especificando que no caso da animação terapêutica, esta se apoia

(...) no contributo que as diferentes artes e as diferentes práticas sociais, culturais e educativas podem trazer no sentido de levar o ser humano ao humanismo, permitindo que a pessoa seja ator e não espectador; cidadão com cidadania plena e isto significa a projeção de um ser autónomo, dialogante, participante, militante das causas nobres, solidário, político e homem comprometido com o outro homem. (p.77)

Pode-se desta forma constatar a convergência de opiniões em relação ao impacto que a arte pode ter na construção integral de um indivíduo, capacitando-o de diversas formas para melhor lidar com o mundo que o rodeia, bem como o facto de que ao desenvolver estes indivíduos se desenvolve a comunidade onde estes estão inseridos. Esta capacitação tanto pode ser a um nível mais subjetivo, como mais objetivo e concreto. Livia Marques Carvalho refere a importância da educação pela arte para atingir objetivos como “fortalecer a auto estima, desenvolver a capacidade cognitiva, (...) favorecer a obtenção de atitudes positivas e possibilitar a inserção no mercado de trabalho (...)” (Barbosa e Coutinho, 2010, p.298) Mais adiante a mesma autora reforça

que “A ampliação das referências estéticas favorece a compreensão do mundo, ao permitir que o jovem reflita e se posicione criticamente diante dele.” (*Ibidem*, p.299)

Ainda para fundamentar esta ideia, Robinson (2010) reforça que “O modo como olhamos para nós próprios e para o mundo define quem somos e quem poderemos ser.” (p.85) Alertando mais adiante que “Criar uma visão do mundo implica que também o podemos recriar segundo uma perspetiva diferente mudando a nossa situação.” Prosseguindo depois com uma referência a William James que foi um dos fundadores da psicologia moderna no século XXI e que defendia que “as nossas ideias e maneiras de pensar poderiam aprisionar-nos ou libertar-nos.” Ideia que o próprio William James salientou desta forma:

A maior descoberta da minha geração é que o ser humano pode alterar a sua vida mudando a sua atitude mental... **Se mudarmos a nossa maneira de pensar, podemos mudar a nossa vida.** (como citado em Robinson, 2010, p.86)

3. Museus

Tendo abordado os conceitos de Desenvolvimento Comunitário e de Educação, que são o âmbito desta dissertação, não podemos deixar de abordar o conceito de Museu, por ser o contexto no qual esta foi levada a cabo, e porque desde o seu surgimento, o mesmo teve já conotações distintas e uma grande evolução.

3.1 Origens

Alguns autores salientam a vontade ou até mesmo a necessidade de colecionar como inerente ao estatuto humano, como Pérez (2009) que para apresentar uma Breve História dos Museus, começa por dizer que “Segundo alguns autores (Riviére, 1989; Alonso Fernández, 1993, p.54) o fenómeno do coleccionismo esteve, em todas as culturas, na origem dos museus.” (p.178) Seguindo a evolução histórica das origens do museu, faz-se referência às maravilhas encontradas no Egipto, passando pelas “peças mais preciosas que eram guardadas nos templos (...) na época helenística” (Ribeiro, J., 1993, p.149), época para a qual Pérez (2009) chama a atenção para se verificar a “(...) origem etimológica da palavra “museu”, que deriva do latim “museum” e do grego “mouseion”, e que quer dizer “o lugar das musas”.” (p.183)

Certo é que, com o decorrer dos tempos - fosse meramente por curiosidade e vontade de colecionar, fosse por ostentação ou intuito de comprovar viagens e descobertas ou conquistas, ou fosse já com uma preocupação em compreender o mundo e até de partilhar essa compreensão com quem deles pudesse disfrutar - foram surgindo os “Gabinetes de Curiosidades, muito comuns na sociedade do século XV” (Magalhães, 2005, p.37), que tanto pelas preferências dos proprietários, como pelas descobertas a que os mesmos iam tendo acesso, “projectavam a visão do mundo do coleccionista.” (Pérez, 2009, p.178)

Sendo na maior parte das vezes exibidos aos olhos das visitas em locais ostensivos, de forma pomposa, Ribeiro, J. (1993) refere que estes rapidamente se tornaram numa moda, e é então “ (...) no decurso dos séculos XVI, XVII e XVIII que se constituem as grandes coleções que vieram a criar os fundos de numerosos museus (...) ” (p.149).

Durante muito tempo estas coleções só seriam admiradas pelos próprios colecionadores e pelas suas visitas ou parentes próximos, facto que começou a ser questionado quando se começou a compreender o potencial educativo que essas coleções poderiam ter para a formação, não só do gosto mas também do conhecimento de quem da sua vista usufruísse.

Ainda que baseados numa referência de elites, lançam-se então as sementes de uma nova visão, que se propõe a dar a oportunidade a mais pessoas para usufruírem de tal privilégio. Estes gabinetes começam então “ (...) a partir da segunda metade do século XVIII, em coincidência com o desabrochar de ideias e o empreender esforços visando a vulgarização de conhecimentos,” a ser substituídos pelo “museu aberto ao público e destinado a fomentar a ilustração geral.” (Nabais e Carvalho, J., 1993, p.138)

A propósito desta mudança Mendes (2009) refere que foi “ (...) com a criação de alguns museus públicos que viriam a tornar-se famosos, que a realidade museológica entrou numa nova era.” (p.29) e há quem lhes chame mesmo: “ (...) os embriões dos museus da modernidade.” (Carvalho, A., 1993, p.234)

A este propósito refere-se que estes “Museus iluministas e enciclopédicos, filhos do seu tempo, foram sucessores diretos das coleções estabelecidas nas centúrias anteriores por reis, nobres e religiosos.” (Ramos, 1993, p.21), citando de seguida, um excerto dos Estatutos da Universidade de Coimbra, que remontam a 1772, em que Marquês de

Pombal salientava a função educativa dos mesmos, referindo que “ (...) muitas pessoas particulares por gosto, e curiosidade tem ajuntado muitas Collecções deste género, que fechadas nos seus gabinetes privados não produzem utilidade alguma na Instrucção pública (...).” (como citado em Ramos, 1993, p.22)

De qualquer modo, antiquados aos nossos olhos, estes museus foram também algo de revolucionário para a época. Eram a expressão do triunfo do positivismo sobre a repressão do saber, sobre o pensamento acorrentado, escolástico. (Carvalho, A., 1993, p.235)

Dessa época importa destacar que “O grande legado do liberalismo para o movimento museal – mais do que importantes museus, pela qualidade ou número – foi, sem dúvida, a afirmação de museu público.” (Ramos, 1993, p.35), pelo facto de que, “Às elites que usufruíram dos «tesouros», «gabinetes» e «galerias» sucede o Homem” (*Ibidem*). É ainda citado um artigo, intitulado *A 1ª República*, de Oliveira Marques, em que é referido que “o grande mérito da República esteve em fornecer a legislação e o enquadramento indispensável para uma revolução cultural em Portugal, (...)” (como citado em Ramos, 1993, p.44/45). Dá-se portanto o que alguns autores apelidam de democratização da cultura.

Goode (1891) é referido como tendo contribuído para o avanço da atitude inicial do “grandioso museu-armazém” e do “museu-arquivo” para a visão de que “uma exposição eficaz era uma coleção de pequenos textos informativos, ilustrados ou documentados por um espécime, ou objeto museal.” (Carvalho, A., 1993, p.235) Salvaguardando que, “Nesta fase, os museus não se interrogavam sobre se a mensagem atingia ou não os destinatários menos esclarecidos” e salientando que esta atitude se manteve “todo o primeiro quartel do séc. XX.” (*Ibidem*, p.235)

Já em 1943, João Couto referia:

(...) Estou convencido que o conceito de museu-armazém das obras de arte ou das exemplificações da vida de uma cidade ou de uma região está definitivamente enterrado. O museu vivo, activo, escola em comunicação constante com o público, é o tipo do museu actual. (como citado em Nabais, 1993, p.260)

“É a partir da 2ª Guerra Mundial que esta instituição passa a considerar-se ao serviço da comunidade, deixando progressivamente, a sua tradição elitista e minoritária (...).” (Mendes, 2009, p.115)

Até meados dos anos 60, a grande maioria dos museus limitavam-se praticamente, a ser um edifício, um acervo, um corpo de funcionários, e um público em número particularmente restrito. Viviam-se ainda, os reflexos de um certo endeusamento da ciência, que levou à construção dos já referidos edifícios grandiosos concebidos como catedrais da ciência, cultivando o realismo, inspirado já no longínquo advento do renascimento, então possibilitado pelo espírito libertador da Revolução Francesa. (Carvalho, A., 1993, p.237)

Esta ideia é confirmada quando referem que “De um modo geral, até ao início do século XX, os museus conformavam-se com uma frequência de públicos restritos: artistas, historiadores, críticos, amadores de arte e viajantes.” (Nabais e Carvalho, J., 1993, p.138)

Desta fase até aos nossos dias houve uma clara evolução nos objetivos do museu em relação aos públicos, pois cada vez mais desde a sua idealização e conceção os diferentes públicos passam a ser a base dos museus, na medida em que estes se idealizam e edificam a pensar nas necessidades dos mesmos e no que o museu pode ter para lhes oferecer, tendo em conta as suas preferências, os seus gostos e as suas necessidades e o seu desenvolvimento.

Ou seja, se desde os primórdios da humanidade se manifestava a vontade de colecionar e de mostrar os artefactos, com o progresso e consequente abertura de mentalidades, foi-se dando cada vez mais valor ao papel educativo dos mesmos – primeiro para o público restrito que a eles tinha acesso, posteriormente a um público mais alargado, até aos nossos dias em que já não se fala de público, mas sim de públicos, por os haver de tão diferentes meios, faixas etárias, extratos sociais e que visitam o museu com diferentes objetivos em mente. O que se quer nos dias de hoje de um museu, é que ele tenha em conta, não só o facto de ser visitado por pessoas tão heterogéneas que necessariamente vão absorver a informação comunicada de modo diferente, mas mais do que isso, nos dias de hoje quer-se que o museu, como instituição cultural, tenha uma função não só educativa, como também social. Como de resto podemos observar no primeiro ponto do

3º artigo da Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto – Lei-Quadro dos Museus Portugueses, que define o conceito de museu:

1 — Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

- a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;
- b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade. ¹

É suposto não só este comunicar e educar, mas sim imbricar-se com a comunidade, bem como dinamizá-la e integrá-la nas suas diferentes variantes tendo em vista o seu desenvolvimento.

3.2 Evolução

Tendo presente todas estas evoluções no que toca às origens do museu atual, não se pode deixar de ter em conta nem de referir o que se fez concretamente para que existisse uma homogeneização de conceitos a nível internacional. Se surgem diferentes modos de pensar e de idealizar um museu em diferentes épocas ou locais, tal como se deseja para um desenvolvimento profícuo, foi através da partilha, da conversa, da troca de ideias e experiências, em torno de um interesse comum - a Museologia - que se conseguiu uma maior evolução assente em valores concretos e que levam a um desenvolvimento mais integral do conceito de museu.

De acordo com muitos autores, também Cruz (2008) refere que “Entre o final do século 19 e primeiras décadas do século 20, é considerado o período em que há a profissionalização e institucionalização da Museologia no mundo.” (p.3)

Foi criada após o fim da Primeira Grande Guerra, a Sociedade das Nações Unidas de onde surge em 1926 o Escritório Internacional dos Museus (Cruz, 2008), cuja premissa era já a de debater ideias e partilhar conhecimentos sobre um tema que era cada vez

¹ <http://www.dre.pt/pdfgratis/2004/08/195A00.PDF>

mais objeto de estudo e que ganhava cada vez uma maior dimensão. Tendo havido com a Segunda Guerra Mundial, um interregno nas publicações que surgiam do Escritório Internacional dos Museus, pode-se dizer, no entanto que, o “(...) sentimento de cooperação intelectual continuava em seus países membros.” (Cruz, 2008, p.5)

Em 1945, surge a Organização das Nações Unidas (ONU), em substituição à Sociedade das Nações e, em 1946, é instituída a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Como refere Cruz (2008) são “(...) alguns diretores de museus da França, Suíça, Holanda, Bélgica, Inglaterra e membros da comissão preparatória da UNESCO (...)” (p.5) que, em 1947, decidem criar o Conselho Internacional de Museus (ICOM) com o “intuito de estabelecer uma cooperação internacional entre os museus.” (*Ibidem*, p.6)

Cruz (2008) refere que na primeira reunião do ICOM “Estiveram presentes trinta e quatro pessoas, representando quinze países, além de representantes da ONU, UNESCO e do Escritório Internacional de Museus da Sociedade das Nações.” (p.7) “Em maio de 1947, foi assinado um convênio de cooperação mútua entre o ICOM e a UNESCO.” (*Ibidem*, p.9)

Pérez (2009) salienta que “Das definições do ICOM, emerge uma ideia importante, que é a de que o museu é uma instituição permanente ao serviço da sociedade (...).” (p.182) como de resto podemos verificar na Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto), mais especificamente no primeiro ponto do 3º artigo, referente à definição do conceito de museu, transcrito no ponto anterior.

Na página da internet do ICOM pode-se ler a seguinte definição para museu:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Foi no ano de 1965, que em Portugal se criou a APOM – Associação Portuguesa de Museologia, cujos objetivos, seriam:

- Agrupar conservadores de museus, restauradores de obras de arte, historiadores e críticos de arte, arquitectos e outros técnicos e cientistas ligados aos problemas museológicos actuais;
- Promover o conhecimento da museologia e dos domínios científicos e técnicos que a informam, através de reuniões e visitas de estudo, conferências, exposições e publicações. (Ramos, 1993, p.59)

Magalhães (2005) refere que o Movimento da Nova Museologia “ (...) teve a sua expressão pública e internacional em 1972 na Mesa Redonda de Santiago do Chile organizada pelo ICOM” (p.79), do mesmo modo que Pérez (2009) se refere a esse acontecimento como sendo a origem do “ (...) conceito de “museu integral”, isto é, pensar o museu como um instrumento de desenvolvimento comunitário.” (p.181) Referindo que a “nova museologia nasce oficialmente na Declaração de Quebeque de 1984.”

A este respeito, Magalhães (2003) salienta que foi a falta de dinamismo que a dada altura se verificou nos museus, a par da distância que existia entre a instituição e a comunidade que “traçou as origens de uma nova forma de fazer museologia, mais orientada para o desenvolvimento das populações.” (p.212) Referindo mais adiante que “Foi em Lisboa, em 1985, por ocasião da organização do 2º Atelier Internacional “Nova Museologia/Museus Locais”, se criou o MINOM - Movimento Internacional para a Nova Museologia - grande impulsionador da nova museologia.” (*Ibidem*, p.212)

Tendo desde sempre existido uma grande preocupação com a conservação, exposição e comunicação dos objetos, temas centrais dos museus, certo é que, se inicialmente a conservação do objeto era o fundamental, foi-se assistindo a uma variação nas prioridades. As preocupações passaram a incidir, numa nova fase, no modo de expor, por este ser o veículo da comunicação do objeto com o público, dando lugar a uma nova viragem em que a atenção se foca no público em si - recetor dessa mesma comunicação - como preocupação fundamental. Ou melhor dizendo, públicos, pois a Nova Museologia veio propor precisamente uma maior atenção para a variação dos públicos, para a heterogeneidade dos mesmos, pois se inicialmente se lutou por um museu aberto ao público - progressivamente, como deve ser o desenvolvimento, cada vez que se atinge um patamar, procura-se desde logo ir mais além – e, logo se procurou alastrar esse público outrora elitista para o público em geral, falando agora então dos diferentes

públicos, de diferentes domínios, com diferentes interesses, de diferentes faixas etárias e extratos sociais, com diferentes necessidades e objetivos.

Ao contrário da velha museologia, mais preocupada com as questões administrativas e a preservação do objecto, a nova museologia vai estar mais voltada para as necessidades sociais e para as comunidades. O museu passará a ser criado com a comunidade, respondendo assim às suas necessidades e realizando um exercício de cidadania. Ao seu lado estará a museologia social, que valorizará os seres humanos como sujeitos participativos, críticos e conscientes da sua realidade, transcendendo assim a valorização da cultura material desvinculada da realidade social.

(Pérez, 2009, p.181/182)

A Nova Museologia preocupa-se não só com o papel educador dos museus, mas também, com o papel social dos mesmos e com o que estes podem contribuir para o desenvolvimento das comunidades. Ou seja, a preocupação seria a de transferir a importância inicial, focada no objeto em si, para a importância dos objetivos efetivos que se procura obter da comunicação dos museus com os seus públicos e do seu trabalho com as comunidades envolventes.

(...) o conceito de museu abandonou a ideia de simples armazém de peças e objetos para converter-se num espaço a serviço das comunidades. Neste sentido o museu é um meio de comunicação de ideias, valores e identidades, mas também deve ser uma instituição ao serviço do desenvolvimento comunitário.

(como citado em Dalonso, 2012, p.538)

Procura-se dar uma nova carga à palavra museu, destituí-la da carga negativa e pesada que outrora teve para lhe dar vida e ânimo, para assim chamar esses novos públicos e se tornar acessível a todos.

Criam-se condições para assistir a espectáculos, tomar uma refeição, consultar livros e revistas na biblioteca e adquirir na sua loja não só reproduções, catálogos e livros, mas também objectos de bom design, e até mesmo um brinquedo ou uma T-shirt. (Ribeiro, J., 1993, p.151)

É objetivo comum transformar a ideia de visita ao museu e procurar que ele vá muito além da exposição. “Há que humanizar a apresentação das coleções, criar áreas de animação que convidem o visitante a permanecer e participar, ou seja, criar um museu vivo.” (*Ibidem*, p.152)

A nova museologia corresponde a uma museologia ativa que segue princípios operativos, tais como - participação da população, território, memória coletiva, objeto social, interdisciplinaridade, o desenvolvimento comunitário, criatividade, qualidade de vida. (Nabais, como citado em Magalhães, 2003, p.47)

3.3 Património e Identidade

Não podemos abordar o conceito e evolução de museu, sem abordar as noções de património e identidade, visto estas estarem intrinsecamente ligadas às suas principais funções, a sua salvaguarda. Ao falar em património, de um modo geral, pode surgir a ideia da herança que passa de geração em geração, o legado, o objeto, móvel ou imóvel, criado ou conseguido com orgulho, e de valor económico ou sentimental suficiente para que seja digno de preservação com o intuito de o passar à próxima geração, como testemunho, prenda, tentativa de deixar algo que marque a passagem ou simplesmente vontade de contribuir para a próxima geração.

Numa exploração da definição de património, Magalhães (2005) refere que “ (...) todo o objecto ou colecção de objectos inseridos em museus, e cujo valor simbólico ultrapassou o funcional, são considerados património.” (p.21), o mesmo autor, salienta mais tarde que “ (...) nos podemos referir ao museu enquanto guardião da memória coletiva objetivada no património material e imaterial (...) ” (*Ibidem*, p.83)

Consoante o âmbito a que se refere, a noção de património pode divergir, facto pelo qual é muitas vezes associado a um adjetivo que o especifica, seja familiar, genético, cultural ou natural por exemplo. Se inicialmente o conceito de património era bem mais restrito, “(...) este actualmente já abrange, por exemplo: a arte e a ciência, a tecnologia e o folclore, a gastronomia e os costumes, o artesanato e a indústria, a agricultura, o comércio e os transportes.” (Mendes, 2009, p.50) como podemos verificar no 2º artigo da lei nº 107/2001 que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, em que podemos encontrar a definição do conceito vigente no nosso país:

Artigo 2.o - **Conceito e âmbito do património cultural**

1 — Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.

2 — A língua portuguesa, enquanto fundamento da soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português.

3 — O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

4 — Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesas.

5 — Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos.

6 — Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.

7 — O ensino, a valorização e a defesa da língua portuguesa e das suas variedades regionais no território nacional, bem como a sua difusão internacional, constituem objecto de legislação e políticas próprias.

8 — A cultura tradicional popular ocupa uma posição de relevo na política do Estado e das Regiões Autónomas sobre a protecção e valorização do património cultural e constitui objecto de legislação própria.²

Com a análise deste artigo torna-se desde logo clara a abrangência do conceito de património cultural aceite pela nossa constituição, e atentando ao ponto nº4 do mesmo é evidente a estreita relação que o mesmo tem com a estruturação da identidade e da memória, neste caso específico, dos portugueses.

Passa a usar-se a denominação de património cultural, numa altura em que este conceito, cada vez mais abrangente, passa a convergir com a ideia de identidade, pois a mesma engloba tudo o que pode representar o passado de uma mesma comunidade,

² <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>

sejam os monumentos, a representação dos trabalhos que exerciam, ou mesmo os interesses que tinham no seu tempo de lazer ou de manifestações culturais. Ora, se a nossa identidade engloba tudo o que nos pode identificar, ou de onde vimos ou o que esteve na base da nossa evolução ou origem, então tudo isso é considerado agora como nosso património cultural – é de onde vem a nossa cultura, tudo aquilo que nos identifica ou com o qual nos identificamos.

“A identidade transmite-se e reforça-se através da memória, quer individual, quer coletiva. Ora o património cultural, por meio de testemunhos que o integram, constitui alicerce fundamental da dita memória.” (Mendes, 1999, p.221)

Já o museu, onde “As funções mais clássicas são as de coleccionar, conservar e exhibir. (...) tem por objecto ser espelho das comunidades para ajudá-las a descobrir quem são, de onde vêm e para onde vão.” (Pérez, 2009, p.183) Dalonso (2010) nota que desde sempre “O museu serviu, assim, como uma espécie de certificado de antiguidade dos grupos humanos e da sua identidade.” (p.537) Destacando mais adiante “ (...) que o museu é historicamente uma instituição que cria, constrói património cultural e referencia a memória histórica.” (*Ibidem*, p.537)

Para abordar este tema, Mendes (2009), refere a relevância que a sociedade tem dado nos últimos tempos à museologia, recordando que se ouve falar até de “museomania” ou “explosão museológica”, questionando-se acerca da origem desse interesse “outrora eminentemente elitista, destinada apenas a servir determinados grupos sociais privilegiados e a veicular ideais (...)” (p.49). Este autor, recusa a ideia de moda devido às motivações que julga estarem por trás deste fenómeno, como as alterações à sociedade, bem como ao modo como a sociedade se vê, revê e analisa, registando consequentemente a sua história de maneira diferente. Como o autor refere, a noção de património “já não contempla apenas os eventos de carácter político-militar, religioso e diplomático, como sucedia tradicionalmente, mas ocupa-se também de numerosos outros aspetos que, afinal, fazem parte do percurso do homem, em sociedade.” Posto isto, devemos ter em conta não só que “se expandiu muitíssimo o conceito de fonte histórica” como o conceito de “património, o qual constitui, como é sabido, elemento essencial dos museus”, não esquecendo que “a instituição museológica exerce outras funções, não de menor relevo, a saber: na educação e na cultura, no reforço da identidade das respetivas comunidades e no próprio desenvolvimento.” (*Ibidem*)

Ora, esta poderá ser uma das razões porque se nota um aumento na procura de conservação e exposição bem como divulgação do património numa altura tão globalizante como a que estamos a atravessar. Se por um lado, muitos se questionam se esta época de globalização não terá como repercussão a perda de identidade - por haver uma tal miscigenação de hábitos e culturas - por outro, muitos são os que pensam ser precisamente essa a origem de um maior interesse nas particularidades. A necessidade de procura fervorosa dessa mesma identidade, bem como da sua preservação e afirmação, perante uma sociedade demasiado impessoal. Mendes (2009) salienta ainda que “ (...) procura valorizar-se o que é tipicamente nacional, regional ou local, aquilo que melhor identifica e caracteriza essas realidades e respetivas comunidades.” (p.52)

“Sendo assim, o museu veicula um discurso ideológico das identidades de um grupo social concreto e atinge o objetivo de consciencializar e educar o povo da sua identidade e da sua cultura”. (Pérez, 2009, p.179)

Também em relação a este assunto se refere que “A preservação da nossa memória colectiva exige que criteriosamente saibamos escolher e conservar exemplares relevantes dos equipamentos que exemplifiquem os passos marcantes da evolução da ciência e da tecnologia.” (Nabais, 1993, p.250) Não se pode cair em exageros ou mesmo aproveitamentos da abrangência do conceito, mas sim deve ter-se consciência para fazer uma análise criteriosa e seletiva, tendo sempre em conta o dever de preservar e conservar para as gerações vindouras poderem usufruir de tal património.

Se no dia-a-dia existe um esforço para compreender e aceitar hábitos e culturas tão específicas e por vezes diferentes da nossa, surge também uma vontade de descoberta das especificidades da comunidade de onde vimos, para nos conhecermos melhor e orgulhosamente mostrar particularidades e diferenças. “Destaca-se, assim, ainda mais a ideia que a UNESCO tem promovido desde as suas origens sobre a necessidade de o património cultural ser cada vez mais um instrumento para construir e desenvolver uma cultura de paz no mundo.” (Pérez, 2009, p.154) Entende-se assim a globalização, não como uma uniformização, mas como uma compreensão das diferenças e capacidade de aceitação das especificidades de cada cultura ou comunidade.

“Com efeito, no que se refere apenas à noção de património cultural, ela «cobre» em princípio, toda uma ordem de símbolos, monumentos, testemunhos de níveis sucessivos de civilização.” (Mendes, 2009, p.51) Elementos esses que nos dizem alguma coisa,

com os quais nos identificamos pessoalmente ou em sociedade, pois se existem elementos com os quais um indivíduo se identifica diretamente, também os há com os quais se identifica toda uma comunidade ou uma época da mesma, fazendo parte da sua evolução, de como ou porque chegou onde chegou.

Resta acrescentar que o património, para além das múltiplas e já referidas funções que desempenha, inclusive as associadas à memória e à identidade, tem igualmente uma quota-parte importante como “cimento” de ligação, entre o passado, o presente e o futuro. (*Ibidem*, p.51)

3.4 Serviço Educativo

É precisamente da procura pela melhor forma de comunicar essa ligação entre passado, presente e futuro aos diferentes públicos e à comunidade que surge a necessidade de criar um serviço educativo.

Subjacente à evolução do conceito de museu esteve, desde sempre, o seu papel educativo, considerado por muitos autores como vital, nesta última geração de museus. A compreensão da sua função educativa esteve na origem quer da necessidade de tornar o museu público, quer da necessidade de melhor comunicar com esse público, e posteriormente da vontade de fazer chegar a possibilidade de fruição do mesmo a um leque de pessoas tão variado quanto possível, ou seja, passar do público aos públicos e dos públicos a toda a comunidade. Não restam dúvidas em relação à importância do seu valor como veículo de educação, como janela para espreitar o mundo e outras culturas, como integrador de conceitos, de identidades, ou de desenvolvimento comunitário.

O museu, qualquer que ele seja, é um local pedagógico por excelência. Sem se sobrepor à Escola, pode criar uma dinâmica própria, favorecendo a exploração do saber, alargando o conhecimento, promovendo oportunidades únicas de aprendizagem e únicas pela utilização de estratégias mais adaptadas ao despertar da consciência e conducentes à integração dos conceitos. (Carvalho, A., 1993, p.232)

Ora, o serviço educativo de um museu é precisamente o departamento onde se pensa e projeta a melhor forma para oferecer à comunidade o que este tem de melhor, ou seja, como tirar o melhor partido de cada museu para cada público específico, visto serem os

museus “estimuladores da evolução das mentalidades e difusores, por excelência, do conhecimento científico.” (Carvalho, A., 1993, p.232)

Com o serviço educativo surge a preocupação de interpretar os objetos expostos. Interpretar passa portanto por comunicar a informação de uma forma mais imaginativa e apelativa, tendo uma maior consideração pela especificidade do público, seja em relação à faixa etária, seja em relação ao contexto sociocultural, seja em relação ao local de onde vêm ou as razões porque vêm. Será no fundo decodificar ou traduzir a informação que por si só pode não ser perceptível ao público em questão, com o objetivo que este não só compreenda como ainda sinta estímulo e interesse pelo assunto em questão. Existe aqui uma função de educação não formal. A este propósito Mendes (2009) recorda uma afirmação feita em 1888 por George Brown Good que refere ser “ (...) considerado um dos «profetas» da museologia: **«o que conta não é o que um museu tem, mas o que pode fazer com aquilo que tem.»**” (p.30)

Ao serviço educativo cabe estudar os públicos de modo a melhor compreender o que pode fazer por eles, qual a melhor forma de se imbricar com a comunidade; desde a maneira como interpreta o seu património, à procura de colmatar falhas de formação ou simplesmente interesses demonstrados, e pensar qual a melhor abordagem para o fazer, seja através de ateliês, *workshops*, pequenas formações ou formações continuadas, exposições itinerantes, parcerias com instituições educativas ou não, tendo em atenção até mesmo a captação de novos públicos. Deve satisfazer as mentes curiosas tanto quanto seduzir as que ainda não o são. Isto porque a atenção já não é para um público específico, mas sim para os diversos públicos, deseja-se abranger tantos nichos quanto possível, desde diversas faixas etárias a extratos sociais, com os mais diferentes interesses e expectativas, quaisquer que sejam as camadas integrantes da comunidade. Como refere Magalhães (2003) “A Nova Museologia defende uma viragem dos museus para a comunidade, neles deve haver um verdadeiro e efetivo envolvimento das comunidades.” (p.219)

No artigo *Pela procura de um novo olhar*, a propósito do Serviço Educativo do Centro Cultural de Belém, Coutinho (2006) refere que “Em todas as iniciativas, (des)educar o olhar, sensibilizar para as diferentes expressões artísticas (sobretudo contemporâneas) e estimular a criatividade e a capacidade de comunicação foram

sempre as metas desejadas.” (p.171) No fundo o que se deseja fazer através de um serviço educativo é abrir os horizontes e mudar mentalidades.

E acreditamos que o contacto regular com a arte e o desenvolvimento das capacidades criativas pode favorecer a criação de novos valores e atitudes, promover a tolerância e o diálogo intercultural e, desse modo, contribuir para cidadãos mais recetivos às diferentes culturas, apartando-se de fundamentalismos e xenofobias. (Coutinho, 2006, p.173)

Com a mesma crença na capacidade educativa dos museus, Mendes (2009) cita Kenneth Hudson quando este refere que o que,

(...) grande número das filosofias da educação têm em comum é a insistência no facto de a educação dizer respeito ao desenvolvimento e crescimento da pessoa como um todo, pelo que a aquisição e ordenação dos factos é apenas parte de um processo total. (como citado em Mendes, 2009, p.40)

Mendes (2009) especifica mais adiante que “ (...) a escola e a *educação formal* por ela ministrada tornaram-se insuficientes, pelo que a *educação não formal*, do género da que é assegurada pelas instituições museológicas, tem vindo a adquirir uma importância redobrada.” (p.40)

Mais do que uma acumulação de factos e datas, certezas e verdades, queremos valorizar o tempo de fruição, acentuar a descoberta do prazer de aprender e despertar uma atitude de curiosidade (motivar ou despertar para ver, criticar, para analisar), articulando os aspetos cognitivos, emocionais e sensitivos. (Coutinho, 2006, p.169)

Na realidade, Mendes (2009) relembra que “Desde as suas origens que os museus têm como objetivos a salvaguarda e o estudo do património, bem como a educação e o deleite dos seus visitantes. Todavia, ao longo da sua história, tem variado a tónica colocada em cada uma daquelas vertentes.” (p.64) A questão que se coloca no serviço educativo, passa por descobrir a melhor abordagem para comunicar com o visitante para que este se deleite e sinta curiosidade, ao mesmo tempo que absorve a mensagem que se tenta passar, ou tenha as condições ideais para o despertar dos sentidos e da criatividade, ou mesmo que se identifique com o que quer que seja. Como refere Magalhães (2005) “(...) o museu é um espaço por excelência de transmissão de conhecimentos, contudo, é também do nosso interesse saber como é que ele transmite esses conhecimentos, isto é, como é que exerce a sua função educativa.” (p.60) É precisamente disso que trata o

serviço educativo, de delinear a estratégia para oferecer não só o que é esperado e que alguns públicos sentem falta, mas ir mais além e oferecer também o que ainda não era esperado e então surpreender, servir de estímulo, dar o seu contributo para desenvolver uma comunidade. No fundo o museu deve ser um espaço envolto em magia, se o seu objetivo é estimular os sentidos e a curiosidade e fazer sonhar.

Aqui, as exposições são concebidas com objetivos eminentemente didáticos, de modo a que o visitante possa, numa aprendizagem, informal – por vezes mesmo lúdica – apreender ou aprofundar os fundamentos da ciência e suas aplicações, acompanhar nas suas linhas essenciais os seus progressos e realizações. (Gil, 1993, p.251)

O facto de haver cada vez um maior número de museus em que pelo menos uma parte da exposição é interativa e convida mesmo a mexer e experimentar não é inadvertido, mas sim pensado precisamente para estimular. Mais adiante o mesmo autor alerta para a importância destas instituições serem,

(...) decisivamente intervenientes na divulgação científica, na descoberta de vocações, entre jovens, para as carreiras técnico-científicas e na sensibilização das populações – de qualquer nível etário – para a importância da ciência e da técnica na vida de todos nós.” (*Ibidem*, p. 254)

“Pelas suas características, ele provoca um entusiasmo imediato, que se bem aproveitado pode constituir o primeiro passo para o sucesso da aprendizagem.” (Magalhães, 2005, p. 66) Nesta matéria, Silva, S. (2006) remete-nos mesmo para o termo *edutainment*, utilizado por Mintz (1994) que conjuga os termos ingleses para educação e entretenimento numa só palavra, referindo que o entusiasmo leva à interiorização dos conteúdos que por serem recebidos com os sentidos mais despertos vão perdurar “(...) na memória muito para além do momento em que acontecem.” (p.162) A esse propósito a autora cita mais adiante: “Os museus em geral, e as exposições em particular, têm o **potencial de ampliar, expandir e reestruturar os esquemas conceptuais e mentais dos visitantes** (Falk et al., 1998; Falk e Dierking, 2000, como citado em Silva, 2006, p162).”

Ou seja, para além de um museu ser “Uma instituição que completa o processo histórico geral da humanidade, fornecendo-lhe elementos diferentes dos expressos pela história escrita”. (Mendes, 2009, p.31) ainda devemos atender ao facto de este, pela forma como o faz, transformar a educação tornando-a mais apelativa, descontraída e funcional. Para

fundamentar esta opinião, Mendes (2009, p.158/159), refere certas teorias da aprendizagem, nomeadamente as teorias construtivista e a da comunicação, bem como Piaget de quem salienta a fase das “operações concretas” e a importância da concretização, especificando que esta “ (...) ultimamente tem sido completada com outras investigações que provam a importância do manuseamento dos objetos, na própria estruturação do pensamento e no desenvolvimento do cérebro, mesmo ao longo de toda a vida.” Este autor acredita que os museus podem “ (...) servir de antídoto a uma educação, por vezes ainda muito livresca e demasiado abstracta.” (Mendes, 2009, pág.159) No fundo o serviço educativo pode ser considerado o fio condutor do museu, pelos que acreditam que o museu quando surge já surge com uma função muito específica que é a de envolver e desenvolver a comunidade em que se insere. Sem descuidar obviamente todas as outras funções tão importantes que o museu tem, se se tiver em linha de conta o contributo que este tem para dar, tudo se pode pensar e fazer, com projetos e parcerias, trocas de ideias e partilha de saberes.

(...) um dos desafios mais interessantes e frutíferos para os serviços educativos dos museus: a possibilidade e capacidade de se assumirem como espaços para o cruzamento de “olhares” e de leituras numa plataforma dinâmica e em permanente mudança tal como a própria sociedade contemporânea em que se inserem. (Silva, 2006, p.163)

Enfim, no serviço educativo cabe uma missão tão grande quanto a vontade de evoluir e interagir com a comunidade.

Capítulo II – Metodologia

1. Contexto do Estudo

MIMO – Museu de Imagem e Movimento

Este museu surgiu em Leiria no âmbito de qualificar a sua oferta museológica e, dada a especificidade do seu foco, é uma inovação em Portugal, só por isso de referência e um orgulho para a cidade por ter sido aqui imaginado, desenvolvido e conseguido.

O MIMO é uma janela aberta a toda a comunidade. É por isso pertinente, antes de mais, enquadrá-lo. Saber onde surgiu e porquê, para onde cresceu e no que se transformou ou está a transformar, porque também as instituições devem procurar o constante desenvolvimento e melhoria de recursos e estratégias.

Como o próprio museu se descreve na sua página na internet: “O m|i|mo é uma magnífica viagem pelos limites da imaginação, num caminho de luz e sombra, cor, ritmo e volume, engenho e arte...ilusão e realidade!”³

O MIMO nasce em 1996 a propósito da comemoração dos 100 Anos do Cinema em Portugal. Desenha-se um projeto de exposição adequado ao espaço do Teatro José Lúcio da Silva, ao mesmo tempo que se procede à pesquisa e recolha sistemática de espólio para integrar a exposição permanente, dando particular ênfase ao Pré-Cinema. Começa então a desenvolver iniciativas, como exposições e produção de catálogos de divulgação, procurando sempre que possível o envolvimento da comunidade.

É em 1999 que, para melhor caracterizar os conteúdos da exposição permanente, surge a necessidade de alterar o nome de Museu da Imagem para Museu da Imagem em Movimento.

Aquando das obras de requalificação do Teatro José Lúcio da Silva, houve uma deslocação temporária para as instalações do Mercado Santana, e, já com um vasto acervo e com a intenção de promover programas de formação e desenvolver projetos de animação e fruição cultural, não fazia sentido voltar às instalações anteriores, onde não existiam condições para oferecer mais à comunidade, como era intenção.

³ Retirado do site <http://mimo.cm-leiria.pt/seccao/a-colecao-55>

A fim de dar resposta a essa necessidade, ergueram-se as novas instalações, onde seria possível levar a cabo a sua missão, no sopé do castelo de Leiria, dentro da antiga cerca medieval, numa zona nobre e privilegiada em termos patrimoniais, junto à Igreja de S. Pedro, como se pode verificar no Anexo I.

Este novo edifício, de traços modernos, emergiu da regeneração de um conjunto edificado de origem medieval, património da cidade portanto, e engloba três corpos, sendo os laterais de dois pisos e o central de quatro. Por eles se distribuem a Exposição Permanente, a Biblioteca e o CDIAA, o Laboratório de Fotografia com a Câmara Escura, o Laboratório de Conservação e Restauro, a Sala de Exposições Temporárias, o Serviço Educativo, a Oficina do Olhar, o Centro de Recursos Multimédia, o Auditório e ainda uma área de lazer marcada pela luminosidade que entra pelas grandes janelas que simultaneamente proporcionam uma vista panorâmica e um ambiente tranquilo.

A **Exposição Permanente**, de carácter museológico, é dedicada à evolução da Cinematografia, e apresenta o espólio que esteve na origem do museu. Aqui destacam-se três zonas de cores distintas para ajudar a compreender a evolução entre a imagem em fluxo, a morte da imagem e a imagem reanimada.

Começando pelos teatrinhos de sombra vindos do Oriente, feitos de pele de Búfalo, a lançar o mote para uma viagem pela arqueologia da imagem, a coleção incide essencialmente sobre três disciplinas: Pré-Cinema, Fotografia e Cinema.

A **Biblioteca e o Centro de Documentação e Informação Artur Avelar (CDIAA)** têm um vasto património documental, bibliográfico e audiovisual dedicado à história das imagens em movimento.

O **Laboratório de Fotografia** que engloba a **Câmara Escura** dá apoio ao CDIAA nos pedidos de impressão fotográfica de imagens pesquisadas na base de dados e ao Serviço Educativo no âmbito de ateliês e oficinas diversas, desde cianotipias a papéis salgados e albuminas. Como laboratório de ampliação e duplicação de fotografia trata da duplicação de provas para trabalho interno do museu.

O **Laboratório de Conservação e Restauro** é onde se procede ao restauro ou à estabilização da deterioração das peças do museu, essencial para salvaguarda deste património cultural.

A **Sala de Exposições Temporárias** manteve o seu perfil arquitetónico original com a preservação das colunas medievais. Não só proporciona um espaço de exposição, como simultaneamente permite a utilização do mesmo espaço para o desenvolvimento de outro tipo de atividades.

O **Centro de Recursos Multimédia** está dotado do equipamento técnico.

O **Auditório** tem capacidade para 50 lugares e disponibiliza uma projeção de 35mm, vídeo e DVD.

O Serviço Educativo é onde se desenham e estruturam os eixos fundamentais da ação do MIMO numa perspetiva de educação não formal. Estes podem emergir no formato de oficinas específicas, ações de formação, visitas guiadas, divulgação e animação das coleções existentes, palestras e ciclos de conferência, atividades regulares ou pontuais.

A **Oficina do Olhar** é um espaço lúdico, pedagógico e interativo que complementa a Exposição Permanente e que para fazer jus ao nome de Imagem em Movimento, tem uma panóplia de instrumentos desde os mais antigos e pioneiros, na arte de visionar imagens e lhes dar movimento, aos mais modernos e já automáticos.

Toda esta estrutura serve a missão preconizada pelo MIMO, que visa não só a recolha, salvaguarda, conservação e inventariação de objetos e técnicas relacionadas com as imagens em movimento, mas também, através do seu espólio notável a oferta à comunidade de condições próprias ao incentivo do estudo e de pesquisa nesta área específica.

2. Abordagem Metodológica

Qualquer investigação se deve pautar por uma organização metódica dos procedimentos a seguir, seja para a organização do tempo e dos meios, seja para a obtenção dos dados realmente necessários para dar resposta às questões que a orientam. Tendo em conta a problemática, só com uma escolha consciente dos métodos e técnicas a usar, da amostra necessária bem como a sua seleção, da escolha das variáveis, da delimitação cronológica e do modelo de análise mais apropriado se poderá conseguir levar a bom

porto atempadamente uma investigação fiável e produtora de conhecimento num espaço de tempo relativamente limitado como é o caso de um mestrado.

Existindo acerca deste assunto algumas divergências visto alguns autores utilizarem terminologias diferentes, certo é que, todos concordam com o facto de existirem abordagens diferentes conforme o tipo de informação que se procura obter, mostrando-se preferenciais determinados métodos e técnicas para obtenção de dados específicos, conforme o que se deseja realmente apurar. “Qualquer metodologia deve ser escolhida em função dos objetivos da investigação, em função do tipo de resultados esperados, do tipo de análise que desejamos efectuar.” (Albarelllo, L. e Digneffe, F. e Hiernaux, J.P.Maroy, C. e Ruquoy D. e Saint-Georges P., 2005, p.50) A escolha de determinados métodos ou técnicas vai sempre depender da abordagem que se pretende fazer à problemática e levar a um determinado tipo de investigação.

Carmo e Ferreira (1998) referem que quando se pretende responder a questões de “como” ou “porquê” Yin (1988) aponta para o estudo de caso como estratégia preferencial. Tendo sido escolhido especificamente o Mimo – Museu de Imagem em Movimento para ser estudado e para ser compreendida a sua relação com a comunidade, o estudo de caso mostrou-se uma solução estratégica. Bell (1993) refere que “Quando bem preparados, os estudos de pequena dimensão podem informar, esclarecer e oferecer uma base para as decisões de política educativa no interior de uma instituição.” (p.181)

O mesmo autor (1993) salienta ainda que este tipo de investigação,

Trata-se de muito mais do que uma história ou descrição de um acontecimento ou circunstância. Tal como em qualquer outra investigação, os dados são recolhidos sistematicamente, a relação entre as variáveis é estudada e o estudo é planeado metodicamente. (p.23)

2.1 Metodologia qualitativa e quantitativa

“Tradicionalmente a investigação quantitativa e a investigação qualitativa estão associadas a paradigmas.” (Carmo e Ferreira, 1998, p.175) As abordagens tendem a diferir visto os objetivos serem também distintos, como refere Quivy & Campenhoudt (2005) enquanto uma abordagem qualitativa que deriva da corrente naturalista, é

indutiva, procura obter dados mais profundos e pessoais, sendo mais holística, fundamentada na realidade e orientada para a descoberta, uma abordagem quantitativa que deriva da corrente positivista, é mais objetiva sendo dedutiva e interessando-se mais pelo fenómeno social.

A este propósito Bell (1993) refere que “Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão em vez de análise estatística.” (p.20) Ao passo que “Os investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles. Realizam medições com a ajuda de técnicas científicas que conduzem a conclusões quantificadas e, se possível, generalizáveis.” (Bell, 1993, p. 19/20)

Carmo & Ferreira (1998, p. 176) referem ainda que perante a possibilidade de conjugar os métodos quantitativos e os métodos qualitativos, dando assim lugar a uma triangulação de métodos, há autores, como é o caso de Brannen (1992), que salientam a dificuldade existente ao referir que por se basearem em paradigmas diferentes até a teoria seria analisada de forma distinta, no entanto, o mesmo autor refere exemplos como Reichardt e Cook (1986) que concordam com o facto de haver estudos que em muito podem beneficiar de dados obtidos através de diferentes técnicas e que correspondem a diferentes métodos, dando lugar assim a uma análise mais abrangente, tendo acesso tanto a informação quantificável como a informação mais profunda. Foi esta última a opinião acreditada neste estudo em que foram utilizadas as duas abordagens.

2.2 Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Em todas as investigações se deve programar minuciosamente a recolha dos dados bem como delinear os melhores instrumentos para o fazer, por forma a não se ficar com dados a mais que vão desperdiçar tempo na sua análise, nem chegar à fase de reflexão e sentir falta de alguns dados para a sua conclusão. Tendo em conta os dados específicos de que se necessita, nomeadamente para dar resposta à pergunta de partida bem como a outras questões orientadoras da investigação, deve-se escolher uma ou mais técnicas que permitam a recolha dos mesmos. “Há que decidir quais os métodos que melhor servem

determinados fins e, depois, conceber os instrumentos de recolha de informação mais apropriados para o fazer.” (Bell, 1993, p.95)

Na organização desta investigação, cujo contexto é a instituição museológica de Leiria, Mimo – Museu de Imagem em Movimento e tratando-se a mesma de um estudo de caso, para o trabalho de campo, definiram-se três etapas visto terem sido seleccionados como instrumentos de recolha de dados, para uma abordagem qualitativa, o inquérito por entrevista e a análise de dados e, para uma abordagem quantitativa, o inquérito por questionário. Usando diferentes métodos e técnicas vão ser obtidos dados distintos e complementares, havendo assim lugar a uma triangulação de dados, o que se mostra pertinente aquando da análise de uma relação – a relação entre o Museu e a comunidade.

2.2.1 Inquérito por Entrevistas

Bell (1993) refere que “Moser e Kalton (1971, 271) descrevem a entrevista como «uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objectivo de extrair determinada informação do entrevistado».” (p.137/8) Num Inquérito por entrevista existem algumas fragilidades, se por um lado quanto maior o grau de liberdade dado ao entrevistado maior vai ser a profundidade da informação obtida, por outro se não houver alguma estrutura corre-se o risco de não serem abordados temas considerados essenciais.

A maioria das entrevistas realizadas na etapa de recolha de dados da pesquisa situa-se algures entre o ponto completamente estruturado e o ponto completamente não estruturado do *continuum* de formalidade. É importante dar liberdade ao entrevistado para falar sobre o que é de importância central para ele, em vez de falar sobre o que é importante para o entrevistador, mas o emprego de uma estrutura flexível, que garanta que todos os tópicos considerados cruciais serão abordados, eliminará alguns problemas das entrevistas sem qualquer estrutura. (Bell, 1993, p.140/1)

Daí se ter optado neste caso, logo numa primeira fase, por uma entrevista semiestruturada à então diretora do museu, para a qual se preparou um guião com temas chave a serem abordados de forma a esclarecer algumas questões, deixando no entanto a conversa fluir a partir daí, de forma a permitir que surgissem pontos de interesse para o estudo que fossem até então desconhecidos. Esta entrevista, tendo sido previamente marcada, decorreu nas instalações do museu, no escritório da entrevistada. De salientar

que este guião prepara desde logo a futura análise de conteúdo da entrevista ao delinear algumas variáveis chave a ter em conta, nomeadamente a realidade contextual da instituição, o público-alvo, os ideais e o conteúdo formativo, as mudanças e progressos por que a instituição já passou bem como a sua interação com a comunidade.

Uma vantagem do inquérito por entrevista é a profundidade da informação a que se pode ter acesso quando, como foi o caso, é aplicado a alguém conhecedor do contexto e do objeto de estudo da investigação. Uma fragilidade recai certamente na capacidade do investigador em dominar esta técnica, pois a análise qualitativa para além de poder ser bastante morosa requer objetividade e capacidade de análise de conteúdo.

2.2.2 Análise documental

Tratando-se de uma investigação que incide especificamente numa instituição, como aponta Bell, (1993) “É importante saber que tipo de registos e de arquivos existem em cada organização.” (p.103) A análise documental mostra-se um recurso muito importante numa abordagem qualitativa e uma das suas vantagens é o facto de permitir o acesso a materiais que fundamentem ou complementem a investigação. No entanto, “A quantidade de material documental que o investigador poderá estudar é inevitavelmente influenciada pelo tempo de que este dispõe para esta fase da investigação.” (Bell, 1993, p.106) Nesta situação específica mostrou-se pertinente, para um conhecimento mais profundo da mesma, a observação e análise de dados de registo da instituição, fossem estes relacionados com atividades específicas ou formações, exposições, ou qualquer outro tipo de atividade levada a cabo pela instituição sempre com o público em mente, ou seja a comunidade, fossem relacionados com o número de visitantes e variações de afluência, ou ainda registos de agradecimento por parte desses mesmos visitantes.

Naturalmente, nunca se deve partir do princípio de que, simplesmente por existirem, os documentos estão à disposição dos investigadores. Algumas fontes podem ser consideradas confidenciais e não ser abertas ao público. Assim, convém que o investigador se informe antecipadamente da sua disponibilidade.

(Bell, 1993, p.103)

Uma das fragilidades desta técnica poderá ser inicialmente a permissão para aceder aos dados. Porém, posteriormente, no caso de se obter essa permissão, sendo esta usualmente concedida por um órgão superior, essa dificuldade de acessibilidade aos

dados pode persistir, seja por estes não estarem devidamente formatados, seja por a sua entrega ou visualização depender da disponibilidade de alguém. Outra das fragilidades prende-se com a morosidade de algumas análises, devendo para isso o investigador ser capaz de seleccionar os dados mais importantes tendo em conta os prazos por que se rege.

2.2.3 Inquérito por questionário

Numa abordagem mais quantitativa o inquérito por questionário mostra ser um instrumento que, após uma elaboração cuidada e tendo em conta uma série de passos a dar para contornar as suas possíveis fragilidades, pode fornecer dados quantificáveis que mais objetivamente espelharão a opinião dos inquiridos. Uma das vantagens que este instrumento apresenta é a poupança de meios e tempo conseguindo abordar uma maior quantidade de indivíduos. Por outro lado, uma fragilidade tem a ver com a amostra, quando como neste caso é de conveniência, ou seja não probabilística; os questionários ficaram disponíveis na receção da instituição para preenchimento voluntário pelos seus visitantes. “É necessário não esquecer que devido ao carácter subjectivo que envolve o processo de selecção, põe-se o problema da validade externa (relativo à generalização dos resultados obtidos).” (Carmo & Ferreira, 1998, p.200)

Bell (1993) salienta acerca da sua elaboração que “Há que atentar na selecção do tipo de questões, na sua formulação, apresentação, ensaio, distribuição e devolução dos questionários.” (p.117) e ainda que “Serão necessárias várias tentativas para formular as questões, não só para eliminar o factor ambiguidade, como também para obter o grau de precisão necessário que faça que os indivíduos compreendam o que lhes é perguntado exactamente.” (p.118)

Se por um lado as questões fechadas podem fornecer dados mais facilmente tratados por análise estatística, que produzam gráficos com dados percentuais, como foi o caso, estes só vão ser fiáveis e verificáveis se na sua elaboração o investigador tiver tido o cuidado de atentar na amostra pelo qual o mesmo vai ser distribuído, na construção frásica das perguntas bem como no seu conteúdo. É por isso recomendada nos mais diversos manuais que se debruçam sobre este tema a elaboração de um pré-teste para verificar não só a inteligibilidade do questionário como o tempo que pode levar a preencher, bem como de outras questões que podem surgir que alertem o investigador para alguma necessidade de alterações.

Bell (1993) refere que “As *escalas* correspondem a processos de medição de opiniões ou atitudes.” (p.196) Pretendendo aqui analisar-se a opinião dos visitantes acerca do museu, do questionário concebido para esta investigação fazem parte dois grupos de perguntas fechadas cuja resposta é pedida por escala, mais especificamente pelas escalas de Likert.

As escalas de Likert pedem aos inquiridos que indiquem o grau de concordância ou discordância em relação a determinada afirmação ou série de afirmações, considerando uma escala de cinco ou sete pontos. As respostas são depois pontuadas, geralmente de 1 (discordância total) a 5 (concordância total), permitindo assim avaliar as opiniões dos inquiridos. (Bell, 1993, p.197)

De referir que na construção deste instrumento, se começou por inserir uma breve explicação acerca do estudo bem como da sua índole anónima, seguida por dois grupos de introdução, o primeiro pretendia identificar o visitante sociologicamente e o segundo pretendia observar o motivo da visita bem como a sua frequência.

No final do questionário, após os grupos de perguntas fechadas, havia ainda dois grupos de perguntas abertas que, sendo analisados através de uma grelha de análise de conteúdo, não fornecem dados quantificáveis mas deixam o inquirido dar respostas mais profundas e abordar temas de maior importância para os mesmos, nomeadamente a sua opinião acerca da instituição bem como do seu relevo para a comunidade e para o seu desenvolvimento.

3. Problemática e pergunta de partida

3.1 Problemática

Numa sociedade em constante evolução como é aquela em que estamos inseridos, que sofre mudanças diariamente e ora observa evoluções ora se depara com questões para as quais é necessário arranjar soluções criativas, é, cada vez mais, imperioso que os indivíduos sejam educados, informados e críticos. É por isso imprescindível uma tomada de consciência. Há que aprender a ver, ouvir, sentir, perceber o mundo e ser crítico acerca do mesmo. Foi precisamente pela ativação dos sentidos e percepções que o MIMO – Museu de Imagem em Movimento, me seduziu como instituição. Sendo o MIMO um Museu Municipal, que depende diretamente da divisão da cultura, da

Câmara Municipal de Leiria, pretendeu-se averiguar até que ponto ou de que forma este contribui para a Educação, analisando o seu impacto no Desenvolvimento Comunitário. Oferecendo um leque bastante variado de formas para aceder à cultura, pretendeu-se compreender a relação que este estabelece com a comunidade. Este relatório de mestrado surgiu no âmbito de uma especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário e pretende perceber tanto o impacto que esta instituição exerce sobre as pessoas que dele usufruem, como analisar de que forma as pessoas percecionam esse mesmo impacto. No fundo pretende-se observar a relação entre o Mimo e a comunidade e interpretá-la num contexto de Desenvolvimento Comunitário.

3.2 Pergunta de partida e objetivos

Sendo o objeto de estudo da investigação que leva a este relatório de mestrado a relação que o Mimo – Museu de Imagem em Movimento tem com a comunidade, como referido anteriormente, pretende-se compreender até que ponto ou de que forma é que este contribui para o seu desenvolvimento.

Para tal, na sua base e a servir de fio condutor a toda a investigação esteve a seguinte pergunta de partida:

- De que modo se enquadra o MIMO – Museu de Imagem em Movimento numa perspetiva de Desenvolvimento Comunitário?

Para ajudar a compreender esta questão, foram definidos os seguintes objetivos:

- Verificar a dinâmica existente entre o Museu e a comunidade.
- Compreender de que forma promove o Mimo desenvolvimento comunitário.
- Interpretar o impacto pessoal e social sentido pelos visitantes e participantes nas atividades do museu.

Pretende-se aqui compreender a relação existente entre a oferta do museu e a procura da comunidade. Observar por um lado a filosofia ou ideais por parte da instituição na hora de programar a oferta que vai proporcionar à comunidade e por outro compreender o impacto sentido por essa mesma comunidade – enquanto recetora dessa oferta – quer no seu desenvolvimento pessoal quer nos efeitos que este desenvolvimento possa induzir na comunidade.

4. Apresentação e discussão dos resultados

4.1 Inquérito por Entrevista

Conforme referido anteriormente, numa primeira fase do trabalho de campo procedeu-se a uma entrevista semiestruturada à então diretora do MIMO – Museu de Imagem em Movimento (Anexo II). O objetivo desta entrevista foi ficar a conhecer de um modo mais aprofundado a história e a dinâmica da instituição bem como aquilo a que se propunha. Mais especificamente compreender a realidade contextual da instituição, o público-alvo que procura atingir, os seus princípios educativos, bem como a sua interação com a comunidade, como se pode observar pelas categorias e subcategorias da grelha de análise de conteúdo (Anexo III). A seleção da então diretora do museu para a aplicação da mesma teve por base o fato desta tanto ter estado desde sempre ligada à criação do museu como acompanhado toda a sua evolução.

Em relação à primeira categoria da grelha de análise de conteúdo da entrevista, que enquadra a realidade contextual da instituição, foi referido pela entrevistada que *O MIMO surgiu com uma exposição que estávamos a organizar no Teatro José Lúcio da Silva sobre os cem anos do cinema em Portugal, [...] houve um conjunto de máquinas que depois acabou por ser doada a um futuro museu de cinema*. Foi também explicado pela mesma que, sendo que *[...] a origem está numa exposição. Foram produzidos conteúdos que contavam no fundo um pouco a história do cinema*. Ao abordar este tema, foi referido que *[...] tínhamos a certeza que não queríamos apenas uma coleção de máquinas de projetar e era importante estruturar a coleção e perceber o que é que ela podia ter de importante também com a região [...]* . Ora, aqui pode-se observar que na produção destes conteúdos e por conseguinte na escolha da direção que o museu iria tomar houve desde logo uma preocupação por parte da instituição com a interação com a comunidade. Foi também referido pela mesma que logo no princípio constataram que *[...] no fundo a história das imagens em movimento em Leiria era comum à história das imagens em movimento no país e no mundo [...]* , tendo a entrevistada verificado que existindo

[...] notícias desde 1895, salvo erro, da presença em Leiria, por exemplo, de cosmoramas, de imagens estereoscópicas, de sessões de lanterna mágica, portanto há todo um conjunto de práticas que fazem parte dessa história mundial que também se refletiu aqui na cidade.

Observamos então que, tendo estado uma exposição na base deste museu, desde logo existiu uma preocupação em criar um fio condutor, para transmitir informação ao seu público, que não só suscite a curiosidade da comunidade como ainda que lhe diga alguma coisa, na medida em que se vai relacionar com a história desta mesma comunidade. No fundo, procura-se ir buscar à sua história a sensação de identidade.

Isto leva a outra questão abordada, a subcategoria do público-alvo que tinham em mente aquando da conceção do museu, para a qual a resposta pronta foi: *Todo. Todas as pessoas possíveis e imaginárias, porque toda a gente gosta de cinema, é um ponto assente.* Ou seja, verificamos aqui uma vontade imediata em tocar toda a comunidade precisamente porque, como refere a entrevistada: *Achámos que todos aqueles objetos, todos, de fio-a-pavio, eram extremamente fascinantes.* Havia portanto já na sua idealização a consciência de que todas as faixas etárias poderiam beneficiar da oferta do museu, e que portanto todos os públicos estariam na mira do mesmo. A esse propósito e ao reproduzir comentários de visitantes, vindos quer das crianças mais novas quer dos visitantes mais velhos, a entrevistada conclui simplesmente: *Eu acho que isto é extremamente enriquecedor.*

Ao abordar a categoria dos princípios educativos, para percebermos o que a instituição deseja transmitir ao utente, foi revelado que,

A questão do cinema e das imagens em movimento é uma questão muito, muito complexa, porque uma coisa é o efeito plástico daquilo que nós vemos, outra coisa é o processo técnico, mecânico e químico, [...] por um lado nós vemos as imagens em movimento, mas elas não são vistas em movimento sem ser com as máquinas [...].

Verificamos portanto uma vontade de dar à comunidade informação acerca de um assunto que está presente na vida de todos os dias, mas ao qual talvez não se dê tanta atenção. Aqui pretende-se estimular a curiosidade e a perceção dos visitantes, pois como refere a entrevistada, quando as pessoas *percebem porque é que veem as imagens em movimento, percebem porque é que existe a ilusão de ótica, percebem o que é a questão da memória visual, percebem o efeito prático da perceção.*

Estamos aqui perante uma informação importante não só para a melhor compreensão dos indivíduos acerca do mundo que os rodeia, como também das perceções que os próprios têm. Realça-se aqui o facto das coisas nem sempre serem o que parecem. Isto

poderá levar a uma posição mais crítica acerca da informação que se recebe no dia-a-dia numa sociedade como aquela em que estamos inseridos, em que a informação chega a todo o instante nos mais variados formatos e vinda das mais variadas fontes; daí a importância desta informação específica que segundo a entrevistada, levará as pessoas a questionarem *O que veem e como veem. No fundo é um pouco isso que nós procuramos também transmitir com o discurso positivo do museu.*

Podemos ainda observar noutra subcategoria que o museu tem a preocupação de fazer a ligação da arte com a ciência quando é salientado [...] *o papel importantíssimo da ciência, da investigação [...] Da inovação..., como motor de desenvolvimento.* A entrevistada realça ainda a importância da partilha e de criar sinergias entre as diversas disciplinas do saber, quando refere que para ser possível a [...] *primeira sessão de cinema dos irmãos Lumière [...] a questão que lhes permitiu descobrir [...] o mecanismo de projetar as imagens sequencialmente, que foi inspirado na máquina de costura, por exemplo, na roda excêntrica da máquina de costura, [...] eles procuravam resolver um problema que lhes foi*

[...] colocado por uma pessoa que trabalhava com um fisiologista que estava na altura a estudar a componente muscular do movimento. Portanto temos uma relação íntima da ciência com a arte e no fundo é isto que nós também procuramos que as pessoas percebam.

Aqui apresenta-se uma informação muito pertinente num mundo em constante mutação, para que a comunidade ganhe consciência de que cada vez mais a busca por soluções diferentes se torna indispensável, pelo facto das questões que se colocam serem também elas diferentes. É assim transmitido o real valor da necessidade não só da aquisição, mas acima de tudo da partilha de conhecimentos.

Já na categoria da interação com a comunidade encontramos uma atenção especial no que toca à formação da comunidade quando a entrevistada salienta:

Do ponto de vista da formação acho que o museu também tem tido um papel muito importante, também temos tido continuamente workshops, não só das técnicas mais antigas da fotografia como a cianotipia, a câmara obscura, mas também ao nível das novas tecnologias, do cinema de animação. Este ano vamos apostar mais na parte da fotografia digital e da escrita de argumentos, portanto, estamos a tentar também que o museu seja visto como um espaço de formação complementar.

Compreendemos aqui, principalmente por sabermos que estes *workshops* e atividades são dirigidos às diferentes faixas etárias e a diferentes públicos, uma preocupação com a formação, seja ela específica, extra curricular, informal ou ao longo da vida, o mote é a formação para proporcionar à comunidade cidadãos com uma educação diversificada e integral. É ainda referido que essa mesma formação se faz através da oferta de uma

...| programação cultural, porque o museu tem de ser visto como um conjunto de valências, por um lado o serviço educativo, que tem um trabalho mais ativo e mais direto com um determinado tema e depois numa perspectiva se calhar mais de educação não formal ...| Portanto através da nossa programação cultural, através dos colóquios, dos seminários e da própria programação de ciclos de cinema ...|.

Na subcategoria da oferta cultural a entrevistada referiu que,

Muito antes do museu abrir nós tínhamos programação cultural, para divulgar conteúdos do museu, tínhamos um serviço educativo que trabalhava essencialmente fora do contexto do Teatro José Lúcio da Silva, recebíamos crianças ...| portanto fomos sempre tendo um trabalho com a comunidade, para nós era muito importante, e não faria sentido que fosse de outra forma ...|.

Salienta ainda em relação à coleção que *...| não é uma coleção gigantesca, é uma coleção que se pauta por objetos que são importantes nestes marcos de transição e de evolução das imagens em movimento.* Dentro dos objetivos mais filosóficos do museu a entrevistada refere que *A ideia é que o museu seja também um espaço de reflexão e que seja um espaço onde se questiona um conjunto de coisas e onde as pessoas também possam fazer esse exercício, não só de reflexão, mas também de análise e de crítica.* Isto além do *...| contributo do museu para o conhecimento das imagens em movimento, a importância do papel do museu para a promoção de uma cultura visual ...|.*

Mais uma vez, se observa uma vontade emergente em contribuir para uma educação integral da comunidade, seja através da oferta cultural escolhida nesse sentido, seja através das opções museológicas que se tomam, encontra-se no museu um eixo condutor coerente.

Quando questionada acerca dos contributos diretos para a comunidade local, a mesma conclui que,

Quando nós estamos a criar uma coleção e dizemos que é uma coleção que vai integrar um museu, eu julgo que à partida estamos a trabalhar diretamente com a comunidade, porque estamos a preservar um património comum e que faz parte do imaginário e das vivências e se não faz vai passar a fazer [...] através da programação cultural, através das pessoas que o museu traz, através das atividades que promove, das exposições que promove, [...] Eu julgo que estamos a contribuir para a cultura das pessoas.

Verifica-se que a instituição teve a preocupação de criar o serviço educativo bem como uma programação cultural que não só estabeleça uma relação estreita com a comunidade, como que lhe ofereça informação pertinente dentro da sua área específica. Procura assim promover tanto a cultura no geral como a cultura visual em específico, seja através da própria programação, seja através da preservação do património – tanto material como imaterial.

Quanto aos serviços que prestam à comunidade, seja através das parcerias que fazem, seja através dos recursos materiais que disponibilizam a entrevistada refere que [...] *o serviço de documentação especializado em cinema e fotografia, é um serviço público que assumimos para a comunidade [...].* Menciona o serviço do centro de conservação e restauro que se verifica abrir-se à comunidade aquando de pedidos individuais de ajuda na conservação ou recuperação de fotografias e explica que [...] *temos trabalhado também numa função de aconselhamento e numa função de conservação preventiva, portanto sempre que nos procuram, pessoas particulares ou instituições, nós temos trabalhado diretamente com eles [...].* Em relação ao centro de recursos multimédia, criado com o propósito de apoiar e promover ações de formação em cinema de animação, edição de vídeo, recolha do património imaterial, e outros campos de criatividade artística no âmbito das tecnologias da imagem em movimento, a entrevistada refere que,

[...] é um espaço aberto para a comunidade, portanto, não só cedemos os equipamentos, câmara de filmar, tripés, iluminação, para as pessoas que queiram fazer trabalhos, portanto, apresentam o projeto e o museu apoia do ponto de vista técnico, como também trabalhamos, digamos, ativamente nessa recolha de património imaterial.

Quando questionada acerca das parcerias que o museu estabelece com diversas entidades a entrevistada refere,

...| por exemplo ao nível das escolas aqui na zona temos parcerias ao longo do ano inteiro, em que as aulas de fotografia são dadas aqui no museu com os recursos do museu, portanto, eu julgo que isto é também bastante importante, os meios técnicos do museu, os laboratórios, são postos à disposição da comunidade.

No mesmo sentido explica,

Fazemos cedência de espaços, também, é um outro serviço em que o museu tem apostado, porque, de facto, com a vinda do museu para aqui não só reabilitámos património, como mais-valia, não só a criação de um museu, mas a criação de um espaço público, de um novo espaço público |...|.

Ou seja, estamos perante um espaço que para além das instalações disponíveis para albergar projetos dos mais variados tipos e de estar dotado de recursos materiais de um valor inquestionável para projetos na sua área específica, vai servir de janela a muitos artistas ou mesmo permitir a muitos profissionais que lá prestem os seus serviços seja na área da formação, seja na área da animação cultural, do desenvolvimento pessoal, ou mesmo permitir que se levem a cabo iniciativas que surgem da comunidade para a comunidade.

Ainda em relação às parcerias que estabelecem foram referidas instituições de ensino de vários níveis académicos. Se por um lado cedem o ambiente e meios perfeitos para as aulas de fotografia de algumas escolas secundárias, como referido atrás, depois temos o Instituto Politécnico de Leiria, ao nível de Escolas Superiores, de onde menciona que recebem *|...| estagiários ao nível curricular |...| promovemos a sua inserção na atividade profissional.* É sabido que depois de se obter a formação e informação referente a uma determinada área específica é sem dúvida uma mais-valia a sua aplicação prática em contexto real, por dotar os estudantes de reportórios e os colocar perante situações reais que lhes vão proporcionar a dita experiência, sempre tão solicitada pelas entidades aquando da procura de emprego.

Por outro lado em relação a uma faixa etária mais nova como é o caso das crianças, a entrevistada referiu a grande procura que tem por parte tanto de escolas do primeiro, segundo e terceiro ciclo como de jardins-de-infância e reforça a importância de lhes tornar a cultura acessível,

...| e que essa acessibilidade também seja plural, também uma preocupação nossa desde cedo, que seja multicultural, que também dê resposta não só a várias gerações mas também a várias culturas. Temos trabalhado por exemplo em articulação com o projeto MUSE, das escolas, na escola, neste caso, de Marrazes, portanto, trabalhamos diretamente com eles. Trabalhamos diretamente com algumas escolas, também no desenvolvimento de alguns conteúdos.

Sendo característica e vontade da instituição chegar a todas as faixas etárias a entrevistada referiu ainda que *A última coisa que fizemos foi com o lar da terceira idade, organizámos um conjunto de fotografias e a partir das fotografias, fomos recolhendo a memória que as pessoas tinham da vivência da cidade, da vivência de alguns lugares.*

Mais uma vez se constatou a dinâmica efetiva desta instituição com diferentes públicos, sejam de diferentes meios, culturas ou faixas etárias, o museu tenta de alguma forma chegar e oferecer os seus recursos e através deles a cultura que dele emerge aos mais variados públicos, tentando alcançar e contribuir para toda a comunidade.

Em relação à evolução do museu a entrevistada refere que nestas instalações específicas o mesmo se encontra há apenas dois anos e que existindo o museu há já bastante mais tempo há ainda alguns projetos por finalizar e mesmo determinados recursos que poderiam ser mais aproveitados, deixando escapar,

...| não temos ninguém com formação específica em serviço educativo, em Educação, ...| ou seja, neste momento digamos que o museu tem um conjunto de objetivos que espera ainda alcançar, de facto ainda não temos a equipe estruturada de forma a que ele dê uma resposta efetiva, mas todos os dias procuramos esse contacto com o público e, de facto, corresponder às expectativas da população.

Ou seja, identificado o potencial e verificada por toda esta análise a quantidade de projetos e oferta cultural que este museu tem para oferecer, ainda se consegue observar nele a capacidade de crescer e desenvolver mais para e com a comunidade.

4.2 Análise Documental

Nesta fase de trabalho de campo mostrou-se pertinente proceder a uma análise documental da instituição, tendo a mesma mostrado abertura para tal ao facultar determinados documentos e registos próprios. Os dados obtidos desta forma permitiram

não só complementar como também perspetivar a informação obtida através de outros instrumentos de recolha e análise de dados, visto fornecerem dados pertinentes para a análise da relação efetiva entre o Mimo – Museu de Imagem em Movimento e a Comunidade, o que por sua vez permite uma melhor análise do seu impacto.

Deste modo foram analisados diferentes tipos de informação. Numa abordagem mais quantitativa, através de dados informáticos que a instituição cedeu, extraiu-se informação considerada pertinente para que fosse possível não só observar a variedade de algumas ações e atividades, como ainda quantificar o número efetivo de visitantes que acederam às mesmas.

Foi possível observar que desde o seu início, ainda no Teatro José Lúcio da Silva, até 31-12-2012, de um total de 67 exposições levadas a cabo se apurou que 107.706 (cento e sete mil, setecentos e seis) indivíduos tiveram acesso às mesmas. De referir que estão contabilizadas nesta categoria tanto exposições organizadas pelo Mimo, como outras em que o museu colaborou ou que coproduziu, tendo ainda em conta que dada a variedade de espaços onde as mesmas poderão ter sido apresentadas estão por vezes registados nos dados acedidos com a salvaguarda de serem valores aproximados de visitantes.

Da mesma forma se verificou que até ao início de 2009, ou seja antes da mudança para as novas instalações, já mais de 8.000 (oito mil) pessoas tinham beneficiado do serviço educativo do museu, através de iniciativas tão variadas como as que constam na tabela do Anexo IV.

No que concerne a projeção e ciclos de cinema verifica-se até 2012 um público de 8.695 (oito mil, seiscentos e noventa e cinco) espectadores, atentando mais uma vez ao facto de determinados registos indicarem números aproximados.

Em relação a parcerias, fosse com escolas, associações, organismos ou outros, na lista a que tivemos acesso constavam 88 (oitenta e oito) sendo que estas se distribuem tanto por parcerias locais e regionais, como depois de norte a sul do país, como ainda algumas internacionais. Observa-se aqui um claro incentivo à partilha e troca de conhecimento bem como uma grande vontade de tornar a cultura acessível.

Através destes dados consegue-se ter uma ideia mais concreta em relação ao número de indivíduos que têm acesso a estas atividades do museu. Se tivermos em conta que estas são somente algumas das atividades levadas a cabo pelo museu, e que não estão aqui

quantificadas diversas oficinas e atividades, regulares ou pontuais, nem as formações, palestras ou colóquios entre outras, ficamos então com a percepção de que a interação deste museu com a comunidade vai muito além destes números.

Do correio interno foi selecionado um fax de agradecimento (Anexo V) para representar a satisfação demonstrada por parte de uma escola em relação a uma visita de estudo. Este exemplifica a sensação de benefício que a mesma originou aos seus alunos, como se pode observar pela mensagem da professora:

Aos Serviços Educativos

Apresentamos-lhe os nossos agradecimentos pela condução da visita a esse museu que estamos certos veio enriquecer os conhecimentos e sensibilizar os alunos para as vertentes histórica e científica do mundo das imagens.

Com os nossos melhores cumprimentos

Na mesma linha destacaram-se também alguns comentários escritos no livro de honra do museu (Anexo VI), deixado na entrada do museu precisamente para este efeito.

Datados de 28 de Maio de 2013 foram retirados comentários do Agrupamento de escolas de Porto de Mós como: *Foi uma visita fantástica! Adorei., Obrigada por esta oportunidade, foi única, Um belo sítio, Adorei! Fantástico! Maravilhoso! A oficina do olhar está de mais! Espero voltar brevemente!* e ainda *Adorei!* Ora, estes comentários demonstram de alguma forma o fascínio sentido por estudantes que quando estimulados tendem a concretizar a sua curiosidade no empenho da descoberta, incitando-os a tornarem-se cidadãos ativos ou pelo menos, nestas idades, curiosos.

Já de outra faixa etária recolheu-se o comentário *Adoramos!*, assinado pela Universidade Sénior do Rotary Club de Porto de Mós, e da mesma página o comentário *Adorei!!! Foi fantástico! Adorei visitar Leiria! Eu volto.* Nesta página identificam-se duas vertentes distintas, por um lado o proveito que o museu pode proporcionar num envelhecimento ativo em que os seniores procuram estímulos que os façam continuar a aprender e a partilhar sensações, e por outro o facto de servir a cidade ao ser um ponto de referência para potenciar o turismo, na medida em que vai fazer publicidade não só ao museu, como à cidade propriamente dita com todos os proveitos que daí podem advir.

De outra folha deste livro de honra retirou-se *Eu, [nome], natural de Leiria e da freguesia de Marrazes gostei muito do aspeto do museu em movimento (MIMO). É bom saber que a Câmara Municipal apoia a cultura nesta cidade.* E ainda da mesma folha, assinado por um *Grupo de estudantes de intercâmbio entre República Checa e Escola Secundária Domingos Sequeira – Leiria*, o comentário: *Gostámos muito* datado de 10 de Abril de 2013. Do primeiro comentário salienta-se a consciência da transmissão de cultura efetivada pelo museu bem como da sua importância. No segundo comentário observa-se a dinâmica intercultural resultante dos intercâmbios que em tudo beneficia os estudantes, sendo que nesta situação específica o museu terá contribuído com mais uma linguagem para além das que tinham no grupo, a imagem em movimento.

Datado de 8 de Junho de 2012 estava o comentário: *Gostei da desconstrução do óbvio da imagem que vejo e de conhecer o engenho humano na sua compreensão* e ainda *Este mimo é muito bom.* Ora aqui o comentário vai ao cerne da questão transmitida pela exposição permanente que pretende precisamente levar o público a questionar o que vê compreendendo algumas das questões ligadas à perceção.

Sem data estava o agradecimento:

O M|i/MO é um espaço maravilhoso, onde apetece estar, porque nos enriquece o olhar e o espírito. Merece que o visitem para admirar todo o espólio fantástico que possui. Os Leirienses devem sentir-se orgulhosos por possuir um espaço como este e visitá-lo. Ajudarei a divulgá-lo, incentivando-os a que venham. Quero agradecer em nome pessoal e como representante também do [nome do grupo], a forma como fomos acolhidos nesta “casa”, por todos os funcionários que nela trabalham. Apreciamos o seu profissionalismo e simpatia. Creio poder dizer que encontrámos um espaço fantástico para futuras atividades, se nos quiserem acolher... Um sincero obrigada e tudo de bom na continuação do vosso trabalho.

Nesta mensagem observa-se não só a apreciação do espólio e de toda a envolvimento do museu, bem como dos seus profissionais, como ainda se reflete a vontade de o utilizar como espaço público que é, para através dele fazer chegar a uma maior parte da comunidade o trabalho levado a cabo por este grupo específico da comunidade como é um grupo coral.

Datado de 11 de fevereiro de 2013 constava: *A exposição agradou-me imenso, e creio que este tipo de eventos merece todo o apoio. Um bem-haja aos patrocinadores., Gostei*

muito de visitar este lindo espaço, é tudo muito interessante., Muito Obrigada a todos que tiveram esta linda ideia que engrandece a nossa cidade. e Parabéns pelo espaço, pela disponibilidade e espólio, acima de tudo, que só enriquecem a nossa cidade. Gratos Assinado por *O grupo de seniores da unidade de saúde de S. Tiago de Marrazes.* Na faixa etária oposta, de crianças de um ATL ficaram os seguintes registos: *Eu gostei de tudo, mas gostei mais de conhecer as câmaras antigas., Eu gostei de tudo, mas gostei mais da oficina do olhar., Eu gostei mais da oficina do olhar e O que eu gostei mais foi das fotos sobre Leiria.* Assim, mais uma vez se observa a satisfação de um grupo de seniores a usufruir de convívios ativos com a oferta do MIMO a par com a apreciação de um grupo de crianças, cuja curiosidade se desperta.

Ainda com a assinatura do Brasil ficaram os registos: *Parabéns pelo maravilhoso museu. Reconstrução muito bonita e acervo importantíssimo. E Belíssimo restauro e recuperação do edifício. Museu muito importante. Parabéns,* datados de 31 de Maio de 2013. Onde se reconhece uma apreciação além-fronteiras do aproveitamento do património histórico de Leiria, bem como com da sua transformação e reutilização.

Desde crianças que vêm com o jardim-de-infância, a adolescentes que frequentam a escola secundária, a visitantes vindos de escolas seniores, o objetivo foi fazer uma recolha representativa das diferentes faixas etárias. Da mesma forma foram recolhidos comentários de visitantes da cidade, de outras zonas do país e ainda de estrangeiros pois mostrou-se aqui ser notório que a visita ao MIMO – Museu de Imagem em Movimento agrada a todos estes diferentes públicos.

4.3 Inquéritos por Questionário

Conforme referido anteriormente, os inquéritos por questionário (Anexo VII) foram aplicados no MIMO – Museu de Imagem em Movimento entre dia 15 de dezembro de 2012 e dia 15 de março de 2013. Na impossibilidade de estar presente a tempo inteiro na instituição, estes ficaram na receção disponíveis para preenchimento voluntário dos visitantes. Foram ainda contactados alguns formadores de atividades mais prolongadas que solicitaram aos seus formandos a contribuição da sua opinião na forma de preenchimento do questionário aqui apresentado.

Neste contexto foram reunidos 91 (noventa e um) questionários, tendo sido validados apenas 89 (oitenta e nove) pelo facto de um se mostrar incompleto e outro, pelo contrário, por ter sido preenchido de forma dúbia.

O inquérito por questionário divide-se em seis grupos de questões. Os gráficos referentes à análise de dados do Grupo I, II, III e IV encontram-se no Anexo VIII.

O grupo I pretende caracterizar socialmente a amostra, de conveniência pois os inquéritos foram preenchidos por quem se mostrou disponível no local do contexto da investigação. Este grupo permite identificar a amostra a que tivemos acesso, e verificar a sua caracterização, na perspetiva de não encontrar uma caracterização muito díspar da sociedade em geral, para que desta forma se possa considerar uma amostra fiável. De referir que, embora o museu seja frequentado por muitas crianças, que o visitam espontaneamente com as famílias ou inseridas em visitas de estudo, se optou por direccionar o questionário para uma faixa etária a partir dos 15 anos. Esta opção ficou-se a dever por um lado à estrutura e linguagem do mesmo, e por outro às ideias que se pretendiam auscultar sobre o desenvolvimento comunitário, conceito que poderia ser complexo para muitas crianças.

No gráfico 1 que reflete a idade da amostra podemos observar uma taxa de 12% para a faixa etária entre os 15 e os 29 anos de idade, 37% para a faixa etária dos 30 aos 44 anos de idade e 51% para a faixa etária acima dos 45 anos de idade. Verifica-se então que houve uma maior afluência da faixa etária acima dos 45 anos, podendo inferir-se que esta se deva por um lado ao tema da exposição temporária patente no momento “(re)conhecer Leiria” e por outro à formação acreditada que decorreu para o público alvo dos professores cujo tema era precisamente “da Escola ao Museu”.

Conforme se pode verificar no gráfico 2 que reflete o género da amostra, 67% dos inquiridos são do sexo feminino e 33% do sexo masculino.

Na análise das habilitações, que corresponde ao gráfico, pode observar-se que 2% dos inquiridos tem o ensino básico, 31% concluíram o ensino secundário, 58% são licenciados e 9% tiraram um mestrado. Verifica-se então que mais de metade tem uma licenciatura, sendo que se os somarmos aos detentores de mestrado ficamos com uma percentagem de 67% de indivíduos com grau académico, ou seja que frequentaram e concluíram estudos superiores. Já em relação à situação profissional, no gráfico 4

verifica-se que 15% da amostra se encontra desempregada, 6% são estudantes, a grande maioria, com 58% são trabalhadores por conta de outrem, enquanto 10% trabalham por conta própria e uma percentagem de 11% estão reformados.

No grupo II pretende-se compreender a relação dos inquiridos com o Mimo – Museu de Imagem em Movimento, pelo que se questionou por um lado o número de visitas que os mesmos faziam ao museu por ano, em que se obteve uma percentagem de 62% no intervalo de 1 a 5 visitas, uma percentagem de 6% para o intervalo de 6 a 10 visitas por ano, uma percentagem de 16% para o intervalo de 11 a 15 visitas e de 16% para mais de 16 visitas por ano, como se pode verificar no gráfico 5. Nesta questão devemos ter em conta o facto das novas instalações serem relativamente recentes, o que pode explicar a grande maioria de visitas de 1 a 5 vezes ao ano, bem como o facto de alguns poderem ser turistas ou visitas de excursões. Contudo, se juntarmos as duas últimas categorias, a do intervalo de 11 a 15 visitas e a de mais de 16 visitas por ano, podemos concluir que 32% dos inquiridos vai em média pelo menos uma vez por mês ao museu, podendo ser considerados utilizadores regulares da instituição.

Por outro lado pretendeu-se também compreender o tipo de contacto efetuado aquando dessas visitas, tendo-se verificado, conforme reflete o gráfico 6, um destaque para a categoria “Outra” que obteve uma taxa de 31% das respostas. Pela análise dos dados obtidos pode-se inferir que esta predominância esteja relacionada com as formações que estavam a acontecer na altura da investigação: “Fotografia Digital” e “Da Escola ao Museu – Novas Práticas Pedagógicas”, turmas onde houve bastante adesão ao preenchimento dos questionários. Também se constatou que alguns visitantes aproveitam para ver outras coisas que entretanto tenham suscitado o seu interesse. Apurou-se uma taxa de 16% de deslocações com o fim de participar em atividades, 18% para visita ao museu, mais 11% para visita guiada, 18% para participação em *workshops*, 4% para assistir a palestras e 2% para frequentar algum atelier.

O grupo III, sendo um grupo de resposta fechada solicitada através de escala, pretendeu apurar a opinião dos visitantes em relação à instituição e à sua relevância para a comunidade. Pediu-se que fosse assinalado o grau de concordância com as afirmações apresentadas tendo em conta a seguinte escala: N/S – Não sei; 1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo Parcialmente; 3 – Concordo; 4 – Concordo Parcialmente; 5 – Concordo Totalmente.

Desta forma, em relação à afirmação de que “A ida ao Museu é enriquecedora”, conforme se pode verificar no gráfico 7, 64% da população inquirida concordou totalmente, tendo atribuído 5 na escala disponibilizada. Tendo 5% respondido que não sabe, ninguém respondeu que discordava totalmente, embora 2% tenham atribuído o 2 que corresponde a discordo parcialmente. Ou seja, se se juntar os 19% que responderam que concordam, aos 10 % que responderam que concordam parcialmente e se somar estes aos 64% que reponderam que concordam totalmente verifica-se uma percentagem de 93% de respostas positivas em relação à afirmação.

Da mesma forma, em relação à afirmação que “O tema da exposição é interessante”, representada do gráfico 8 não se obteve qualquer resposta negativa, havendo no entanto 9% de respostas que referem não saber, que se infere virem de pessoas que não visitaram a exposição patente. Sendo então 91% das respostas positivas, 19% referiram concordar com a afirmação, 22% referiram concordar parcialmente e 50% da população inquirida referiu concordar totalmente. Em qualquer um destes gráficos se verifica um grande apreço em relação quer à ida ao museu, quer ao tema da exposição em si.

No gráfico 9 podemos observar que efetivamente 95% das respostas concordam que se encontra no MIMO – Museu de Imagem em Movimento uma oportunidade para ter acesso à cultura. Destas, 16% concordam com a afirmação “Encontra-se aqui uma oportunidade para ter acesso à cultura”, 24% concordam parcialmente e 55% concordam totalmente. Enquanto 1% refere discordar parcialmente, ninguém discorda completamente e 4% respondem não sei. Observamos aqui 95% de respostas positivas.

No gráfico 10, para a afirmação “Estimula a reflexão nas pessoas”, observamos uma taxa de 4% de indivíduos que referem não saber, 6% para a resposta que corresponde ao discordo parcialmente, não tendo havido respostas para a categoria de discordo completamente. Analisando as respostas que concordam com a afirmação, obteve-se uma taxa de 26% para o nível 3 que corresponde ao concordo, 25% para o nível 4 que corresponde ao concordo parcialmente e 39% para o nível 5 que corresponde ao concordo totalmente. Verifica-se assim uma taxa de concordância de 90% com o facto de esta instituição estimular a reflexão nas pessoas.

Em relação à afirmação de que a instituição “Promove o desenvolvimento dos indivíduos e da comunidade” (conforme Gráfico 11) pode verificar-se uma taxa de concordância de 88%, sendo 24% referentes ao concordo, 26% ao concordo

parcialmente e 38 % ao concordo totalmente. Aqui verificaram-se 6% de respostas que referiram não saber se concordavam ou não com a afirmação e outras 6% que referiram discordar parcialmente, não tendo havido nenhuma que discordasse completamente. Ainda que a percentagem de repostas indecisas e negativas seja relativamente pequena, pode-se inferir que esta se deva ao facto deste não ser um desenvolvimento palpável.

Já em relação à afirmação de que a mesma “Estimula a curiosidade”, representada no gráfico 12, em que apenas 2% respondeu não saber e 1% discordar parcialmente, verificou-se uma taxa de concordância de 97%, sendo que 30% responderam concordar, 16% responderam concordar parcialmente e 51% responderam concordar totalmente. Observa-se aqui uma maioria quase totalitária em relação à questão do museu despertar a curiosidade dos seus visitantes.

No gráfico 13 encontra-se representado o grau de concordância em relação à afirmação “Promove a convivência social”. Havendo 1% a discordar totalmente e 7% a discordar parcialmente, houve ainda 4% que referiram não saber. Com respostas positivas, obteve-se 32% de respostas que referem concordar, 31% que referiram concordar parcialmente e 25% de respostas que referem concordar totalmente, perfazendo um total de 88% de respostas positivas.

Quanto à afirmação “Proporciona uma boa alternativa para ocupação de tempo livre”, constata-se através do gráfico 14 que 94% da população inquirida concorda de alguma forma, sendo que 22% concorda, 24% concorda parcialmente e 48% concorda totalmente. Não tendo existido ninguém a discordar totalmente, houve 1% que discordou parcialmente e ainda 5% que referem não saber. Embora apenas 6% das respostas não tenham sido positivas levanta-se aqui um pouco a questão cultural dos hábitos da nossa sociedade no que toca à forma como ocupam os seus tempos livres, ou mesmo ao modo como olham para a instituição “museu” *versus* “espaço cultural”.

No gráfico 15 verifica-se em relação à afirmação “É uma boa base para pesquisa”, uma taxa de indecisão de 7% com a resposta não sei, 5% de respostas negativas com 1% para a resposta discordo totalmente e 4% para a resposta discordo parcialmente. Em respostas positivas, houve 26% para a resposta concordo, 24% para a resposta concordo parcialmente e 38% para a resposta concordo totalmente, totalizando uma percentagem de 88% de respostas positivas. Infere-se desta percentagem de indecisão que parte da população não tenha conhecimento de todos os serviços prestados pelo museu.

Em relação à afirmação “É importante para a preservação/promoção da Identidade” (conforme Gráfico 16), observa-se uma taxa de indecisão de 6%, uma taxa de 2% a discordar totalmente e 5% a discordar parcialmente, contra 19% a concordar, 29% a concordar parcialmente e 39% a concordar totalmente.

No grupo IV, incidindo as afirmações na educação, mais especificamente em relação às atividades, *workshops*, palestras, visitas e ateliers, e ao seu contributo para a educação da comunidade, manteve-se a mesma escala: N/S – Não sei; 1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo Parcialmente; 3 – Concordo; 4 – Concordo Parcialmente; 5 – Concordo Totalmente.

Perante isto, observa-se no gráfico 17 uma percentagem de 88% de concordância com a afirmação “As atividades promovidas pelo Mj|mo são ferramentas eficazes ao serviço da educação”, sendo que 25% atribuiu 3 que significa que concorda, 23% atribuiu 4 que significa que concorda parcialmente e 40% atribuiu 5 que significa que concorda totalmente. Não tendo havido nenhuma resposta atribuída ao 1 que significa que discorda totalmente, houve no entanto 3% de respostas atribuídas ao 2 que significa discordo parcialmente e ainda 9% de respostas que indicam não saber.

Quanto à hipótese de através desta oferta se poderem desenvolver atitudes ou valores, representada no gráfico 18, houve 9% de respostas indecisas (Não sei), 4% de respostas que discordam parcialmente, sendo as outras 88% repostas de concordância. Nestas, 25% das respostas concordam com a afirmação, 32% concordam parcialmente e 30% concordam totalmente. Ou seja, a maior parte da população inquirida tem partilha a ideia de que esta oferta pode proporcionar benefícios ao nível da conduta e do saber estar.

Quanto ao facto de se poder transmitir conhecimentos através do conjunto de atividades disponibilizadas (conforme Gráfico 19), havendo uma percentagem de 9% que respondeu não saber, houve também 1% que respondeu discordar parcialmente. As 90% das respostas positivas distribuíram-se entre 13% que concordam, 30% que concordam parcialmente e 47% que concordam totalmente. Ou seja, a grande maioria das pessoas tem consciência da aquisição efetiva de conhecimentos específicos que se pode fazer no museu através de diferentes atividades.

De igual forma, em relação ao facto destas promoverem um desenvolvimento integral do indivíduo (conforme Gráfico 20), observa-se uma taxa de indecisão de 9%, havendo 4% de respostas que discordam parcialmente com esse facto. Contudo, com 22% de respostas a concordar, 39% a concordar parcialmente e 26% a concordar totalmente, verifica-se um total de 87% de respostas que concordam com a capacidade da oferta do museu em promover um desenvolvimento integral do indivíduo.

Em relação à afirmação “Estas aprendizagens podem-se repercutir na vida social e na comunidade”, representada no gráfico 21, houve uma percentagem de 11% de inquiridos que respondeu não saber e ainda 1% que respondeu discordar parcialmente. Os restantes 88% de respostas que se encaixam em diferentes níveis de concordância distribuem-se por 20% que concordam, 37% que concordam parcialmente e 31% que concordam totalmente.

Na mesma linha, em relação à afirmação de que estas atividades estimulam o cumprimento de regras de convivência, representada no gráfico 22, tendo havido um aumento da taxa de indecisão para 13%, bem como 1% que discorda totalmente a par com 1% que discorda parcialmente, verificaram-se ainda 85% de respostas positivas. Estas distribuem-se por 27% que concordam, 29% que concordam parcialmente e 29% que concordam totalmente, evidenciando que uma grande maioria concorda que existe uma vertente social nestas atividades, na medida em que podem ser úteis tanto para a construção do saber estar bem como do ser relacional.

No gráfico 23 analisa-se a opinião dos inquiridos quanto à afirmação “Desenvolvem a apreciação crítica/juízo estético em relação à arte”. Aqui observa-se uma taxa de indecisão de 9%, 2% de respostas que discordam parcialmente e 89% de respostas que concordam, sendo que 21% concordam, 27% concordam parcialmente e 41% concordam totalmente.

Em relação à possibilidade de as atividades contribuírem para o contacto com várias formas artísticas e meios de comunicação (conforme Gráfico 24), houve 10% de inquiridos que responderam não saber, 2% que discordaram totalmente e 88% que responderam concordar de alguma forma. Estas respostas de concordância dividiram-se entre 19% que concorda, 22% que concorda parcialmente e 47% que concorda totalmente.

O gráfico 25 representa a opinião dos inquiridos em relação à possibilidade destas atividades ajudarem à afirmação da identidade através da apreciação do património cultural. Aqui, observa-se 11% de respostas indecisas, 2% de respostas que discordam parcialmente, 14% de respostas que concordam, 31% de respostas que concordam parcialmente e 42% de respostas que concordam totalmente, perfazendo um total de 87% de respostas positivas.

No gráfico 26 está representada a opinião em relação à afirmação “Apelam à consciencialização da diversidade cultural, onde se verifica uma taxa de indecisão de 12%, 1% que discorda totalmente, 1% que discorda parcialmente, 25% que concorda, 28% que concorda parcialmente e 33% que concorda totalmente.

Em relação à afirmação “ Estimulam a aprendizagem ao longo da vida”, representada no gráfico 27, houve 9% que respondeu “Não sei”, 1% que respondeu discordar totalmente e 2% que respondeu discordar parcialmente. Das 88% de respostas positivas, 25% referiram concordar, 29% referiram concordar parcialmente e 34% concordar totalmente.

Para a opinião referente à afirmação “Ajudam a identificar ou intensificar o seu potencial artístico” (conforme Gráfico 28) verifica-se uma taxa de indecisão de 9%, 1% para a discordância total e 2% para a discordância parcial. Com respostas positivas verifica-se uma taxa de 21% que concorda, 30% que concorda parcialmente e 37% que concorda totalmente, totalizando uma percentagem de 88% que de alguma forma concorda com a afirmação.

Tendo verificado em todo este grupo IV uma maior incidência de respostas indecisas (Não sei), ainda que relativamente pequena, pode-se inferir que a questão da educação seja ainda um assunto algo dúbio para algumas pessoas, visto se ter desde sempre associado a questão da educação à escolarização e durante muito tempo não se ter dado a devida atenção a todos os reportórios e experiências de vida como fatores estimulantes e muitas vezes decisivos na construção de um ser mais integral e mesmo de um cidadão mais atento ou ativo. A diferença entre o saber e o saber estar ou saber ser é um assunto que felizmente hoje em dia já é discutido tanto dentro como fora das escolas, mas que por vezes demora o seu tempo a enraizar-se nas mentalidades.

O grupo V, sendo constituído por duas questões abertas leva a uma opinião mais profunda e pessoal acerca da interação do museu com a comunidade. Aqui foi solicitado aos inquiridos que refletissem um pouco sobre a sua deslocação ao MIMO – Museu de Imagem em Movimento.

A análise destas respostas foi efetuada através de uma grelha de análise de conteúdo (Anexo IX) para melhor se enquadrar a frequência dos temas abordados.

Na primeira questão foi solicitado que dessem a sua opinião acerca do que pensavam ter aprendido com a ida ao MIMO. Para esta questão verificou-se uma predominância em relação ao tema de cinema e fotografia, o que vai ao encontro da especificidade do museu e ao seu desejo de contribuir para um maior esclarecimento da comunidade em relação à imagem em movimento bem como à sua perceção. Deste modo, observam-se testemunhos que referem ter aprendido *História, Cinema e Ciência*, ou *O desenvolvimento do cinema e da fotografia; importância da imagem* e ainda *Outras formas de Arte. Informação através do cinema Documental*, ou ainda, *Ouvi sons diferentes vi imagens diferentes e contatei a evolução da importância da imagem ao longo dos tempos*.

Há ainda respostas como, *História da tecnologia da imagem e do cinema. História de vivências da cidade de Leiria. O que vemos e como vemos*, esta, para além de referir a evolução da imagem e do cinema, também remete para os objetivos mais filosóficos do museu, fazendo pelo meio a ponte para outra predominância de respostas que se verificou mencionarem as recordações e a história de Leiria, o que se infere estar relacionado com a exposição patente: (re)conhecer Leiria. Sobre este tema há respostas que de alguma forma agradecem e evidenciam, *Que ainda existe quem se preocupe com a preservação da memória coletiva da comunidade*, ou que referem simplesmente o que a exposição lhes proporcionou, *Recordações*, ou ainda para quem talvez tenha vindo de fora, *Aprendi sobre o local onde se insere, fiquei maravilhada com o espólio, gostei bastante de conhecer imagens do passado da cidade de Leiria*, daí o nome da exposição ter o (re) dentro de parêntesis, pois se para uns se trata de reconhecer, outros há para quem se trata de conhecer.

Outra sensação partilhada por alguns inquiridos reconhece-se na abordagem do tema da aquisição de conhecimento, bem como da sua partilha e da importância da troca de

experiências e vivências. A este propósito, há quem constate que, *Adquiri conhecimentos, troquei experiências, desenvolvi capacidades*, a partilhar a mesma perspetiva que a resposta: *Aprendi coisas novas, tenho contacto com artistas que não conhecia. Aprendi novos conteúdos que me ajudam a refletir. Sinto que saio um pouco mais rica*. Ainda na mesma linha e de uma forma bastante esclarecedora alguém refere:

Primeiro devo dizer que as minhas idas ao MIMO para ver exposições, ouvir palestras, ver cinema e ouvir concertos foram motivadas pelo prazer que me dão estas atividades. Mas não posso deixar de confessar que de volta a casa vou sempre mais enriquecida com novos conhecimentos, com mais abertura da mente e do coração.

Há ainda quem refira que aprendeu, *A olhar para um museu enquanto espaço de liberdade criativa, construindo-se o conhecimento de formas diversas, mais ou menos informais*. Nestas respostas observamos sem dúvida a construção de indivíduos mais completos, a contribuição do Mimo para uma educação integral, que vai conjugar o saber, com o saber estar e o saber ser, sem dúvida que estas respostas refletem a consciência da absorção de conhecimento prático, não retirando a devida importância às sensações de partilha bem como de reflexão e mesmo de contemplação.

A referir o seu potencial como instrumento para uma educação integral lê-se que a, *Visita ao Mimo é uma experiência enriquecedora, não só na educação, mas na vida social e na comunidade*. Outras respostas que referem ter aprendido com a ida ao Mimo *A desenvolver espírito cultural e a sensibilidade*, remetem para outra categoria, a da cultura, tema naturalmente abordado que faz parte desse ser integral e em que se encontram opiniões como a de que *O Mimo contribui com atividades e promove a interação com a comunidade que não seria possível de outra forma, assim a cultura chega às pessoas de forma mais próxima*.

Para opinar acerca do que aprenderam com a ida ao museu, também há quem saliente a procura da identidade e a salvaguarda do património referindo *Que é possível "guardar" "raízes" que nos podem ajudar a saber quem somos. É o nosso património que nos torna mais ricos*. Na mesma linha se observa a resposta: *O MIMO ensinou-me que a ARTE/CIÊNCIA/PATRIMÓNIO cultural fazem parte do nosso quotidiano e devem ser preservados*.

Para esta questão inicial, refere-se apenas mais uma resposta que remete para a evolução do conceito de museu:

Que o museu não é um espaço apenas de "armazenamento" de peças, objetos e instrumentos históricos e do património mas um local de aprendizagem, criatividade e reflexão crítica que permite uma educação e um ensino diferente.

Ainda no mesmo grupo V foi colocada outra questão aberta que pretende auscultar a opinião dos inquiridos acerca dos contributos do M|immo para o Desenvolvimento Comunitário. Da mesma forma se procedeu à elaboração de uma grelha de análise de conteúdo (Anexo X) como instrumento de análise de dados.

Para esta questão verificou-se um grande número de respostas a incidir no tema da cultura, com todos os benefícios inerentes ao seu acesso, como podemos verificar pela seguinte resposta: *Na minha apreciação o Mimo contribui para divulgar e enriquecer toda a comunidade a nível cultural e também enquanto pessoa.* Obtiveram-se respostas a dar mais destaque à especificidade do museu ao referir que este, *Promove a cultura visual na comunidade e na região*, tendo-se também observado algumas respostas que remetem para o *Enriquecimento cultural* e outras que salientam mesmo o facto de que esta instituição *Promove o desenvolvimento integral do indivíduo*. Foi também referido que *Qualquer museu é fundamental ao desenvolvimento comunitário*.

Constatamos que através desse acesso à cultura também se beneficia duma melhor integração na comunidade, quando ao opinar acerca da contribuição do Mimo para o desenvolvimento comunitário é referido que *As ações culturais, as formações, a exposição e o serviço educativo são ferramentas fundamentais para a integração na comunidade onde se insere*. O que remete para outra categoria que é a interação tanto do museu com a comunidade, como da comunidade entre si, em que se verificaram respostas como que a sua contribuição é *Grande na medida em que pretende a interação com a comunidade*, e em respostas que referem verificar a *Aproximação entre públicos distintos; desenvolvimento de atividades para público sénior e infantil*.

Ainda nos contributos diretos para o desenvolvimento comunitário se observou ênfase no facto do museu contribuir para a construção e preservação da identidade dessa mesma comunidade, através de respostas como, *Apela à afirmação da identidade*

através do património cultural da cidade, ou apenas, Preservação de identidade, bem como, Preservar o património. Promover a cidadania.

Importante por todos os benefícios que podem advir seja da sua criação, seja da sua simples contemplação, nesta categoria ainda se verificou uma grande frequência para a arte, pelo facto do museu tornar a mesma acessível à comunidade, o que se reflete em respostas como, *Diversidade. Artes. Comunicação. Apreciação crítica.* Já respostas como: *Promoção e desenvolvimento do potencial artístico na cidade de Leiria,* salientam o facto de o museu estimular o potencial artístico existente na comunidade, e ainda se verificam outras respostas que salientam o facto de este permitir que os artistas exponham ou mostrem o seu trabalho quando é referido que o seu contributo se fica a dever ao facto de este ser um, *Espaço que ajuda os Artistas/ Associações a promover/ mostrar o seu trabalho.*

Ao avaliar os contributos deste museu para o desenvolvimento comunitário foi referido o benefício da comunidade na aquisição de conhecimento específico na área do museu, observando-se também referências ao seu contributo para o conhecimento em geral, seja através da formação que proporciona, seja pela informação que transmite. Este tema verifica-se em respostas como *Divulgação, informação e Educação,* ou quando referem que *Promove a transmissão de conhecimento, desenvolve o sentido estético em relação à arte, possibilita trabalhos e pesquisa* bem como na resposta: *Os contributos deste museu para o desenvolvimento Comunitário são estimular a aprendizagem ao longo da vida e transmitir conhecimentos na comunidade.*

Sendo o grupo VI constituído por 5 questões abertas que visam obter informação acerca de uma experiência mais prolongada com a instituição, só foi solicitado o seu preenchimento a utentes que estivessem inseridos em formações, atividades ou programas de qualquer índole desde que estabelecessem uma relação mais prolongada com a instituição. As formações mais prolongadas levadas a cabo na instituição durante o período da investigação foram de “Fotografia Digital” e “Da Escola ao Museu”. Tratando-se de perguntas abertas procedeu-se à elaboração de uma grelha de análise de conteúdo (Anexo XI).

A primeira questão deste grupo foi: “Porque veio para este programa?”

Na análise das respostas encontrou-se uma maior frequência para a aquisição de competências, formação e aprendizagem e de seguida especificamente para a fotografia. Há no entanto respostas que refletem mais do que uma ideia como é o caso desta: *Porque sou um apaixonado pela arte, fotografia, cinema. Sou Leiriense e orgulho-me deste espaço. Sou professor e tudo vale a pena quando sirva para aumentar as ideias criativas, na aprendizagem e educação.*

Já respostas como, *Para inovar as minhas práticas pedagógicas*, ou como, *Necessidade de formação*, refletem uma procura específica de aquisição de competências que se podem querer, *Para alargar/diferenciar conhecimento. Para enriquecimento pessoal e profissional*. Pessoas que procuram no museu formação específica em fotografia responderam, *Por gosto pessoal relativo à fotografia*, e *Para desenvolver competências ao nível da fotografia*.

A segunda questão deste grupo pergunta: “Quais os aspetos que estão a ser mais importantes para si nesta experiência artística?”

Aqui a maior parte das referências incide na aquisição de conhecimentos e partilha de experiências, como se pode observar em respostas como, *A aquisição de conhecimentos, a troca de experiências, a possibilidade de evoluir ao nível das aptidões e do sentido estético, da crítica e da autocritica*, ou noutras como, *A aquisição de conhecimentos técnicos. Tomar conhecimento de uma realidade artística e profissional até então desconhecida. Ter a possibilidade de experimentar novas técnicas e experiências fotográficas*.

Estas respostas remetem para a aquisição de conhecimento técnico a par com o despertar de um novo olhar tão próprio dessa mesma aquisição. Quando algumas respostas referem apenas, *Aquisição de novos conhecimentos e partilha*, ou somente, *Partilha de experiências*, referem muito, pois quando se aprende algo de novo vai-se relacionar a informação e ao relacionar vai-se compreender e aí aprender ainda algo mais do que simplesmente o que foi ensinado.

Daí a partilha ser tão importante, para se relacionar toda a informação, seja de conhecimentos técnicos, de experiências ou de vivências, pois isso pode aproximar a comunidade, levá-la a compreender-se melhor e a encontrar melhores soluções para o seu desenvolvimento.

A propósito das experiências e vivências, outro tema bastante referido foi o experienciar o museu de uma nova forma, descobrir um mundo novo de estímulos e possibilidades, o que se pode observar em respostas como, *Viver o espaço de uma forma completamente diferente da usual*. Ora, apelando o MIMO – Museu de Imagem em Movimento ao despertar dos sentidos e da percepção, verifica-se o reflexo dessa aposta em respostas como, *Aprender a olhar/observar*, ou como, *A "obrigação" de ver as coisas de outra perspetiva*.

Da mesma forma se observa o reconhecimento da sua função educativa quando respondem que o mais importante na experiência artística é *A forma e a metodologia aplicada para a reflexão crítica sobre a arte, o papel do museu na educação e como espaço educativo*.

A terceira questão foi, “Recomendaria esta experiência a outra pessoa? A quem? Porquê?”

Neste caso as respostas foram todas consensuais, todas positivas, a única distinção foi o facto de poderem ser generalizáveis como, *Óbvio! A todos, sem exceção! Se tem um papel comunitário deve ser aberto a todos e para todos no geral*, ou deixarem perceber ser de um inquirido que tenha frequentado o curso “Da Escola ao Museu” por referir, *Sim, colegas, alunos. O saber, o conhecimento são fundamentais*, ou refletir que veio de alguém a frequentar o curso “Fotografia Digital” quando respondem, *Sim, neste caso específico a todos os que gostam de fotografia, pois desperta o lado artístico que há em nós e aprendemos bastante a nível técnico e conceptual*. Verifica-se então uma satisfação geral bem como um reconhecimento dos benefícios quer da formação em geral, ao longo da vida, quer destas formações em particular.

A quarta pergunta deste grupo questiona: “Acha que estas aprendizagens se refletem na sua vida pessoal e social? De que forma?”

Aqui a maioria das respostas foram sim, tendo havido apenas uma resposta, *Não*, e outra, *Não, refletem-se mais na profissional*. Todas as outras respostas foram positivas, referindo, *Sim, perspetivas de vida diferentes, diversidade cultural*, ou, *Reflete nas aprendizagens e troca de experiência. Saber ser e estar*, ou mesmo, *Sim. O nosso olhar sobre as pessoas e as coisas muda, tona-se mais rico e tolerante*. Todas estas respostas

refletem uma profunda consciência da função construtiva destas aprendizagens, como esta que refere,

Claro que sim. Tudo o que aprendemos seja teoricamente ou praticamente vai refletir-se na nossa vida. Mesmo que a aprendizagem seja num tema específico, pode vir a encaixar-se numa situação distinta e sem essa aprendizagem o nosso comportamento nessa situação não seria o mesmo.

Se uns valorizam as aprendizagens tendo consciência do impacto que pode ter na sua vida o ganho de reportórios, outros falam diretamente da abertura a si e ao outro e do facto de esse crescimento pessoal e enriquecimento cultural os tornar pessoas mais tolerantes.

A quinta questão colocada foi: “Na sua opinião acha que o Mimo contribui para a educação/formação da Comunidade? Como?”

Verificaram-se respostas como, *Evidentemente que sim, pelas visitas temáticas e permanentes que tem e também pelas formações que tem vindo a proporcionar, que tanto focam a oferta cultural, como a formação específica, como é exemplificado também pela resposta, Como já referi, através da promoção e realização de eventos culturais, ou pela que refere, Sim. Este curso é evidência deste facto. Ou ainda,*

Sim, através dos workshops e cursos uma aprendizagem específica que pode ir ao encontro dos gostos pessoais e objetivos profissionais. Através das exposições que se podem encontrar no Mimo, desperta em nós a curiosidade e paixão pelo mundo do cinema.

Nas respostas a esta questão também se verificou uma grande atenção para a relação desta instituição com a comunidade, inclusive através da preservação da identidade da mesma. Exemplo disso são as seguintes respostas: *Sim, porque promove a relação entre cidade e o crescimento pessoal. E, Sim! A partir do passado (material e imaterial) promove a reflexão e a memória (pessoal e coletiva) e sintetiza as diversas formas de olhar aquilo que é tão nosso: O PATRIMÓNIO.*

Em suma, é evidente em qualquer destas questões o apreço que os inquiridos sentem pelo museu, sendo visível a consciência que têm de ter ao seu dispor uma instituição que propicia a construção do saber, do saber ser e do saber estar, bem como da sua importância para uma construção integral do indivíduo.

Está também patente a sensação de agradecimento por saberem haver uma preocupação ativa com salvaguarda do património, material e imaterial e com a preservação da identidade da comunidade. Verificam-se da mesma forma testemunhos conscientes do espaço público que é, um espaço cultural de e para o povo: mais do que um museu dizem alguns, um museu de última geração dirão outros.

Conclusões

As conclusões retiradas desta investigação advêm da análise dos dados obtidos, verificados à luz da compreensão dos conceitos relacionados com a mesma, com o fim de dar resposta à questão que se colocou inicialmente: De que modo se enquadra o MIMO – Museu de Imagem em Movimento numa perspetiva de Desenvolvimento Comunitário?

Tendo enquadrado os conceitos de Desenvolvimento e de Comunidade, de acordo com os vários autores consultados, observou-se que por Desenvolvimento Comunitário se compreende uma evolução ou melhoramento numa determinada comunidade, tendo sempre em conta que este deve ser incentivado numa perspetiva de capacitação dos seus membros. A ação de promover o desenvolvimento comunitário subentende uma vontade em servir de alavanca ao progresso que se torna autónomo por parte dessa mesma comunidade. Partindo sempre de uma análise crítica para um conhecimento profundo do estado em que se encontra, pode partir-se para um desenvolvimento ajustado às necessidades específicas, procurando-se uma atividade de parte a parte, uma união de esforços. Este conceito compreende uma abordagem pedagógica, orientada para capacitar essa mesma comunidade de conhecimentos específicos ou gerais bem como de experiências que levam a desenvolver os indivíduos e por conseguinte a comunidade, tendo também implícita a ideia de que embora aliado sempre que possível aos poderes locais, o desenvolvimento deve ser feito não só para, mas com a comunidade.

No fundo contribuir para a sua educação, tema em que quando abordado no enquadramento teórico, foi citada uma carta que Edgar Faure (1972) escreveu ao então diretor-geral da Unesco, René Maheu, com o intuito de apresentar o relatório da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação de que era então presidente, e em que dá particular atenção à importância do “aprender a ser”. Compreendeu-se então que essa educação tanto pode ser transmitida dentro como fora da escola, e que é com base na aquisição de saberes ao longo da vida que os indivíduos se tornam mais capazes, sendo essa educação integral um ponto de partida que vai levá-lo a agir, a intervir e a lutar pelos seus ideais. Refletimos também sobre o Ensino Artístico e sobre a Educação pela arte, porque se quis salientar a sua importância para o desenvolvimento humano e integral do indivíduo. Os autores consultados falam-nos dos benefícios da experiência artística, por trabalhar os sentidos, a concentração, a análise e

a crítica bem como a capacidade de lidar com a frustração. Conclui-se neste ponto que seja qual for a aproximação à arte, esta desperta os sentidos e que sendo a percepção de tudo o que nos rodeia feita através dos mesmos, é de todo vital que estes estejam despertos e que saibam interpretar a informação recebida.

Analisados estes conceitos passou-se à compreensão do contexto da investigação, os museus. Assiste-se a uma evolução sistemática do conceito de museu, que começa por surgir da vontade de colecionar, para depois mostrar. Mais tarde surge a vontade de mostrar a um público mais vasto, quando se compreende o seu papel ao nível formativo. Procura-se então facultar essa formação a um círculo mais abrangente, ainda que composto por elites. Com a democratização da cultura esses círculos começam a ser cada vez maiores e chegamos a um patamar em que não se trata de um público, mas sim dos vários e diferenciados públicos que têm cada um por sua vez a maior importância. Estes vários públicos passam a ser o objetivo inicial e final da existência do museu, que pensa neles e para eles através do seu serviço educativo e da função social que se espera que desempenhe.

Tendo-se dado início ao trabalho de campo com um inquérito por entrevista à então diretora do museu, este permitiu a recolha de informação mais aprofundada acerca do mesmo. Verificou-se que o aparecimento do MIMO esteve no seguimento de uma exposição, tendo-se observado que logo no início, desde a produção dos conteúdos que iriam integrá-lo à escolha da direção que o museu iria tomar, houve uma preocupação por parte da instituição em relação à interação com a comunidade.

Verificada a existência duma história comum entre o interesse da cidade e a área específica do MIMO – Museu de Imagem em Movimento, começou a surgir um fio condutor que pretendia transmitir informação ao público que lhe suscitasse a curiosidade e interesse, mas com a qual este também se identificasse. Observou-se de igual forma que nesse público desejavam integrar as diferentes faixas etárias bem como toda a comunidade, por considerarem o seu espólio logo à partida adequado e interessante para todos.

Tendo desde o início existido o serviço educativo, verifica-se ter existido também desde sempre a preocupação em fazer a ponte entre história, ciência e arte. Este museu demonstra querer ser um ponto de partida para os visitantes pensarem sobre o que veem e como veem, procurando estimular não só a curiosidade e a percepção dos visitantes,

como ainda que isso vá dar origem a uma reflexão, a uma postura mais crítica em relação ao mundo que os rodeia. Verifica-se ainda a preocupação do museu em transmitir conhecimentos efetivos, seja através da exposição permanente, ou das temporárias, das formações que se propõe a promover, das atividades que proporciona, ou através da oferta cultural que disponibiliza.

Verificou-se existir uma grande dinâmica ao nível das parcerias que estabelece, quer locais, regionais, nacionais ou internacionais, tornando dessa forma a cultura acessível a um muito maior número de pessoas. De igual forma se pôde observar a grande variedade de oferta que disponibiliza à comunidade através de todas as valências descritas na sua contextualização, onde aliás não se esgota a sua interação.

Compreendidos os objetivos do museu que em tudo se imbricam com os conceitos atrás referidos e permitiram compreender o impacto que o MIMO procura promover no desenvolvimento comunitário. Verificada a dinâmica existente entre o museu e a comunidade através da análise documental, onde se verificou o seu contacto com o público através de números de visitas quer de exposições quer de ciclos de cinema ou atividades específicas do serviço educativo, e através da qual se constatou também o fascínio exercido pelo mesmo através das mensagens que se analisaram de alguns visitantes. Passa-se a verificar o impacto pessoal e social sentido pelos visitantes e participantes nas atividades do museu, que se interpretou através do inquérito por questionário.

Ora, na análise que se efetuou, constou-se que tanto no grupo III, em relação à instituição e à sua relevância para a comunidade, como no grupo IV que concerne à educação, nomeadamente em relação às atividades, *workshops*, palestras visitas e ateliers, se verificou uma grande maioria de respostas positivas (91% e 88% respetivamente).

Resta referir que as instituições com vertente educativa, como é o caso do MIMO, ocupam um lugar de destaque importante na promoção de projetos de desenvolvimento, porque são locais de atividade e mesmo de intervenção social. Sendo interculturais e até intergeracionais, tendem a ser globalizantes, a proporcionar formação ao longo da vida com ganhos efetivos de autonomia e consequente integração do indivíduo na

comunidade. Ora, dispondo o Mimo de recursos materiais e humanos, atualizados e participantes, permite que seja uma instituição de referência.

Tendo-se pretendido averiguar a importância da sua interação com a comunidade, podemos observar que este promove de facto um impacto no desenvolvimento comunitário. Ao analisar a perspectiva dos seus visitantes verifica-se a existência de uma concordância em relação aos benefícios que desta relação podem advir. Seja através de um aumento efetivo da sensação de pertença, que promova a participação ativa dos indivíduos, seja através da capacitação dos mesmos por forma a essa participação ter efeitos mais produtivos. Uma comunidade mais coesa tem uma maior capacidade de organização para a resolução dos seus problemas, para além de ter logo à partida pessoas mais inseridas, sofrendo menos de exclusão, e com um maior grau de satisfação perante a comunidade. A sensação de pertença que origina essa satisfação está só por si a contribuir para uma melhor qualidade de vida baseada numa valorização da identidade.

Verifica-se neste caso que não surgindo da comunidade diretamente, surge dos poderes locais, mas também é feita ou conduzida pela comunidade, ou pela relação que com esta estabelece; não só pelos interesses que vão demonstrando que de alguma forma também vão delineando a programação que tenta ir ao seu encontro, como pelo facto de permitirem as exposições de artistas que de outra forma poderiam ter mais dificuldade em lançar o seu trabalho, como mesmo pela disponibilização de espaços que permitem a profissionais prestar os seus serviços seja de formação num tema específico, seja de animação - seja qual for a faixa etária do público-alvo - seja por permitir que lá sejam levados a cabo projetos ou iniciativas que não só partem da comunidade como são também para a comunidade.

Assim, quanto maior a integração e satisfação perante uma comunidade, maiores serão os benefícios individuais e comunitários. A nível individual, um maior sentimento de comunidade traduz-se em níveis mais elevados de bem-estar, qualidade e satisfação de vida; sentido de justiça e capital social; menor solidão e isolamento. A nível comunitário, identifica-se uma maior colaboração e força comunitária, mobilização e participação em torno da mudança social. (Elvas e Moniz, 2010, p.451)

No que toca a complicações sentidas na viagem que foi este estudo, se uma delas se prendeu sem dúvida com o tempo disponível para tal, outra prendeu-se com o facto de

na compreensão dos diferentes prismas desta relação entre o Mimo e a comunidade, o inquérito por questionário ter sido talvez demasiado longo, pelo menos aquando da sua análise.

Como sugestão para um trabalho futuro, realça-se outro prisma: a comunidade em geral. Se neste estudo se abordou a perspetiva do museu e dos seus visitantes, e se procurou compreender todos os benefícios que pode proporcionar, a dada altura levantou-se a questão contrária: e as pessoas que não vão ao museu? Fica no ar a questão para os não utilizadores do museu: o que pretendem num museu, e porque não usufruem tanto dele quanto seria desejável. Pois se muitas pessoas há que desfrutam do que a cidade lhes oferece, muitas há que vivendo nesta mesma cidade se queixam de não existir oferta, mas quando se procura investigar mais profundamente, apercebemo-nos que as pessoas não têm de facto conhecimento da oferta cultural ou artística que lhes é posta à disposição. A que se deve esta postura? É uma questão cultural? De atitude? Má publicidade ou informação? Falta de dinamismo na procura do que vai ao encontro aos nossos gostos? Falta de tempo?

Seja como for, em relação à questão para a qual nos propusemos a encontrar resposta, pode-se concluir por tudo o que aqui se analisou que o Mimo – Museu de Imagem em Movimento exerce de facto um impacto positivo no que concerne ao Desenvolvimento Comunitário.

Bibliografia

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.P., Maroy, C., Ruquoy, D., Saint-Georges, P. (2005) *Práticas e métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva,
- André, J. (1999) *Da Educação pela Arte a uma ecologia dos afetos*, Cadernos – Associação de Professores de Expressão e comunicação Visual, Porto, APCVE
- Barbosa, A. e Coutinho, R. (2008) *Arte/Educação como mediação cultural e social*, Editora da UNESP, São Paulo
- Bell, J. (1993) *Como realizar um projecto de investigação*, 3ª Edição, Lisboa, Gradiva
- Birou, A. (1982) *Dicionário de Ciências Sociais*, Lisboa, Publicações D. Quixote
- Canário, R (1995) Desenvolvimento Local e Educação Não-Formal, in *Educação e Ensino*, Ano 7, N.º 11 – Nov., Setúbal, Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal, 31
- Campiche, C., Hippolyte, J. e Hipólito, J. (1992) *A Comunidade como Centro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Carmo, H. (2007) *Desenvolvimento Comunitário*, Lisboa, Universidade Aberta
- Carmo, H. e Ferreira, M. (1998) *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta
- Carvalho, A. (1993) X. Museus de História Natural in (Coord.) Rocha – Trindade, M., *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 231-244
- Coutinho, B. (2006) Pela procura de um novo olhar. Uma experiência entre 1998 e 2005 Serviço Educativo do Centro Cultural de Belém, in *Revista Turismo & Desenvolvimento*, N.º 5, Aveiro, Universidade de Aveiro, 168-174
- Cruz, Henrique de Vasconcelos (2008) Era uma vez, há 60 anos atrás...: O Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus como em http://www.academia.edu/3519747/Era_uma_vez_ha_60_anos_atras...O_Brasil_e_a_criacao_do_Conselho_Internacional_de_Museus acedido em 10.09.2013

- Dalonso, Y. (2010) Os Museus como Atrativos Turísticos nas Localidades, *in Revista Turismo & Desenvolvimento* Nº13/14 vol.2, Aveiro, Universidade de Aveiro, 535-544
- Elvas, S. e Moniz, M. (2010) Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida, *in Análise Psicológica*, XXVIII (3), Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 451-464
- Faure, E. (et al) (1972) *Aprender a ser*, Lisboa, Livraria Bertrand
- Fróis, J. e Castel-Branco, M. (2000) *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Gil, F. (1993) XI. Museus de Ciência e Técnica, *in (Coord.) Rocha – Trindade, M., Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 247-256
- Grácio, R. (1995) *Obra Completa Da Educação I*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Lopes, M. e Pereira, J. e Vieites, M. (2007) *Animação, Artes e Terapias*, Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação cultural
- Magalhães, F. (2003) Museologia, Ecomuseus e o Turismo: Uma relação profícua?, *in Antropológicas*, Separata nº7, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 211-224
- Magalhães, F. (2005) *Museus, Património e Identidade*, Leiria, Profedições, ESE I.P.L.
- Mendes, J. (1999) O Museu comunidade: património, identidade e Desenvolvimento, *in Gestão e Desenvolvimento*, Nº8, Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 217- 231
- Mendes, J. (2009) *Museus e Educação, Estudos do Património*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra
- Nabais, A. (1993) XII. Museus de Região *in (Coord.) Rocha – Trindade, M., Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 259-266
- Nabais, A. & Carvalho, J. (1993) V. O Discurso Expositivo *in (Coord.) Rocha – Trindade, M., Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 137-146
- Perroux, F. (1981) *Ensaio sobre a Filosofia Do Novo Desenvolvimento*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Piaget, J. (1977) *O Desenvolvimento do Pensamento, equilibração das estruturas cognitivas*, Lisboa, Publicações D. Quixote

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005) *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva

Ramos, P. (1993) I. Breve História do Museu em Portugal, in (Coord.) Rocha – Trindade, M., *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 21-62

Read, H. (1958) *A Educação pela Arte*, Edições 70, Lousã

Ribeiro, A. (et al) (2009) *Expressões: Espaços e Tempos de Criatividade*, Porto, E:ETC / LIVPSIC, Fundação para a Ciência e Tecnologia

Ribeiro, J. (1993) VI. Arquitetura do Museu in (Coord.) Rocha – Trindade, M., *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 149-159

Robinson, K. (2010) *O Elemento*, Porto, Porto Editora

Silva, M. M. (1962) *Desenvolvimento Comunitário – uma Técnica de Progresso Social*, Lisboa, Associação Industrial Portuguesa

Silva, M. M. (1964) Oportunidades De desenvolvimento Comunitário em Portugal, in *Análise Social*, nº7/8, Lisboa, Gabinete de investigações Sociais

Silva, S. (2006) Museus e públicos: estabelecer relações, construir saberes, in *Revista Turismo e Desenvolvimento* Nº5, Aveiro, Universidade de Aveiro, 217- 231

Pérez X. (2009) Turismo Cultural, *Colección PASOS edita, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, nº 2, IV. Serie, Tenerife, Asociación Canaria de Antropología

Fontes Eletrónicas:

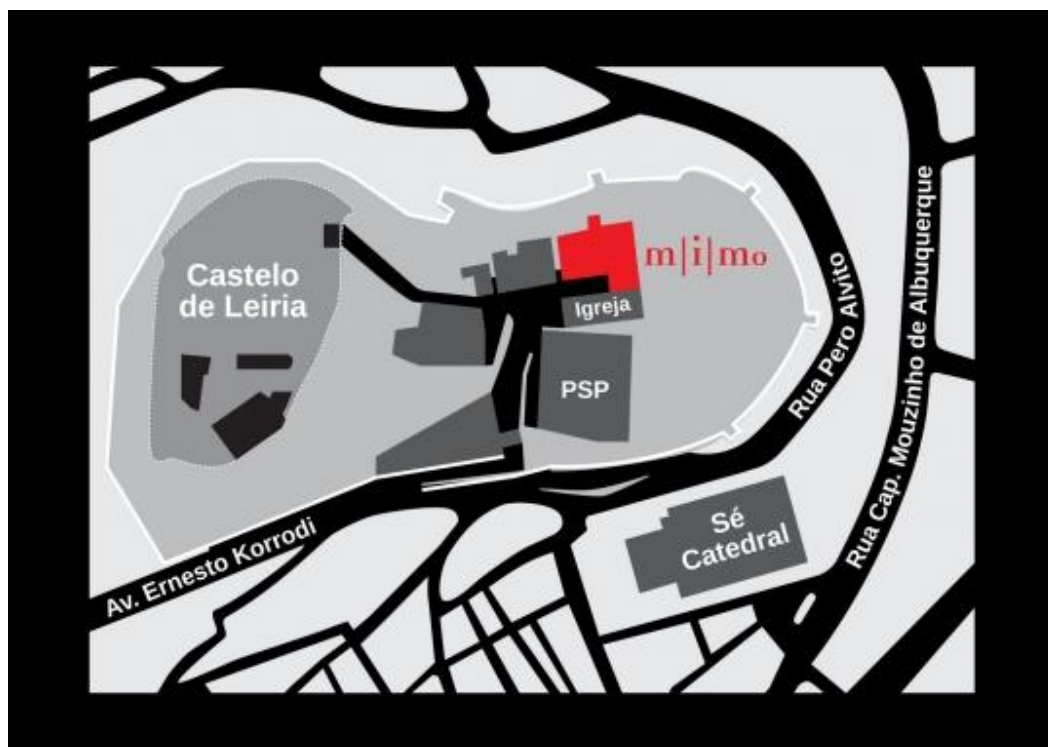
<http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf> (3) acedido em 22.01.2013

<http://www.dre.pt/pdfgratis/2004/08/195A00.PDF> acedido em 23.01.2013

http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx acedido em 21.01.2013

Anexos

Anexo I - Acessos



GPS: Lat: +39° 44' 50.29" Long: -8° 48' 26.50"

Anexo II - Entrevista com a Diretora do MIMO

Inquérito por Entrevista

Eu: Começava então por lhe perguntar como surgiu o MIMO.

Diretora do museu: O Mimo surgiu com uma exposição que estávamos a organizar no Teatro José Lúcio da Silva sobre os cem anos do cinema em Portugal, estávamos a fazer as celebrações em Janeiro de 1996, para uma exposição que acabou por inaugurar também nesse mesmo mês. Reunimos um conjunto de material que pedimos também a instituições públicas, a algumas entidades privadas e, no meio desse material que foi pedido para a exposição, houve um conjunto de máquinas que depois acabou por ser doada a um futuro museu de cinema. Foi um pouco por aí.

Portanto digamos que a origem está numa exposição. Foram produzidos conteúdos que contavam no fundo um pouco a história do cinema. Depois acabámos por ficar com um problema, porque não havia museus na cidade, e tínhamos uma coleção de máquinas fotográficas e de projetores de cinema, que tínhamos que musealizar. Portanto, tínhamos que dar um contexto, tínhamos que criar um espaço, tínhamos que começar o processo todo de início.

E depois, eu na altura tinha participado na organização dessa exposição, portanto a responsabilidade dos conteúdos na altura foi minha. Tinha sido eu também que tinha feito os primeiros contactos com as instituições e então o Teatro José Lúcio da Silva convidou-me para apresentar uma proposta de museu. Começámos, então, a trabalhar a partir daí. Depois em 97 fez-se uma proposta já com um esboço de guião que foi a reunião de câmara, e foi aprovada a criação de uma comissão instaladora do museu, ainda no Teatro José Lúcio da Silva.

E depois esta comissão começou a trabalhar de uma forma mais aprofundada quer nos conteúdos, quer na coleção, porque tínhamos a certeza que não queríamos apenas uma coleção de máquinas de projetar e era importante estruturar a coleção e perceber o que é que ela podia ter de importante também com a região e havia algumas questões importantes.

Tinha feito também um trabalho de investigação sobre o cinema em Leiria e nessa altura também nos apercebemos que no fundo a história das imagens em movimento em Leiria era comum à história das imagens em movimento no país e no mundo, portanto, sobre o

ponto de vista da exibição de cinema e da fruição. Todo um conjunto de práticas associadas à imagem em movimento aconteciam a uma escala praticamente mundial, isto foi uma coisa que constatámos numa primeira fase com os espetáculos de feira, que deambulavam com as pessoas do circo, do teatro. Portanto, temos notícias desde 1895, salvo erro, da presença em Leiria, por exemplo, de cosmoramas, de imagens estereoscópicas, de sessões de lanterna mágica, portanto há todo um conjunto de práticas que fazem parte dessa história mundial que também se refletiu aqui na cidade.

Eu: E nessa altura qual era o público que tinham em mente?

Diretora do museu: Todo. Todas as pessoas possíveis e imaginárias, porque toda a gente gosta de cinema, é um ponto assente. Toda a gente adora que lhe contem histórias. Isso foi também uma tomada de consciência muito cedo. Achámos que todos aqueles objetos, todos, de fio-a-pavio, eram extremamente fascinantes.

Eu: De certa forma despertam a curiosidade do mais novo ao mais velho.

Diretora do museu: De toda a gente. Nós temos crianças com quatro anos que visitam a oficina do olhar, e já não é a primeira vez, e a expressão é a mesma. É engraçado, elas dizem “Eu quero ver mais”. Quando nós acabamos a visita guiada elas dizem “Eu quero ver mais”, e temos pessoas com oitenta e tal anos e noventa anos a dizer “Já valeu a pena viver até aqui para ter tido esta experiência”. Eu acho que isto é extremamente enriquecedor.

Eu: Sem dúvida. O que tinham em mente oferecer ao público, nessa perspetiva, era então o despertar da curiosidade, da alegria de ver e as sensações de usufruto...

Diretora do museu: A questão do cinema e das imagens em movimento é uma questão muito, muito complexa, porque uma coisa é o efeito plástico daquilo que nós vemos, outra coisa é o processo técnico, mecânico e químico, não é? Já para não falar dos outros processos.

Eu: O conhecimento específico da área.

Diretora do museu: Sim, portanto, tem um conjunto de implicações muito grandes, porque por um lado nós vemos as imagens em movimento, mas elas não são vistas em movimento sem ser com as máquinas, portanto há uma componente técnica, tecnológica, associada a toda a história das imagens em movimento, que é importante

conhecer e se as pessoas a perceberem, percebem porque é que vêm as imagens em movimento, percebem porque é que existe a ilusão de ótica, percebem o que é a questão da memória visual, percebem o efeito prático da percepção.

Portanto há um conjunto de processos físicos, fisiológicos, ontológicos, que têm a ver com esta forma de percepção das imagens em movimento, e não é por acaso que nós quando... e por outro lado, também, o carácter imersivo da própria sessão de cinema e dalgumas máquinas como por exemplo os visores estereoscópicos.

Aquilo que eu tenho sentido e que nós temos sentido de uma forma genérica é que de facto as pessoas gostam muito da coleção, e quando vêm a primeira vez ao museu têm uma surpresa, porque elas pensavam que vinham ver um museu sobre cinema e vêm ver um museu que é muito mais do que isso.

Eu: Que lhes ensina a ver o que vêm, ou talvez a questionar o que vêm.

Diretora do museu: Sim, sim. O que vêm e como vêm. No fundo é um pouco isso que nós procuramos também transmitir com o discurso positivo do museu. Porque os objetos são polissémicos, eles podem ter vários contextos e nesses contextos eles têm várias leituras. Nós tomámos um conjunto de opções que nos levou para um caminho e também acho que é importante, por um lado as pessoas perceberem que só graças ao contributo de um conjunto de pessoas, e aí aparece o papel importantíssimo da ciência, da investigação.

Eu: Da inovação.

Diretora do museu: Da inovação..., como motor de desenvolvimento. Porque a primeira sessão de cinema dos irmãos Lumière, foi de facto uma descoberta, mas não foi uma invenção, digamos, que nasceu de um dia para o outro. Eles descobriram o mecanismo de projetar as imagens sequencialmente, que foi inspirado na máquina de costura, por exemplo, na roda excêntrica da máquina de costura, que faz o avanço intermitente e que eles, obviamente associaram e resolveram um problema, mas esse problema não foi colocado por eles, foi-lhes colocado por uma pessoa que trabalhava com um fisiologista que estava na altura a estudar a componente muscular do movimento. Portanto temos uma relação íntima da ciência com a arte e no fundo é isto que nós também procuramos que as pessoas percebam. É que há um grau de

complexidade muito grande, há um passado antes dos irmãos Lumière, e que o cinema no fundo é o resultado de um conjunto...

Eu: Da evolução.

Diretora do museu: Sim, de uma associação e de um processo cumulativo de conhecimentos.

Eu: Quanto ao surgimento do MIMO neste edifício... Falou-me do surgimento no Teatro José Lúcio da Silva, sei que passou pelo Mercado Santana, e depois houve a ...

Diretora do museu: A instalação definitiva aqui, sim. Inicialmente, como lhe disse, quando o projeto vai a reunião de câmara em 97, nós nessa altura estávamos a pensar que poderíamos adaptar as áreas ao público do Teatro José Lúcio da Silva para realizar lá o museu, tanto que grande parte do Teatro José Lúcio da Silva ainda é reformulado numa primeira fase, antes destas grandes obras para acolher as coleções do museu, e nós estivemos cerca de dez anos a trabalhar no fosso de orquestra do Teatro José Lúcio da Silva, portanto na zona do subpalco, fosso da orquestra e uma área que conseguimos também por baixo de toda a zona técnica do Teatro José Lúcio da Silva. Portanto era lá que tínhamos os gabinetes, era lá que fazíamos o serviço educativo, era lá que tínhamos o centro de documentação, portanto aquilo começou por ser um museu *underground*.

Eu: Já nessa altura existia o serviço educativo.

Diretora do museu: Sim, sim. Muito antes do museu abrir nós tínhamos programação cultural, para divulgar conteúdos do museu, tínhamos um serviço educativo que trabalhava essencialmente fora do contexto do Teatro José Lúcio da Silva, recebíamos crianças na mesma, nos *foyers* do Teatro José Lúcio da Silva e trabalhávamos com elas a questão dos brinquedos óticos, da perceção, do movimento, da ilusão..., portanto fomos sempre tendo um trabalho com a comunidade, para nós era muito importante, e não faria sentido que fosse de outra forma, e tivemos uma receptividade muito grande, e foi também a partir desse trabalho que fomos realizando ao longo do tempo em que fomos criando a coleção, porque a coleção foi criada praticamente até 2001, foi em muito pouco tempo que criámos a coleção, também não é uma coleção gigantesca, é uma coleção que se pauta por objetos que são importantes nestes marcos de transição e de evolução das imagens em movimento.

E tivemos consciência desta relação com os públicos, da importância do museu e do trabalho do museu, independentemente da coleção ou dos objetos. Portanto havia todo um conjunto de temas que podia ser explorado, o cinema tem esta vantagem, tem uma diversidade fabulosa de temas para serem explorados a partir do próprio trabalho final que é o filme.

Eu: Esgota-se no imaginário que é inesgotável...

Diretora do museu: Esgota-se no imaginário que é inesgotável, exatamente. E no fundo é isso que nós também pretendemos passar, é que ver um filme é uma experiência pessoal e que normalmente nos deixa marcas. Que nós também temos um papel ativo na leitura desse filme.

Eu: A interpretar.

Diretora do museu: Sim, a partir do momento em que interpretamos e que nos identificamos, em que gostamos mais daquele personagem ou doutro personagem, temos um papel ativo, de certa forma numa construção de uma narrativa ou numa leitura de narrativa, de certa forma, não a construímos, mas se calhar reconstruímos ou temos um papel também importante na ação. E também é isso que procuramos através da programação cultural, porque o museu tem de ser visto como um conjunto de valências, por um lado o serviço educativo, que tem um trabalho mais ativo e mais direto com um determinado tema e depois numa perspectiva se calhar mais de educação não formal, e isto eu julgo que é importante, através da programação cultural. Portanto através da nossa programação cultural, através dos colóquios, dos seminários e da própria programação de ciclos de cinema, que infelizmente não tem sido muita... A ideia é que o museu seja também um espaço de reflexão e que seja um espaço onde se questiona um conjunto de coisas e onde as pessoas também possam fazer esse exercício, não só de reflexão, mas também de análise e de crítica.

Eu: São esses então os objetivos desde o início.

Diretora do museu: Digamos que são os objetivos mais filosóficos. Os objetivos do museu estão escritos na missão e objetivos que foi também em reunião de câmara e que foram aprovados, portanto o museu tem uma missão definida e tem os objetivos definidos e obviamente que dentro destes objetivos aparece também o contributo do museu para o conhecimento das imagens em movimento, a importância do papel do

museu para a promoção de uma cultura visual, pronto, há um conjunto de objetivos que estão assumidos, digamos, como importantes.

Eu: Na concretização desses objetivos houve uma grande mudança desde a inauguração destas instalações?

Diretora do museu: Houve. Não foi assim uma mudança muito grande porque vamos fazer agora dois anos e portanto... e obviamente os museus funcionam com equipas técnicas e é extremamente importante para a progressão da missão e dos objetivos do museu haver de facto aquilo a que nós nos propusemos inicialmente, pronto, que isso seja concretizado, nas valências da equipe técnica.

Eu: Quer dizer que estipularam uns objetivos a estão a apostar em desenvolvê-los da melhor forma.

Diretora do museu: Sim. Nós tínhamos uma equipe técnica mínima de técnicos superiores, dez quando criámos este novo espaço. Tínhamos um conjunto de serviços que queríamos prestar ao público e nos serviços estavam não só o serviço de documentação especializado em cinema e fotografia, é um serviço público que assumimos para a comunidade, era o serviço do nosso centro de conservação e restauro, durante muito tempo nós temos trabalhado também numa função de aconselhamento e numa função de conservação preventiva, portanto sempre que nos procuram, pessoas particulares ou instituições, nós temos trabalhado diretamente com eles, e portanto era um serviço que nós também queríamos e apostámos para a comunidade e que neste momento não está a ser implementado, tal como o centro de documentação. O centro de documentação está neste momento a funcionar parcialmente, não estamos, digamos, a conseguir manter esses serviços de uma forma ativa e dinâmica como pretendíamos, assim como a parte da programação, já para não falar no serviço educativo, porque tínhamos uma pessoa especificamente para trabalhar a parte da programação cultural do museu que entretanto no início do ano passado se foi embora e não foi substituída e portanto isso também causa algumas dificuldades no trabalho a ser desenvolvido porque estamos todos a acumular um conjunto de coisas, assim como também não temos ninguém com formação específica em serviço educativo, em Educação, por exemplo temos uma pessoa que veio agora na área de animação sociocultural, mas que está em licença de maternidade, ou seja, neste momento digamos que o museu tem um conjunto de objetivos que espera ainda alcançar, de facto ainda não temos a equipe estruturada de

forma a que ele dê uma resposta efetiva, mas todos os dias procuramos esse contacto com o público e, de facto, corresponder às expectativas da população.

Eu: Queria acabar por lhe perguntar quais são os contributos diretos para a comunidade local que pensa que o Mimo produz.

Diretora do museu: Quando nós estamos a criar uma coleção e dizemos que é uma coleção que vai integrar um museu, eu julgo que à partida estamos a trabalhar diretamente com a comunidade, porque estamos a preservar um património comum e que faz parte do imaginário e das vivências e se não faz vai passar a fazer. Assim o esperamos. Depois, através da programação cultural, através das pessoas que o museu trás, através das atividades que promove, das exposições que promove, porque procuramos trazer artistas de fora, pessoas com credibilidade e com uma carreira já com reconhecimento público. Eu julgo que estamos a contribuir para a cultura das pessoas.

Eu: Dar acesso à cultura, tornar a cultura acessível.

Diretora do museu: Exatamente. Dar acesso e que essa acessibilidade também seja plural, também uma preocupação nossa desde cedo, que seja multicultural, que também dê resposta não só a várias gerações mas também a várias culturas. Temos trabalhado por exemplo em articulação com o projeto MUSE, das escolas, na escola, neste caso, de Marrazes, portanto, trabalhamos diretamente com eles. Trabalhamos diretamente com algumas escolas, também no desenvolvimento de alguns conteúdos.

Eu: Também lhe queria perguntar, nesse campo, têm algumas parcerias ao nível...

Diretora do Museu: Sim, sim, por exemplo ao nível das escolas aqui na zona temos parcerias ao longo do ano inteiro, em que as aulas de fotografia são dadas aqui no museu com os recursos do museu, portanto, eu julgo que isto é também bastante importante, os meios técnicos do museu, os laboratórios, são postos à disposição da comunidade.

Fazemos cedência de espaços, também, é um outro serviço em que o museu tem apostado, porque, de facto, com a vinda do museu para aqui não só reabilitámos património, como mais valia, não só a criação de um museu, mas a criação de um espaço público, de um novo espaço público, acho que também deve ser visto por aí.

Reabilitámos um conjunto de espaços com uma história muito importante, por um lado uma cavalaria medieval, por outro lado os celeiros da mitra.

Pronto, a acessibilidade que damos às coleções através da oficina do olhar, a interação, o fazer aprendendo.

Eu: Sei que também têm algumas parcerias com institutos superiores...

Diretora do museu: Sim, com o IPL, recebemos estagiários ao nível curricular.

Eu: Promovem a inserção dos estudantes...

Diretora do museu: Sim, promovemos a sua inserção na atividade profissional. Temos tido alguns projetos de investigação que também têm melhorado os conteúdos da coleção. Isto também é importante, portanto, não só o inventário, mas um inventário já com um desenvolvimento de conteúdos maior.

Depois, criámos ao longo deste tempo também um espaço para recolha de património imaterial e temos alguns trabalhos já de recolha direta, de trabalho direto com as comunidades, neste caso especificamente com as comunidades rurais. Portanto, fizemos um levantamento ao longo de um ano com o Tiago Pereira, que é um musicólogo bastante conhecido com quem tivemos o prazer de trabalhar, na altura foi um projeto financiado, numa primeira fase pelo projeto Líder e depois pela Rede Portuguesa de Museus. Criámos o centro de recursos multimédia, o centro de recursos multimédia também é um espaço aberto para a comunidade, portanto, não só cedemos os equipamentos, câmara de filmar, tripés, iluminação, para as pessoas que queiram fazer trabalhos, portanto, apresentam o projeto e o museu apoia do ponto de vista técnico, como também trabalhamos, digamos, ativamente nessa recolha de património imaterial. Portanto, procuramos, não tanto quanto gostaríamos, porque gostaríamos que fosse um projeto contínuo e não tem sido, tem sido feito com a colaboração de estagiários... A última coisa que fizemos foi com o lar da terceira idade, organizámos um conjunto de fotografias e a partir das fotografias, fomos recolhendo a memória que as pessoas tinham da vivência da cidade, da vivência de alguns lugares. Fomos documentando também, através dessa recolha, algumas lacunas sobre a história local que tínhamos.

Eu: Acabando o público também por ajudar à construção de.

Diretora do museu: Sim, completamente. Gostaríamos que isto fosse muito mais ativo, mas não temos meios, é um grande problema, mas pronto, de facto o centro de recursos multimédia existe e é um espaço com imenso potencial. Do ponto de vista da formação acho que o museu também tem tido um papel muito importante, também temos tido continuamente *workshops*, não só das técnicas mais antigas da fotografia como a cianotipia, a câmara obscura, mas também ao nível das novas tecnologias, do cinema de animação. Este ano vamos apostar mais na parte da fotografia digital e da escrita de argumentos, portanto, estamos a tentar também que o museu seja visto como um espaço de formação complementar. Acho que o papel importante do património imaterial é essencial, gostava de facto que se calhar o centro de recursos multimédia estivesse a ser mais utilizado.

Procuramos ainda fazer mais umas parcerias com o Instituto de Identidade... mas ainda não está operacional...

Mas de facto acho que é um espaço que tem muito potencial e que do ponto de vista desta relação com a comunidade pode ser bastante importante. Criámos um documentário no seguimento dessa recolha nas freguesias e o documentário tem sido muito visto, e é engraçado porque essa recolha foi uma recolha intergeracional. Portanto, o projeto era trabalhar com as escolas e depois as escolas e as crianças capacitadas através das ações de formação que nós fazíamos diretamente na escola, eram elas que iam para os locais, que elas conheciam e onde estavam à vontade e em que as pessoas também as conheciam e reconheciam interesse, e conseguimos nesse projeto uma participação muito autêntica das pessoas, eu gostei muito do projeto. Temos ao todo 80 horas de recolha.

Eu: Isso é muito importante para a identidade, não é? Para a recuperação e para trabalhar a Identidade...

Diretora do museu: Sim, e através do documentário, depois é uma forma também de nós chegarmos às outras pessoas, que não participaram diretamente, mas a quem damos a conhecer de facto esta riqueza das freguesias da região, que são imensas, têm muita coisa, são muito díspares, têm muita coisa diferente umas das outras.

Eu: Muito obrigada.

Anexo III - Grelha de análise de conteúdo do inquérito por entrevista

Categorias de análise	Subcategorias	
Realidade contextual da Instituição	Início da Instituição	<p>“O Mimo surgiu com uma exposição que estávamos a organizar no Teatro José Lúcio da Silva sobre os cem anos do cinema em Portugal, (...) houve um conjunto de máquinas que depois acabou por ser doada a um futuro museu de cinema.”</p> <p>“Portanto digamos que a origem está numa exposição. Foram produzidos conteúdos que contavam no fundo um pouco a história do cinema.”</p> <p>“ (...) porque tínhamos a certeza que não queríamos apenas uma coleção de máquinas de projetar e era importante estruturar a coleção e perceber o que é que ela podia ter de importante também com a região e havia algumas questões importantes.”</p> <p>“Tinha feito também um trabalho de investigação sobre o cinema em Leiria e nessa altura também nos apercebemos que no fundo a história das imagens em movimento em Leiria era comum à história das imagens em movimento no país e no mundo, portanto, sobre o ponto de vista da exibição de cinema e da fruição. Todo um conjunto de práticas associadas à imagem em movimento aconteciam a uma escala praticamente mundial, isto foi uma coisa que constatámos numa primeira fase com os espetáculos de feira, que deambulavam com as pessoas do circo, do teatro.”</p> <p>“Portanto, temos notícias desde 1895, salvo erro, da presença em Leiria, por exemplo, de cosmoramas, de imagens estereoscópicas, de sessões de lanterna mágica, portanto há todo um conjunto de práticas que fazem parte dessa história mundial que também se refletiu aqui na cidade.”</p>
	Público-alvo da instituição	<p>“Todo. Todas as pessoas possíveis e imaginárias, porque toda a gente gosta de cinema, é um ponto assente. Toda a gente adora que lhe contem histórias. Isso foi também uma tomada de consciência muito cedo.”</p> <p>“Achámos que todos aqueles objetos, todos, de fio-a-pavio, eram extremamente fascinantes.”</p> <p>“De toda a gente.”</p> <p>“Quando nós acabamos a visita guiada elas dizem “Eu quero ver mais” (...)”</p> <p>“Eu acho que isto é extremamente enriquecedor.”</p>
Princípios Educativos	Familiarizar as pessoas com a imagem em Movimento	<p>“A questão do cinema e das imagens em movimento é uma questão muito, muito complexa, porque uma coisa é o efeito plástico daquilo que nós vemos, outra coisa é o processo técnico, mecânico e químico, não é? (...)”</p> <p>“ (...) porque por um lado nós vemos as imagens em movimento, mas elas não são vistas em movimento sem ser com as máquinas, portanto há uma componente técnica, tecnológica, associada a toda a história das imagens em movimento, que é importante conhecer e se as pessoas a perceberem, percebem porque é que vêm as imagens em movimento, percebem porque é que existe a ilusão de ótica, percebem o que é a questão da memória visual, percebem o efeito prático da percepção.”</p> <p>“O que vêm e como vêm. No fundo é um pouco isso que nós procuramos também transmitir com o discurso positivo do museu.”</p>

	Ligar a Arte e a Ciência	<p>“ (...) o papel importantíssimo da ciência, da investigação. (...) Da inovação..., como motor de desenvolvimento. Porque a primeira sessão de cinema dos irmãos Lumière, (...) Eles descobriram o mecanismo de projetar as imagens sequencialmente, que foi inspirado na máquina de costura, por exemplo, na roda excêntrica da máquina de costura, que faz o avanço intermitente e que eles, obviamente associaram e resolveram um problema, mas esse problema não foi colocado por eles, foi-lhes colocado por uma pessoa que trabalhava com um fisiologista que estava na altura a estudar a componente muscular do movimento. Portanto temos uma relação íntima da ciência com a arte e no fundo é isto que nós também procuramos que as pessoas percebam.”</p>
Interação com a comunidade	Formação	<p>“Do ponto de vista da formação acho que o museu também tem tido um papel muito importante, também temos tido continuamente workshops, não só das técnicas mais antigas da fotografia como a cianotipia, a câmara obscura, mas também ao nível das novas tecnologias, do cinema de animação. Este ano vamos apostar mais na parte da fotografia digital e da escrita de argumentos, portanto, estamos a tentar também que o museu seja visto como um espaço de formação complementar. Acho que o papel importante do património imaterial é essencial, (...)”</p> <p>“E também é isso que procuramos através da programação cultural, porque o museu tem de ser visto como um conjunto de valências, por um lado o serviço educativo, que tem um trabalho mais ativo e mais direto com um determinado tema e depois numa perspetiva se calhar mais de educação não formal (...)”</p> <p>“Portanto através da nossa programação cultural, através dos colóquios, dos seminários e da própria programação de ciclos de cinema, (...)”</p>
	Oferta Cultural	<p>“Muito antes do museu abrir nós tínhamos programação cultural, para divulgar conteúdos do museu, tínhamos um serviço educativo que trabalhava essencialmente fora do contexto do Teatro José Lúcio da Silva, recebíamos crianças (...)”</p> <p>“ (...) portanto fomos sempre tendo um trabalho com a comunidade, para nós era muito importante, e não faria sentido que fosse de outra forma (...)”</p> <p>“ (...) não é uma coleção gigantesca, é uma coleção que se pauta por objetos que são importantes nestes marcos de transição e de evolução das imagens em movimento.”</p> <p>“E tivemos consciência desta relação com os públicos, da importância do museu e do trabalho do museu, independentemente da coleção ou dos objetos.”</p> <p>“A ideia é que o museu seja também um espaço de reflexão e que seja um espaço onde se questiona um conjunto de coisas e onde as pessoas também possam fazer esse exercício, não só de reflexão, mas também de análise e de crítica.”</p> <p>“Digamos que são os objetivos mais filosóficos.”</p> <p>“ (...) contributo do museu para o conhecimento das imagens em movimento, a importância do papel do museu para a promoção de uma cultura visual .”</p> <p>“Quando nós estamos a criar uma coleção e dizemos que é uma coleção que vai integrar um museu, eu julgo que à partida estamos a trabalhar diretamente com a comunidade, porque estamos a preservar um património comum e que faz parte do imaginário e das vivências e se não faz vai passar a fazer. Assim o esperamos. Depois, através da programação cultural, através das pessoas que o museu traz, através das atividades que promove, das exposições que promove, porque procuramos trazer artistas de fora, pessoas com credibilidade e com uma carreira já com reconhecimento público. Eu julgo que estamos a contribuir para a cultura das pessoas.”</p>
	Serviços	<p>“Tínhamos um conjunto de serviços que queríamos prestar ao público e nos serviços estavam não só o serviço de documentação especializado em cinema e fotografia, é um serviço público que assumimos para a</p>

		<p>comunidade, era o serviço do nosso centro de conservação e restauro, durante muito tempo nós temos trabalhado também numa função de aconselhamento e numa função de conservação preventiva, portanto sempre que nos procuram, pessoas particulares ou instituições, nós temos trabalhado diretamente com eles (...)”</p> <p>Fazemos cedência de espaços, também, é um outro serviço em que o museu tem apostado, porque, de facto, com a vinda do museu para aqui não só reabilitámos património, como mais-valia, não só a criação de um museu, mas a criação de um espaço público (...)”</p> <p>“Sim, sim, por exemplo ao nível das escolas aqui na zona temos parcerias ao longo do ano inteiro, em que as aulas de fotografia são dadas aqui no museu com os recursos do museu, portanto, eu julgo que isto é também bastante importante, os meios técnicos do museu, os laboratórios, são postos à disposição da comunidade.”</p> <p>“Criámos o centro de recursos multimédia, o centro de recursos multimédia também é um espaço aberto para a comunidade, portanto, não só cedemos os equipamentos, câmara de filmar, tripés, iluminação, para as pessoas que queiram fazer trabalhos, portanto, apresentam o projeto e o museu apoia do ponto de vista técnico, como também trabalhamos, digamos, ativamente nessa recolha de património imaterial.”</p> <p>“Sim, com o IPL, recebemos estagiários ao nível curricular (...) promovemos a sua inserção na atividade profissional</p> <p>“Exatamente. Dar acesso e que essa acessibilidade também seja plural, também uma preocupação nossa desde cedo, que seja multicultural, que também dê resposta não só a várias gerações mas também a várias culturas. Temos trabalhado por exemplo em articulação com o projeto MUSE, das escolas, na escola, neste caso, de Marrazes, portanto, trabalhamos diretamente com eles. Trabalhamos diretamente com algumas escolas, também no desenvolvimento de alguns conteúdos.”</p> <p>“A última coisa que fizemos foi com o lar da terceira idade, organizámos um conjunto de fotografias e a partir das fotografias, fomos recolhendo a memória que as pessoas tinham da vivência da cidade, da vivência de alguns lugares”</p>
Evolução do Museu	Dificuldades	<p>“ (...) já para não falar no serviço educativo, porque tínhamos uma pessoa especificamente para trabalhar a parte da programação cultural do museu que entretanto no início do ano passado se foi embora (...) não temos ninguém com formação específica em serviço educativo, em Educação, por exemplo (...) ou seja, neste momento digamos que o museu tem um conjunto de objetivos que espera ainda alcançar, de facto ainda não temos a equipe estruturada de forma a que ele dê uma resposta efetiva, mas todos os dias procuramos esse contacto com o público e, de facto, corresponder às expectativas da população.”</p> <p>“Sim, completamente. Gostaríamos que isto fosse muito mais ativo, mas não temos meios, é um grande problema (...)”</p>

Anexo IV - Tabela de iniciativas do Serviço Educativo

Curso de iniciação de Fotografia <i>pinhole</i> (Formador: Jochen Dietrich)
"Arte na Rua" (Atelier de Pintura)
Colóquio: "O corpo e o rosto"
Workshop: "O corpo e o rosto"
Atelier de brinquedos ópticos
Desenho livre, Teatro de sombras
Atelier de Taumatrópios
Sessão de Lanterna Mágica: "O Feijoeiro Mágico"
Atelier de construção de brinquedos ópticos
Workshop "Junk Photography" - Construção de Pinhole com materiais reciclados
Sessão de Lanterna Mágica ao ar livre "O Feijoeiro Mágico"
Camera Obscura de Leiria
26.º Encontro de Serviços educativos de museus
Atelier de Fotografia " Leiria antiga"
Atelier de produção de desenhos animados para o Zootrópio
Um fantasma muito especial: Teatro de sombras
"Brincar assim é Óptico"
Atelier de desenho animado (Formador: Wilson dos Santos)
Atelier de construção de brinquedos ópticos
Atelier de Pintura de vidros para Lanterna Mágica
Abertura oficial da exposição permanente "O Fascínio do Olhar"
Sessão de Lanterna Mágica "Um fantasma muito especial"
Atelier de Teatro de sombras: "Não há sombra sem luz" e "O pescador e o peixe"
"Actualidades" - Projectos de produção de vídeo na escola (Junho 2003)
"Tesouros Escondidos"
Atelier "Brincar assim é Óptico"
Atelier Teatro de sombras "O Lenhador Honesto"
Oficinas de Cinema de animação - Iniciação I
Vidros de Lanterna Mágica
Atelier de "Flipbooks"
Oficinas de Cinema de animação : I - Iniciação e II-Desenvolvimento
"Viajar na minha terra"
Casa das Descobertas
Sessão e demonstração de Lanterna Mágica
Colóquio: Jornadas do Património
Construção de brinquedos ópticos-Atelier
Construção de brinquedos ópticos, Visionamento do DVD das oficinas de Cinema de Animação de 2004
"Actualidades do campo - Disparem à vontade: Histórias da nossa terra" - Projecto de produção de vídeo (super 8) em escolas
"Caça ao Tesouro-As minhas fotografias da cidade"
Cinema de animação
"Viagens na terra dos outros" - Imagem virtual á Europa com imagens estereoscópicas
Sessão de Lanterna Mágica: "João e o pé de feijão"

"O museu vai à Escola"
Sessão de Lanterna Mágica
Oficina do tacto (pintura) (Formadora: Joana Nóbrega)
Oficina de "Poesia visual" (Formadora: Joana Nóbrega)
Casa da Física, Casa das Descobertas
Atelier de Escrita Criativa
Teatro de Sombras "Cobre-te Mesa"
Visita ao m lmo, e atelier de Construção de brinquedos ópticos
Hora do conto: Animação de Powerpoint "As Aventuras de um Traço"
Teatro de Sombras "O velho, o rapaz e o burro", "O homem das barbas". Atelier de construção de sombras "O nabo gigante"
Construção de brinquedos ópticos
Atelier Jovens Realizadores
Atelier de Banda Desenhada
Primeiro Olhar
Teatro de Sombras
Caça Texturas
Visita guiada e Atelier de Brinquedos ópticos
Visita guiada e (Disparem à vontade)
Atelier Jovens Realizadores
Biblioteca Sensível
Oficina de Teatro de sombras
Desenhos de luz com Camera Obscura
Oficina de Construção de brinquedos ópticos
ACAPO Caça Texturas Zona Histórica Leiria
Atelier Teatro de Sombras "O Imperador e a Sua Amada"

Anexo V - Fax de Agradecimento

GOVERNO DE PORTUGAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

ESCOLA SECUNDÁRIA SANTA MARIA DO OLIVAL

C941-01-02-01-02
Ext. 20103/2012
Scu. (st)
2012.09.23

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
NUNO DE SANTA MARIA

Tomar, 15 de Dezembro de 2012

Museu da "Imagem em Movimento"

Aos Serviços Educativos

Apresentamos - lhe os nossos agradecimentos pela condução da visita a esse museu que estamos certos veio enriquecer os conhecimentos e sensibilizar os alunos para as vertentes histórica e científica do mundo das imagens.

Com os nossos melhores cumprimentos,

A Professora responsável pela visita

Handwritten signature

Anexo VI – Livro de Honra

Generated by CamScanner from intsig.com

GOMGOMOM I M T HE HOUSE!!!

Adoramos!
Universidade Sênior do Rotary Club de Beirizol.



Mimo

Rargarda Maria

12/04/13

Coimbra - Leiria

★ Adorei a visita
Até a próxima 😊

Foi digno de mim e
sua
Coimbra
Então muito
e aprendemos
muito!
Um super momento
importante em vida

Miguel Almeida

Adorei!!!

Foi fantástico!

Adorei visitar Leiria!

Eu Volto!

Muito bom o encontro
com todos de Coimbra / Leiria
13

Sempre com a interseção

Foi uma visita fantástica!
Adeus! Dani & Pedro 19

2013-05-18

Alaques

Obrigada por esta oportunidade
pa amica

Agendamento (Galeria) do Porto de 1705
23-05-2013
Obrigado!

Gostamos de vir e visitar o museu,
escola E.B.1 Malado Frades

22/5/13 The Mayor & Council of Huelmo, England.
Wander place to visit
with P. Lopez

Um belo sitio! :)
Silvia Almeida

Adeus! Fantástico! Maravilhoso!
A obra de Oskar está de mais!!
Espero vê-la brevemente!



Ina PA
Adeus!

Raffella

Daniela
Soczek

Pedro (cell)
Adeus! :) 23-05-2013

Laura
Leirica
ADOREI!!

O MIIIMO é um espaço maravilhoso, onde a petece
estar, porque nos enriquece o olhar e o espírito.
Melece que o visitam para admirar todo o espó-
lio fantástico que possui. Os lezínienses devem ser-
tir-se orgulhosos por possuir um espaço como este
e visitá-lo. Ajudarei a divulgá-lo, incentivando-os
a que venham. Agradeço ao meu nome pessoal e como
representante também do Grupo Coral Fantásti-
co - G.G.D (lezínia) a forma como fomos acolhi-
dos nesta "casa", por todos os funcionários
que nela trabalham.

Apreciamos o seu profissionalismo e simpa-
tia.
Brisa poder dizer que encontramos um es-
paço fantástico para futuras atividades, se
nos quiserem acolher...

Um sincero obrigada e tudo de bom na
continuação do vosso trabalho.

Dina Galvão Fonseca

Adorei visitar a Leiria! Adorei o museu Mimo

ADORO-TE @ @ mimo

Eu, Diego Dominguez Estela, mestrado de Estudos e da
Biblioteconomia do Mestrado gosta muito da visita do museu
em movimento (Mimo). E' bom saber que a Escola Municipal
apoiar a cultura nesta cidade.

Eu quero MIMO!! Elias

Muito bonito o miminho =)

Diego

PEDRO MESTRE -> Y...use

Gostei de ir a visita do teatro

2007



Mimo

09.04.2013 To-o Me-des

Grupo de estudantes de Intercâmbio sobre
República Checa e Escola Secundária de
Domingos Sequeira - Leiria, gostámos muito.



David by e
tady!)

Ana Paula
10/11/2013

Vyhlád jsem zůval he křeslech proti Týně a Ance!
David left Porázna ANCA GGS (Chickens) P.S.
Witk E. A. J. J. J.

Hoje dia 0 -
o visitante está aqui, todos do Alqarab
o Rein e a seus barbeiros
Tatino, Rui e Sofia

Alqarabista Sofia Ribeiro

Rui Guerreiro

Gostei muito do
esta visita
em sua cidade
de 8/6/2012
F. Sousa

8/6/2012

Alqarabista
de 8/6/2012
F. Sousa

Gostei da descoberta do dia
da viagem que vejo e de
conheci o seguinte homem
na sua empresa
8/6/2012
(F) SO. Sousa

Este menino
é muito bom :
F

8/6/2012

— a expressão agravação, com acentuação, é a que
que este tipo de acentos marca, não a
apresenta, com uma baixa dos pontos de acentuação,
abundantemente quando se

11-Feb-2013

gostaria muito de ver se est
tudo o que o facto muito interessante

O grupo de escritores da unidade
de ensino de Língua Portuguesa

Muito parecido com a Tundo que
diversos e a ideia de que
surgiu no mesmo século

Marie Knudsen

Queridos pelo espaço, de - dignidade
e orgão, como de duto, que se enaiguen
a nossa cidade, ^{gentes}

U ☺ ♡
mimo i fixa.

716 VIST de l'usage
25.12.19

Eu gostei de tudo, mas o que gostei mais foi conhecer as crianças antigas.

ass: Ricardo Emanuel Matos dos Santos ATL Zig Zag Olharinho - quando, por favor.

Eu gostei de tudo, mas eu gostei mais da oficina do olhar.

ass: David Carreira - ATL Zig Zag

Eu gostei muito de cair.

Eu gostei de tudo. Daniela.

Eu gostei mais da oficina do olhar. Raquel ATL Zig Zag.

Diana

O que eu mais gostei foi as fotos sobre (Lúcia) Lúcia Luís

Eu gostei mais de ver as fotos sobre Lúcia e gostei menos de andar muito.

ass: Diogo Leirão.

Os meninos e meninas do ATL Zig Zag querem agradecer ao time a disponibilidade, carinho e atenção com que fomos recebidos!

Gostamos muito!

ATL Zig Zag - Marinha Grande

M/h

7 ANOS PELA MANHÃ, LITO E ACERVO
RECONSTRUÇÃO MUITO BONITA E
IMBATAVÍSSIMO

J. MARIN
C. RABE

Relembro a construção do edifício, mesmo muito importante
Pauis. Que havia terminado 31/5/2013 - Brasil.

J. Cernik 6/2013

Anexo VII – Inquérito por Questionário

No âmbito de um Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário promovido pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, está a ser efetuado um estudo acerca dos contributos do **M|i|mo – Museu da Imagem em Movimento** para a Comunidade.

Agradeço desde já que disponha de algum tempo para responder a este questionário, contribuindo assim com a sua opinião.

As informações recolhidas neste questionário são **anónimas e confidenciais**.

Marque **X** na opção correta.

I. Identificação

Género

Feminino	<input type="checkbox"/>
Masculino	<input type="checkbox"/>

Idade

15 a 29 anos	<input type="checkbox"/>
30 a 44 anos	<input type="checkbox"/>
Mais de 45 anos	<input type="checkbox"/>

Habilitações literárias

Sem instrução	<input type="checkbox"/>	Ensino básico	<input type="checkbox"/>	Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	Mestrado	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>

Profissão

Estudante	<input type="checkbox"/>	Reformado	<input type="checkbox"/>	Desempregado	<input type="checkbox"/>
Trabalhador por conta de outrem	<input type="checkbox"/>	Trabalhador por conta própria	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

II. Contacto com o M|i|mo

Tipo de Contacto

Visita	<input type="checkbox"/>	Visita Guiada	<input type="checkbox"/>	Palestras	<input type="checkbox"/>	Atelier	<input type="checkbox"/>
Atividades	<input type="checkbox"/>	Workshops	<input type="checkbox"/>	Outra	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

Por favor especifique o tema: _____

Como teve conhecimento? _____

Com que frequência se desloca ao M|i|mo por ano?

1 a 5 vezes	<input type="checkbox"/>	6 a 10 vezes	<input type="checkbox"/>	11 a 15 vezes	<input type="checkbox"/>	Mais de 16 vezes	<input type="checkbox"/>
-------------	--------------------------	--------------	--------------------------	---------------	--------------------------	------------------	--------------------------

No grupo **III.** e **IV.** assinale conforme o seu grau de concordância com a afirmação, tendo em conta a seguinte escala: **N/S – Não sei; 1 – Discordo Totalmente; 2- Discordo Parcialmente; 3 – Concordo; 4 - Concordo Parcialmente; 5 – Concordo Totalmente.**

III. MIMO

Em relação à Instituição e à sua relevância para a comunidade.	N/S	1	2	3	4	5
A ida ao Museu é enriquecedora.						
O tema da exposição é interessante.						
Encontra-se aqui uma oportunidade para ter acesso à cultura.						
Estimula a reflexão nas pessoas.						
Promove o desenvolvimento dos indivíduos e da comunidade.						
Estimula a curiosidade.						
Promove a convivência social.						
Proporciona uma boa alternativa para a ocupação do tempo livre						
É uma boa base para pesquisa.						
É importante para a preservação/promoção da Identidade.						

IV. Educação

Em relação às atividades, <i>workshops</i> , palestras, visitas, ateliers.	N/S	1	2	3	4	5
As atividades promovidas pelo Mjilmo são ferramentas eficazes ao serviço da educação.						
Através delas podem-se desenvolver atitudes ou valores.						
Através delas podem- se transmitir conhecimentos.						
Promovem um desenvolvimento integral do indivíduo.						
Estas aprendizagens podem-se repercutir na vida social e na comunidade.						
Estimulam o cumprimento de regras de convivência.						
Desenvolvem a apreciação crítica/juízo estético em relação à arte.						
Contribuem para o contacto com várias formas artísticas e meios de comunicação.						
Ajudam a afirmação da identidade através da apreciação do património cultural.						
Apelam à consciencialização da diversidade cultural.						
Estimulam a aprendizagem ao longo da vida.						
Ajudam a identificar ou intensificar o seu potencial artístico.						

Pede-se agora que reflita um pouco sobre a sua deslocação ao Mjilmo.

V. Interação

Na sua opinião, o que acha que aprendeu com a sua ida ao Mjilmo?

Na sua opinião quais são os contributos do Mjilmo para o Desenvolvimento Comunitário?

Se se encontra a frequentar um atelier ou atividade regular agradeço que dispense mais uns minutos para responder às questões da página seguinte.

No caso de não frequentar agradeço desde já a atenção disponibilizada ao dar o seu contributo para o desenvolvimento deste estudo.

A sua opinião é muito importante.
Muito obrigada pela sua colaboração.

VI. Atividades regulares ou prolongadas

Porque veio para este programa?

Quais os aspetos que estão a ser mais importantes para si nesta experiência artística?

Recomendaria esta experiência a outra pessoa? A quem? Porquê?

Acha que estas aprendizagens se refletem na sua vida pessoal e social?
De que forma?

Na sua opinião, acha que o M|lmo contribui para a educação/formação da comunidade?
Como?

Obrigada pela sua colaboração

Anexo VIII – Gráficos Questionários

Grupo I

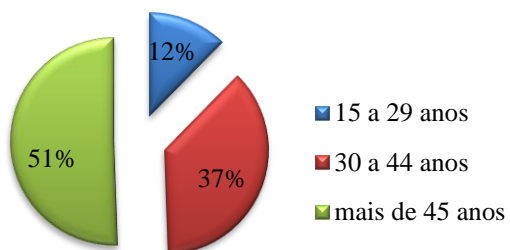


Gráfico 1 – Idade

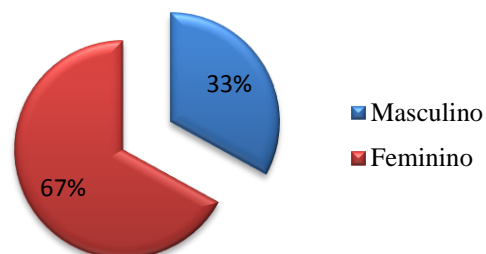


Gráfico 2 - Género

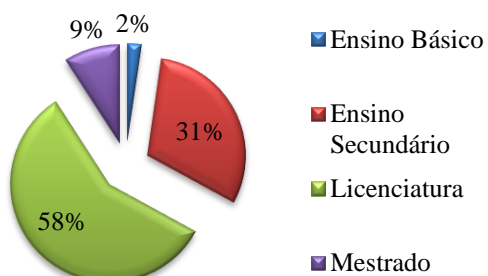


Gráfico 3 – Habilitações

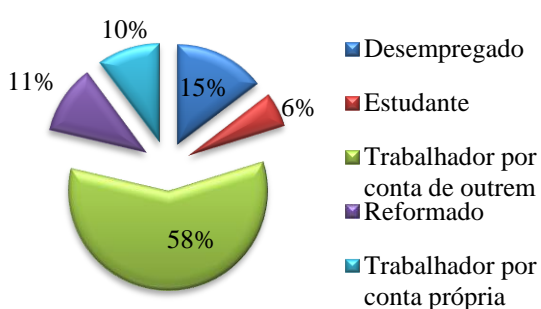


Gráfico 4 - Situação Profissional

Grupo II

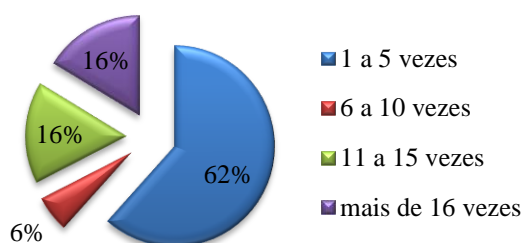


Gráfico 5 – Visitas ao Mimo por ano

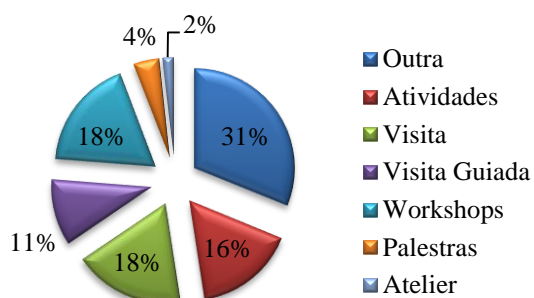


Gráfico 6 – Tipo de Contacto

Grupo III

Escala: N/S – Não sei; 1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo Parcialmente; 3 – Concordo; 4 – Concordo Parcialmente; 5 – Concordo Totalmente.

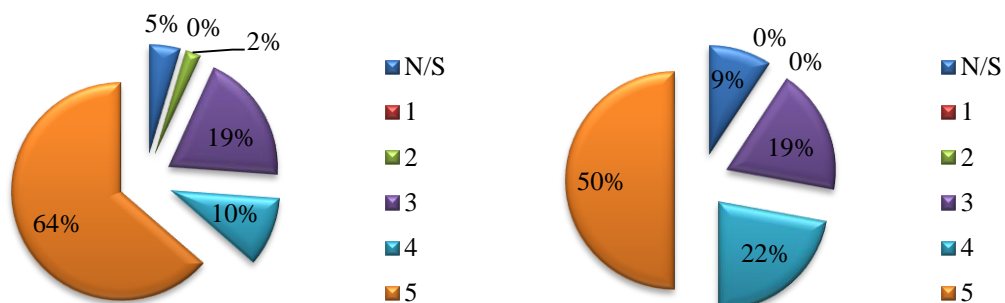


Gráfico 7

A ida ao Museu é enriquecedora.

Gráfico 8

O tema da exposição é interessante.

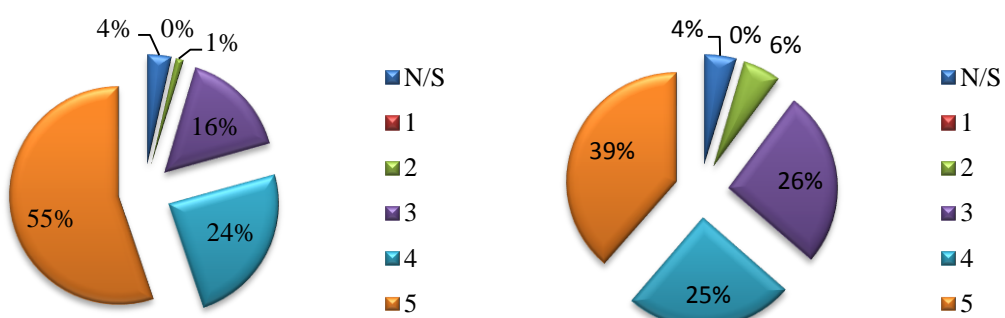


Gráfico 9 - Encontra-se aqui uma oportunidade para ter acesso à cultura.

Gráfico 10
Estimula a reflexão nas pessoas.

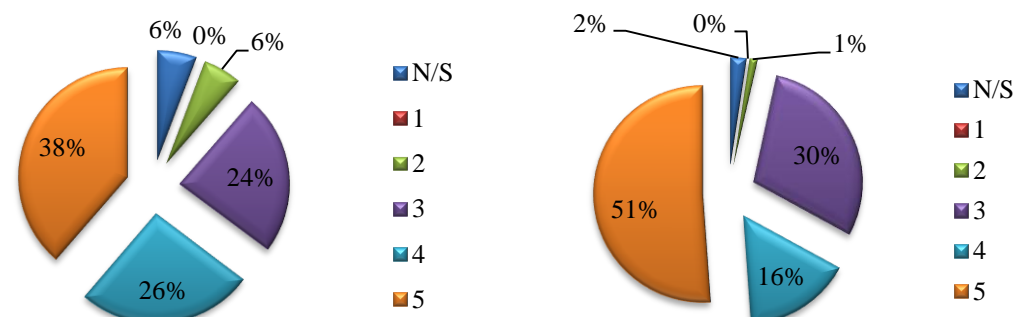


Gráfico 11- Promove o desenvolvimento dos indivíduos e da comunidade.

Gráfico 12
Estimula a curiosidade.

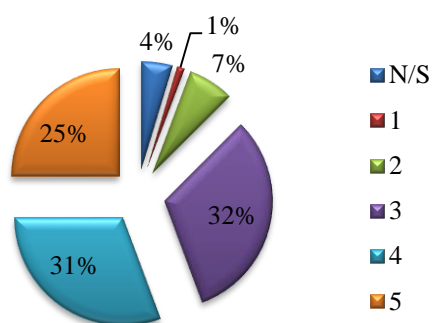


Gráfico 13
Promove a convivência social.

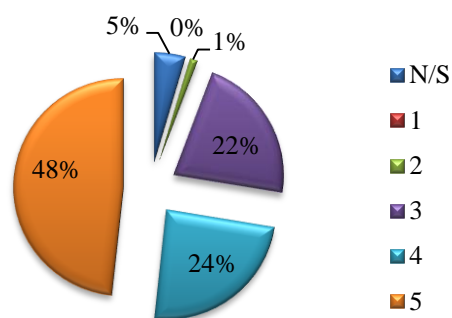


Gráfico 14
Proporciona uma boa alternativa para a ocupação do tempo livre

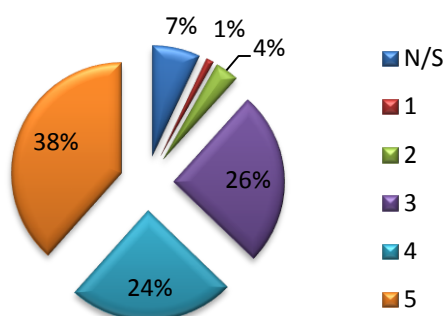


Gráfico 15
É uma boa base para pesquisa.

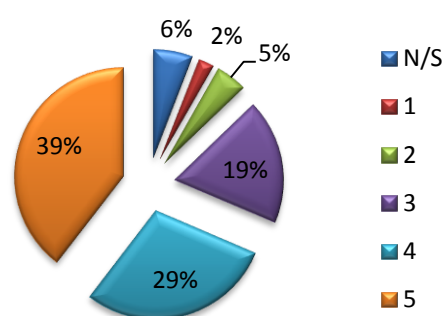


Gráfico 16 - É importante para a preservação/promoção da Identidade.

Grupo IV

Escala: N/S – Não sei; 1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo Parcialmente; 3 – Concordo; 4 – Concordo Parcialmente; 5 – Concordo Totalmente.

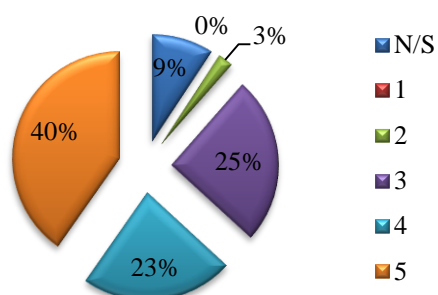


Gráfico 17 - As atividades promovidas pelo Mj|mo são ferramentas eficazes

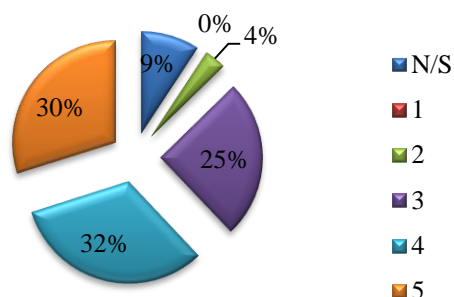


Gráfico 18 - Através delas podem-se desenvolver atitudes ou valores.

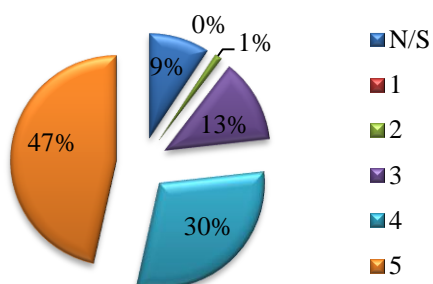


Gráfico 19 - Através delas podem-se transmitir conhecimentos.

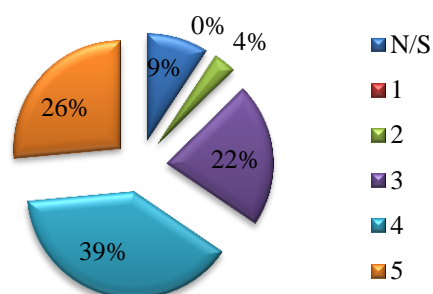


Gráfico 20 - Promovem um desenvolvimento integral do indivíduo.

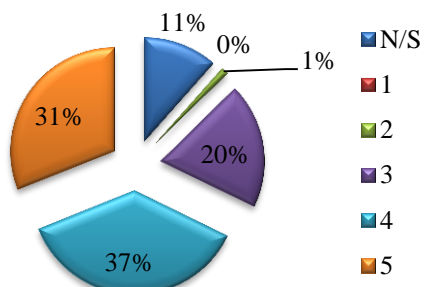


Gráfico 21 - Estas aprendizagens podem-se repercutir na vida social e na comunidade.

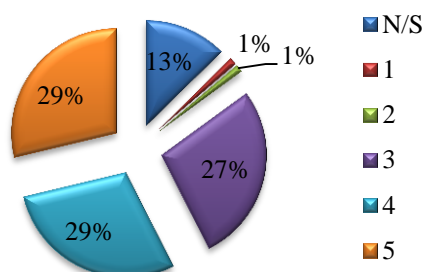


Gráfico 22 - Estimulam o cumprimento de regras de convivência.

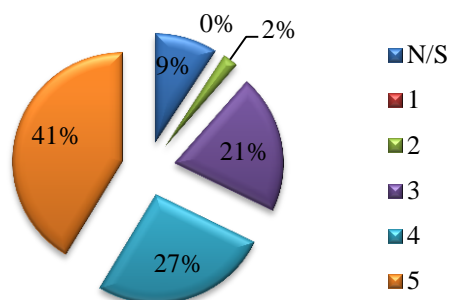


Gráfico 23

Desenvolvem a apreciação crítica/juízo estético em relação à arte

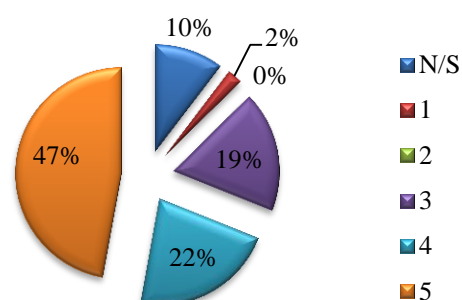


Gráfico 24

Contribuem para o contacto com várias formas artísticas e meios de comunicação.

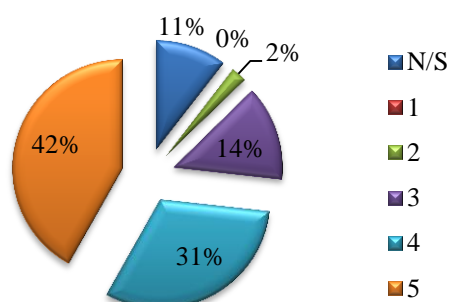


Gráfico 25

Ajudam a afirmação da identidade através da apreciação do património cultural.

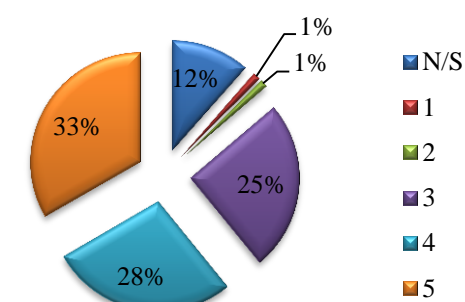


Gráfico 26

Apelam à consciencialização da diversidade cultural.

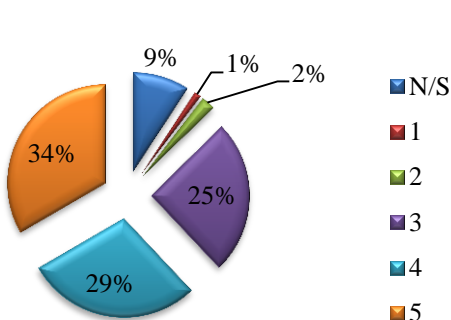


Gráfico 27 - Estimulam a aprendizagem ao longo da vida.

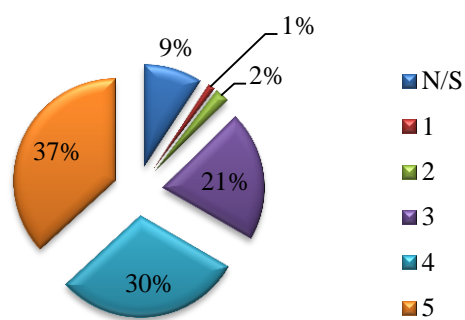


Gráfico 28 - Ajudam a identificar ou intensificar o seu potencial artístico.

Anexo IX - Grelha de análise de Conteúdo 1ª Questão Grupo V

Questionários

Na sua opinião, o que acha que aprendeu com a sua ida ao MIMO?	Cinema e Fotografia	<p>“Conhecer passo a passo a evolução da fotografia e do cinema Outras formas de Arte. Informação através do cinema Documental.”</p> <p>“História, Cinema e Ciência”</p> <p>“O desenvolvimento do cinema e da fotografia; importância da imagem”</p> <p>“Pré-cinema, Fotografia”</p> <p>“História da tecnologia da imagem e do cinema. História de vivências da cidade de Leiria. O que vemos e como vemos”</p>
	(Re) conhecer Leiria	<p>“Que ainda existe quem se preocupe com a preservação da memória coletiva da comunidade”</p> <p>“Fiquei a fazer ideia de Leiria antigamente”</p> <p>“Recordações”</p> <p>“Como Leiria era antigamente”</p> <p>“A recordar tempos passados”</p>
	Conhecimento	<p>Adquiri conhecimentos, troquei experiências, desenvolvi capacidades.</p> <p>conhecimento histórico</p> <p>A olhar para um museu enquanto espaço de liberdade criativa, construindo-se o conhecimento de formas diversas, mais ou menos informais.</p> <p>A imagem como forma de construir o conhecimento. A imagem que conta estórias.</p> <p>No que respeita a uma evolução cultural e do conhecimento relativo à imagem.</p> <p>Primeiro devo dizer que as minhas idas ao MIMO para ver exposições, ouvir palestras, ver cinema e ouvir concertos foram motivadas pelo prazer que me dão estas atividades.</p> <p>Mas não posso deixar de confessar que de volta a casa vou sempre mais enriquecida com novos conhecimentos, com mais abertura da mente e do coração.</p> <p>Aprendi coisas novas, tenho contacto com artistas que não conhecia. Aprendi novos conteúdos que me ajudam a refletir. Sinto que saio um pouco mais rica.</p>
	Cultura	<p><i>O Mimo contribui com atividades e promove a interação com a comunidade que não seria possível de outra forma, assim a cultura chega às pessoas de forma mais próxima.</i></p> <p><i>Contactar com a diversidade cultural</i></p> <p><i>A desenvolver espírito cultural e a sensibilidade.</i></p>
	Património	<p>Que é possível "guardar" "raízes" que nos podem ajudar a saber quem somos. É o nosso património que nos torna mais ricos</p> <p>O MIMO ensinou-me a ARTE/CIÊNCIA/PATRIMÓNIO cultural fazem parte do nosso quotidiano e devem ser preservados</p> <p>Um contacto direto com a imagem e um maior conhecimento deste património.</p>
	Educação	<p>Visita ao MIMO é uma experiência enriquecedora, não só na educação, mas na vida social e na comunidade.</p> <p>Que o museu não é um espaço apenas de "armazenamento" de peças, objetos e instrumentos históricos e do património mas um local de aprendizagem, criatividade e reflexão crítica que permite uma educação e um ensino diferente</p>

Anexo X - Grelha de análise de Conteúdo 2ª Questão Grupo V

Questionários

Categoria	Subcategoria	Na sua opinião, quais são os contributos do Mimo para o Desenvolvimento Comunitário?
Cultura	Acesso à cultura	<p>“Promove o desenvolvimento integral do indivíduo.”</p> <p>“Enriquecimento cultural”</p> <p>“Qualquer museu é fundamental ao desenvolvimento comunitário”</p> <p>“Contributo Cultural e Artístico.”</p> <p>“São bastante importantes os contributos do Mimo na medida em que permitem um maior conhecimento de formas artísticas diferentes bem como são uma forma de reforçar a identidade cultural da população”</p> <p>“Aproxima a cultura /arte do cidadão”</p> <p>“Promove a cultura visual na comunidade e na região”</p> <p>“Promoção de atividades culturais (ciclos de cinema, exposições temporárias - fotografia, pintura, espetáculos musicais) ”</p> <p>“Na minha apreciação o Mimo contribui para divulgar e enriquecer toda a comunidade a nível cultural e também enquanto pessoa.”</p>
	Integração	<p>“O Mimo dá um grande contributo para o desenvolvimento comunitário porque promove uma interessante panóplia de ações de divulgação cultural que estimulam essa interação.”</p> <p>“As ações culturais, as formações, a exposição e o serviço educativo são ferramentas fundamentais para a integração na comunidade onde se insere.”</p> <p>“Ajudar no desenvolvimento cultural da cidade e da interação entre várias idades, uma vez que promove atividades em diversas áreas culturais e para um vasto público-alvo.”</p>
Comunidade	Interação	<p>“Aproximação entre públicos distintos; desenvolvimento de atividades para público sénior e infantil”</p> <p>“Grande na medida em que pretende a interação com a comunidade.”</p> <p>“Não sei de que forma o Mimo contribui especificamente para o Desenvolvimento Comunitário, mas agrada-me ver visitantes de diferentes faixas etárias que participam em diversas atividades (por exemplo famílias a visitar as exposições ou adolescentes em workshops.)”</p> <p>“Congrega a comunidade no interesse pela preservação da História local e da História Geral - do pormenor à visão geral.”</p>
	Identidade	<p>“A exposição temporária patente neste momento, e que recria personagens, lugares e costumes da cidade de Leiria no passado, permite que os mais "antigos" recordem e revalorizem as suas experiências. Quanto aos mais jovens, podem conhecer de onde veem e quais as razões da comunidade que os envolve.”</p> <p>“Divulgação das memórias antigas da comunidade”</p> <p>“Apela à afirmação da identidade através do património cultural da cidade.”</p> <p>“Preservação de identidade.”</p> <p>“Preservar o património. Promover a cidadania.”</p>
	Arte	<p>“Espaço que ajuda os Artistas/ Associações a promover/ mostrar o seu trabalho.”</p> <p>“Diversidade. Artes. Comunicação. Apreciação crítica.”</p> <p>“Promoção e desenvolvimento do potencial artístico na cidade de Leiria”</p> <p>“Espaço de convivência, partilha e que move a arte pela arte, a criatividade e a identidade urbana/coletiva”</p>
Educação	Formação	<p>“Os contributos deste museu para o desenvolvimento Comunitário são estimular a aprendizagem ao longo da vida e transmitir conhecimentos na comunidade.”</p> <p>“Promove a transmissão de conhecimento, desenvolve o sentido estético em relação à arte, possibilita trabalhos e pesquisa”</p> <p>“Estimula a aprendizagem e a pesquisa por parte da comunidade escolar.”</p>

	<p>Informação</p> <p>“São bastante importantes os contributos do Mimo na medida em que permitem um maior conhecimento de formas artísticas diferentes bem como são uma forma de reforçar a identidade cultural da população”</p> <p>“Lugar de encontro, de cultura, de conhecimento e de lazer.”</p> <p>“Divulgação, informação e Educação”</p>
--	---

Anexo XI - Grelha de análise de Conteúdo Grupo VI Questionários

Categoria	Subcategoria	
Porque veio para este programa?	Formação	<p>“Porque sou um apaixonado pela arte, fotografia, cinema. Sou Leiriense e orgulho-me deste espaço. Sou professor e tudo vale a pena quando sirva para aumentar as ideias criativas, na aprendizagem e educação.”</p> <p>“Para alargar /diferenciar conhecimento. Para enriquecimento pessoal e profissional.”</p> <p>“Para inovar as minhas práticas pedagógicas.”</p> <p>“Sim, porque quis saber mais sobre museus novos, museus e espólios mais modernos.”</p> <p>“Para enriquecer a minha atividade profissional e a nível pessoal.”</p> <p>“Necessidade de formação.”</p>
	Fotografia	<p>“Gosto pessoal pelo tema em questão "Fotografia", e é uma mais-valia para a minha área profissional.”</p> <p>“Por gosto pessoal relativo à fotografia.”</p> <p>“Para desenvolver competências ao nível da fotografia.”</p> <p>“Desde sempre me interessei pela fotografia e considere ser uma forma de adquirir mais conhecimentos.”</p>
Quais os aspetos que estão a ser mais importantes para si nesta experiência artística?	Aprender / Partilhar Conhecimentos	<p>“Culturais.”</p> <p>“Aquisição de novos conhecimentos e partilha.”</p> <p>“Partilha de experiências.”</p> <p>“Ideias novas, diversidade.”</p> <p>“Informação teórica e desenvolvimento artístico.”</p> <p>“A aprendizagem técnica e o aperfeiçoamento.”</p> <p>“A aquisição de conhecimentos, a troca de experiências, a possibilidade de evoluir ao nível das aptidões e do sentido estético, da crítica e da autocrítica.”</p> <p>“A aquisição de conhecimentos técnicos. Tomar conhecimento de uma realidade artística e profissional até então desconhecida. Ter a possibilidade de experimentar novas técnicas e experiências fotográficas.”</p> <p>“Aprendizagem de técnicas a nível da fotografia e o despertar da criatividade aplicada à fotografia.”</p>
	Experienciar o Museu	<p>“Viver o espaço de uma forma completamente diferente da usual.”</p> <p>“A diversidade do museu.”</p> <p>“A forma e a metodologia aplicada para a reflexão crítica sobre a arte, o papel do museu na educação e como espaço educativo.”</p> <p>“Sair das "paredes" da escola tornando o ensino mais atrativo.”</p> <p>“A "obrigação" de ver as coisas de outra perspetiva.”</p> <p>“Aprender a olhar/observar.”</p>
Recomendaria esta experiência a outra pessoa? A quem? Porquê?	Quem	<p>“Sim, neste caso específico a todos os que gostam de fotografia, pois desperta o lado artístico que há em nós e aprendemos bastante a nível técnico e conceptual.”</p> <p>“Sim, aos meus alunos porque estimula a curiosidade e serve de base de crescimento.”</p> <p>“Sim. Aos meus colegas família porque é uma experiência agradável e ao mesmo tempo cultural.”</p>
	Porquê	<p>“Óbvio! A todos, sem exceção! Se tem um papel comunitário deve ser aberto a todos e para todos no geral.”</p> <p>“Sim, porque é muito enriquecedora.”</p> <p>“Sim, colegas, alunos. O saber, o conhecimento são fundamentais.”</p>

Acha que estas aprendizagens se refletem na sua vida pessoal e social? De que forma?	Aprendizagens	<p>“Claro que sim. Tudo o que aprendemos seja teoricamente ou praticamente vai refletir-se na nossa vida. Mesmo que a aprendizagem seja num tema específico, pode vir a encaixar-se numa situação distinta e sem essa aprendizagem o nosso comportamento nessa situação não seria o mesmo.”</p> <p>“Reflete nas aprendizagens e troca de experiência. Saber ser e estar.”</p> <p>“É óbvio que considero estas aprendizagens muito positivas, por me permitirem evoluir, ultrapassar os meus limites conhecidos, me elevarem a autoestima e a capacidade de melhor compreender esta arte: a fotografia.”</p>
	Abertura a si e ao outro	<p>“Sim. Enriquecimento cultural.”</p> <p>“Sim, perspectivas de vida diferentes, diversidade cultural.”</p> <p>“Sim. O nosso olhar sobre as pessoas e as coisas muda, tona-se mais rico e tolerante.”</p> <p>“Sim, ajudam-me a ver os outros e a comunidade de forma mais enriquecedora.”</p> <p>“Sim. Criando novos recursos.”</p> <p>“Sim, ajudou ao crescimento pessoal.”</p>
	Não	<p>“Não, refletem-se mais na profissional.”</p> <p>“Não.”</p>
Na sua opinião acha que o Mimo contribui para a Educação/formação da Comunidade?	Oferta cultural	<p>“Sim, através dos <i>workshops</i> e cursos uma aprendizagem específica que pode ir ao encontro dos gostos pessoais e objetivos profissionais. Através das exposições que se podem encontrar no Mimo, desperta em nós a curiosidade e paixão pelo mundo do cinema.”</p> <p>“Evidentemente que sim, pelas visitas temáticas e permanentes que tem e também pelas formações que tem vindo a proporcionar.”</p> <p>“Contribui, dando a conhecer o seu espólio e promovendo atividades artísticas.”</p> <p>“Sim, através das ações que promove.”</p> <p>“Como já referi, através da promoção e realização de eventos culturais.”</p> <p>Sim. Este curso é evidência deste facto.”</p>
	Relação com a comunidade	<p>“Sim. Maior conhecimento da vida da cidade e das pessoas que por cá passaram.”</p> <p>“Sim, uma vez que permite ver a cidade de outra perspetiva.”</p> <p>“Sim! A partir do passado (material e imaterial) promove a reflexão e a memória (pessoal e coletiva) e sintetiza as diversas formas de olhar aquilo que é tão nosso: O PATRIMÓNIO.”</p> <p>“Sim, porque promove a relação entre cidade e o crescimento pessoal.”</p>